CLE - Arquivo

ENTREVISTA COM O DR. PAULO VANZULINI

VANZOLINI, PAULO. PAULO VANZOLINI (depoimento, 1977). Rio, FGV/CPDOC -História Oral, 1985 (História da Ciência -Convênio FINEP/CPDOC).

Proibida a publicação no todo ou em par ta; permitida a citação. Permitida a cópia xerox A citação deve ser textual, com indicação de fonte.

> Entrevistadores: Aspásia Camargo Márcia Bandeira Carla Costa

UNICAMP ARQUIVO CLE

1500

CLE - Arquivo

1. ENTREVISTA - 15.02.1977

M.B. - Bem, o projeto ficou com o senhor naquele dia.

P.V. - Certo.

M.B. - O que nos quariamos era ter una ideia da experiência pes soul do serbor com a Zoologia, coneçando basicamente pela sua formação. Como o serbor se formou?

Para entender isso, wou dar primeiro um quadro geral, por que Zoologia feita no Brasil - vanos esquecer o problema de estudos sobre animais brasileiros - começou na segunda metade do século XIX, com o Museu Nacional, com o Museu Goeldi e com o Museu Paulista. O Museu Nacional realmente era um foco nacional. O Museu Goeldi e o Museu Paulista eram chefiados por estrangeiros que não tinham o menor in teresse na cultura brasileira. Eles simplesmente queriam estar perto da natureza tropical. O Goeldi e o que foram diretores, respectivamente do Museu do Museu de Ipiranga e do Museu Goeldi, foram exploradores do Brasil, mas não foram criadores de cultura brasileira. Poram importantes na medida em que montaram coleções principalmente bibliotecas, numa hora en que comprar livro antigo era făcil, porque os livros ainda eram novos. En tão, esses homens deram certas condições de trabelho.

Decois voio um fase de desenvolvimento da Zoologia brasi leira busenda em Saúde Pública. Veja o exemplo de Mangui nhos. Vanos dizer Adolfo Lutz estudandão esquistossomose. Então, quem é o agente, o transmissor da esquistossomose, o vetor da esquistossomose? Não havia quem conhecesse mo luscos, não havia quem conhecesse sapos. Então, o pessoal de Saude Pública começou a fazer Zoologia visando explici tamente os problemas de Saúde Pública. Isto veio a trazer una das piores distorções da Zoologia brasileira. uma vez que se cria um núcleo de recursos e de especialis tas numa casa é muito dificil dizer para o sujeito: que de fazer Zoologia, porque o problema de Saúde Pública já desapareceu". O exemplo mais recente foi no Instituto Butantã, em São Paulo. Quando apareceu tifo exantemático em São Paulo, sabia-se que o transmissor seria um carrapa to de qualquer natureza. Então, o parasitologista do Bu tantã, Flávio da Fonseca, começou a estudar carrapato, por que não havia especialista no Brasil. Montou uma biblioteca, una bruta coleção. Na hora en que se resolveu o problema do tifo exantemático, que não tinha mais resse, o Doutor Flavio não ia parar de estudar carrapato para pegar outra coisa. Agora, na hora em que o Doutor Flávio morrou - ou se tivesse se aposentado - ficou aquela tradição lá dentro do Instituto de que "temos que munter a coleção de carrapatos, temas que arranjar especialistas". E não arranja. E ques maio sofreu com Isso foi Nanguirhos.

Manguirhos entrou musa crise danada porque todo o passoal.

do zoologia virou zoologo profissional e pordeu completa
munte a visão do problema de Saúde Pública, que era a ra
cional delos toram entrado na Zoologia.

A terceira fase foi a criação da triversidade de São Paulo
quando, pela primeira vez, a Scologia entrou camo profis
são. O primeiro professor foi o Professor Bresslau, que
era un grando zoblogo. O segundo... Breeslau morreu logo
e veio o Professor Nercus, que era un excelente morfologia
ta, vanos diser, un hom zoblogo do século XIX, rua sem a
menor visão de problema geral, e, principalmente com gran
de desprezo pelo Brasil, porque ele achava que no Brasil
não se procisava dar mais na faculdade do que no esta sio da Alemenha. Era essa a conjuntura quando eu comoci.

Nacci em 1924 e meu pai em engunheiro e professor na Uni vermidado de São Pamilo. Era muito chegado a uma porção de matenáticos e, na área de Biologia, já era amigo do Drey fus, que foi uma influência muito grando na minha vida Bu, con 14 anos do idade, estava no quinto ano girasial. Tinha um professor de anla prática que ensinava de noite no Lí cou Pan Americamo. Líceu Pan Americano era um pró-médico, pró-jurídico, etc., fundado pala Escola Paulista de Nedici no, seb a din ção de um engunheiro diamedo Antânio de Carvalho Aguiar, que hojo é presidente da Brom Boseri, se não ne engano. Poi um experiência nova no ensino. Le varam uma porção de cientistas bons. Mos pai, por exemplo, escinsva Ernensia no pré-jurídico. Era professor de Economia da Politécnica e ensinava mma pré-jurídico notur no. E o Professor de Biologia era Antônio Clemente Perejurídica de Saíde Pública, discípulo do Travassos, aqui de Hanguinhos, que trabalhava no Instituto Biológico, en São Paulo.

Entio, com 14 anos de idade, comecia a frequentar o labo
ratório do Doutor Clerento Peceira, no Instituto Biológico
E este 5 un fato muito interessante para vocês anotarea, poquo, nequele tempo, havia esta granda flexibilidade gue
pemaitia a un senino de 14 anos começar a frequentar un la
boratório simplemente como voluntário. Ajudava nisso, me
xia maguilo. Compusendor Bu, por escuplo, no Nassou, te
não isso. Mas hoje es dia está muito sais institucionalizado. Tudo querem te fazer passar un secume, 17 papóis, etc
pen nesso tempo havia esca guande facilidade. Intão, com
14, 15 anos de idade, eu ata era un sujeito hipercrítico.
Escutava todas essas comercas de Isboratório: "Rulano de
tal é un picareta". (Risos) O professor fulano chegava e
dixia assim: "Rulano é un picareta, o trabalho dele é ruin
para burno". "Mis como, un estodiático!"

Al aconteceu a coisa que foi importante na minha vida, foi muito importante mesmo, porque sou o último dessa gera ção. O Dreyfus no disse: "Você quer estudar vertebrados? En tre na Escola de Medicina, porque a Paculdade de Filosofia não está aparelhada para ensinar vertebrados. O Marcus é puramente um professor de invertebrados e você la seu tempo. Então, você entra na Faculdade de Medicina, on de você terá uma anatomia muito bem dada. Depois é muito făcil você extrapolar para os vertebrados. Pisiologia vai ser toda feita com sapo, com peixe, com rato, que é a Fi siologia que você teria numa hoa faculdade de filosofia. Você vai ter una boa Embriologia, Histologia, Bioquímica. Na Faculdade de Medicina você se preparară muito para fazer Zoologia de vertebrados, do que na Filosofia" . Então, eu estudei Medicina, sem a menor intenção de jamais praticar Medicina. Do quarto ano em...

A.C. - É un caso totalmente excepcional.

P.V. - Não. Sou o último, porque o Clemente Pereira era mêdi
co... Até meu tempo se estudava Zoologia en Faculdade de
Modicina porque era o cameço da Faculdade de Filcesofia. E
acontecou un regócio mito sério cos a Faculdade de Filceso
fia, que é o seguinte: houve una grande repulsa das esco
las profissionais centra a Faculdade de Filcesofia de São
Paulo. Cueriran fechar. Quando a Faculdade de Filcesofia

gambou um andar em cima da Faculdade de Medicina, na hora om que puseram os andaimes, os alunos de medicina foram la, insuflados pelos professores, de machadinha... foi em 1938. Arrebentaram tudo. E eles diziam: "Fecha a faculdade, porque o Departamento de Física tem so um aluno, o de Matemática não tem nenhum". E o pessoal da Faculdade de Filosofia, ao inves de ter a coragem de dizer: "Pode não ter nenhum aluno mas os professores estão fazendo pes quisa, é uma Universidade", eles tomaram a solução franceses, que eram todos professores de Escola "Não. Nos somos formadores de professores secundários, não sonos formadores de cientistas". Então, essa abdicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, vem do fim da década de 30 de e começo da década de marcou o ensino superior no Brasil tragicamente. Confundiu essa função de fazer escola normal, de fazer professor se cundário com a função de formar pesquisadores de alto ní vel, que deviam ser duas funções completamente separadas. Eles abdicaram da função de pesquisa. Isso foi puramente o pessoal de humanidades, os franceses, que eram, já na es cola, professores de escola normal, escola normal superior.

M.B. - En todos os departemetros da Faculdade de Filosofia, ou mois en algunus áreas do que en outras?

- p.v. Queen resistiu mais foram ce finicos e matemáticos, mas o resto todo entrou nessa curriola. E ató hoje... Eu, uma vez, ofereci dar un curso de graduação de nível alto lá, de graça. O Nuseu dava un curso de graduação de nível al to lá, de graça. O Nuseu dava o curso de graça, e a reg posta que eu tive foi: "Levanta desnecessariemente o nível da faculdado".
- A.C. Quer dizer, o objetivo da faculdade é formar professore de nível médio?
 - P.V. Licenciatura. Bon, entôn, estudei Medicina e comendi a estugiar no Butantă, porque minha paixão sempre foi rép teis. Mas eu não podia ser nomeado no Butantā. Naquale tempo, a carreira de biologista não precisava de diploma, não precisava de nada. Bu não podia ser nomeado no Butant ti porque não tinha serviço militar. Aí fui servir o exágcito. Era o tempo da Guerra, fui convocado, e quando saí tinham dado seu lugar para outro. Piquei un ano parado, ensimando no ginásio. Depois, arranjel esse lugar no Musou, en 1946. E aí siz a minha vontado, a minha interção. Fui para os Estados Unidos, fiz o doutorementeo na Universidade de Harvard.

Esta foi outra coisa que mudou a minha vida, e mudou muita

coima na Zoologia brasileira. Digo isso assim, sem falea sudástia, porque a escola a que en portencia equi, a esco la de Nunguirbos, era una escola extremmente per tratógical; a cabiente zoológico se canacterizava pelo horror à teoria palo horror à generalização. A função nosma era cotalogar a fauna, descrever especie nova, catalogar fauna e actuar que os ingleses e americanos estavas errados em ansuntos de nomenclatura. E uma escola extremente presunçosa: "Não semos ou bons!"

De mode que quando cheguei nos Estados Unidos - tive a seg te de ser aceito pelo maior especialista que havia naquele tempo... Perque neu pai me deu o seguinte coxaelho: "Eg creva para o melhor sujeito, na melhor univernidade. Se ele mão te quiser, vai para o segundo, mas vai para o maior que vodê conseguir". E consegui. Até hoje, não entendo como é que o Robmar - e ele nunca conseguiu ma explicar - como é que o Robmar no aceitou. Porque en escrevi uma carta tão provinciana, tão besta, tão pretensiosa, e num implis dequeles, que até hoje acho que ele me aceitou por doscuido. Acabou sendo um grande enigo me.

Nos tive um choque cultural 15, que quaso fui parar no hospicio. Figuei tão deseguilibrado como meu atrass...
Parque eu chequei lá me achando o hom. O que faltava de lections. Imegines vocês que eu inventei de ler dois 11 vuos juntos ao memos terpo. Datão, fiz exercície de olbar

com um olho para cada lado e, depois, hotai dois livros juntos para ler. Al deu um estouro dentro da minha caboça e fui parar no hospital. Para vocâs veren o choque cultu ral que su tive.

Então, trabulhando em Harvard, entendi a nocessidade que havia do un musou universidário de nível alto, e a impor tância, para o brasileiro, de entrar na pesquisa de nível tância, para o brasileiro, de entrar na pesquisa de nível tabefoco. E, de foto, a minha geração - os homens que saiu do Brasil para fazar doutoramento en base competiciva. An tes, o brasileiro que ia fazar doutoramento fora era manda do para a Bodrániler para optender que, botando telo. em janelas, não entra mosquito; que, se você der comprimido, o carux não pega malária; e, andando de sepato, não pega mandaria; e, andando de sepato, não

A.C. - Para aprender os macetes?

P.V. - É. Era coisa de desemburrar nativo. Pavan, Nanvick, Kerr,
Labourian, eu, fonos os primeiros, a primeira geração que
saiu para fazor na dureza mesmo. Lá mão éramos considera
dos índios para seram desemburrados, mas estudantes como
quaisquer outros, para apambar igual sos outros. Noje, so
mos a goração que administrativamente menda, e 15 acmos

um geração neio podre. O pessoal causou da ciência muito ocdo. A muior parte do pessoal não chegou aos 50 anos fa zendo pesquisa criativa.

M.B. - Por quê?

p.v. — Isso é outro problema. Depois a gente fala nisso. Então, voltai. Sabia que la ser diretor do Maseu. Por uma razão muito simples: fui nomeado depois de tanto tempo sen nomea ren ninguím que, simplemente por antiguidade, vim a ser diretor. Todo mundo la se aposentar. E eu era o único no Maseu que tinha título universitário, que tinha o douto ramento.

Depois disso, fiz 16 doutorzamentos no fixere, de 65 para că. Hoje, não scose 19, dos quais cinco são doutores. Aí conciou a luta. Porque o arbiente não entendia que era ne cassária uma Zoologia de nível técnico mais alto, não ba seada en equipamento. Por exemplo, o Miller, Harry Miller, foi um indivíduo extremamente importante para a ciência bra silcira, porque foi o horse da Rockefeller que tirou a Rockefeller do campo médico para o campo biológico geral. Poi o horse que trouse dirheiro para a Genética. Ele 6 doutor Honeris Camse pola thiversidade de São Paulo, pela contribuição dela 8 Biologia en geral, e não 8 Nedicina e Saúde Péblica. A Rockefeller fea a Faculdade de Súdicina de Saúde Péblica.

de São Paulo, o prédio. Mas o Miller foi o homem que trou
xe o dinheiro para a Cenética e não só a Cenética de Mog
cas. Ele trouxe tanióm o Dobzhausky, que foi o que deu
grande impulso à Universidade de São Paulo. Poi a colabo
ração de Dobzhausky com Drayfus...

Vou voltar nisso num instante, porque esse é um pouco entendido. Outro dia estive até conversando com Pa van, que disse: "Puxa, Van, você tem razão mesmo, porque depois de amarhã são 25 anos que morreu Dreyfus, e ninguêm pensou nisso". Ele foi um homem importantíssimo. Mas o Miller, quando eu estava em Harvard, me mandou uma passa gem para ir a Nova York, e disse assim: "Você sabe que eu sou brasileiro honorário, eu sou paulista honorário? Ouvi falar em você. Como posso te ajudar, quando você voltar para o Brasil?" Eu disse para ele: "Doutor Miller, resol vi fazer uma linha de pesquisa que seja altamente teórica, altamente de vanguarda, qual seja, a origem da diversidade tropical" - que é um assunto que ainda está na vanguarda. Faz 30 anos e ainda não está resolvido - "Quero que brazileiro me ajudo e não me atrapalhe. Quero una de trabalho que seja um trabalho de campo, de lidar com bi cho. Quando o americano tiver que fazer una viagem cara. eu pego um ônibus e vou. O que preciso é de dinheiro para livro, para vidro, para guardar lagartixa, para alcool e vincem". Ele falou: "Esse tipo de coisa nos não damos. Wood proctoa entru numa linha mais mofisticada de posqui ma". E me dau o complo de trôs ou quetro linham mofisti cudas de proquisa. O negócio ó que a minha pesquisa deu muito curto e a desens três ou quatro mofisticados, elas estão copiando gringo atá hoje. Comprando apareiho com um ano de atrass... Mas quero voltar no assumto do Drugfus.

O nesócio é o seguinte: Dreyfus era um homem brilhantíssi no, mas não era cientista. O Dreyfus era um professor ma ravilhoso e um homem com um funo damado para a vanguarda O Dreyfus, quando já era cárioca... Quando se mudou para São Paulo, sabe do que ele vivia? De dar sula particular para tuma de módicos, sobre assuntos de novidade. Era a profisaão dele. Ele vivia bem. Droyfus gambou dinheiro, fazendo isso. Dreyfus tinha tudo quanto era quadro bonito e escultura ca cusa - sujeito que conhecta arte para bur ro. Ele reunia tumas de 10, 12 mádicos, e dava aula na cusa dale de Babriologia moderna. Nas ele nunca fazia... Senção que ele is fazer um pesquisa bonita, ele nunca fazia záa poque o negôcio dele não era pesquisa enta...

Af weio o blobhandly, que era una prisa-duna, un tipo de una valdede autro grande, a recolveu fazer una escola tro plocal, de Biologia tropical, e se associou con Drayfus. Eles tivorma a sorte de tre o Ravan, que foi o homes que sencou no microscópio e trabalhou com a mão. Porque, se não, a colaboração de Freyfus com Dibriansky teria sido outra das muitas do Breyfus. Quando pensarum em receltar as còras do Bouyfus, còras clentíficos, eu disse: "Mão faças essa locaura, porque só diminui a imagem do human". O Dreyfus fez pouco e mão fez mito boxa. Agora, a influência dele como organizador, o nível noral que ele, como di retor, imprimia âquela faculdade de filosofia, era un negocio fabaleso. Dreyfus era un hoxem de una coraços moral limitada, de un pensamento muito certo, de usa egrossividade tremenda. Ele realmente manteve o nível doquela negocio, atá que caiu na mão de una turma de politicóicas, etc, e hoje, é aquele desautre que a gente sabe.

Como todas as Universidades do Drail estão nesse nível, a nossa também está ruim quanto as outras. Mas culpa inturna. Ninguâm vai dizer que 6 Governo, que 6 Revoleção que 6 mada. É mau caráter interno mesmo. Naturalmente, u mas épocas favorecom mais os maus caráteres do que outras, más...

- A.C. Quer dizer que a influência do Dreyfus foi muis como perso
 malidade, como organizador, como diretor da escola do que
 proprisaente contribuição enquanto cientista?
- P.F. Exatamente. Ele trouxe gente muito boa. Mas es alumos do Dreyfus, cientificamente, são alumos dos colicos. E o

grupo de Dreyfus, ema eprenderan com os outros. O que o Dreyfus Lipha era principalmente una concepção de que é universidada, una concepção de que é foranção de cientista e de quais são as obrigações norais e éticas do cientista. Un peyfodo que parcou una época nos universidades.

M.B. - Ele passou para os alunos?

P.V. - Ahl Isso é outro problem. No passou não. (Risca) Cum
do ele acidou, acidou esse tespo. Entrou todo mundo na
aconologão, no delixa-disso, é coleça, não sei o quê, e
tal. Turbém tem uma coisas o pessoal da Filosofia foi tão
atacado pelas escolas liberais no começo, que eles ficaram
hiper-protetivos entre eles. Oser dizer, un deles subo
que o outro é ruim mas sempre tem aquele nanyo, aquele de
que eram eles contra o mundo. Compreendo? Una solidarie
dade.

M.B. - Una panelinha?

P.V. - Não é panela não. Una solidarisdose. Não é punela poque
não se juntam para o nal. Por exemplo, vamos pagar un in
divído que é mui to neu anigo e que é un caráter san ja
ça, que é Osoar Sala.

O Oscar Sala foi diretor ciencífico do FLATSP seis acos, e

cinco avos eu trabelhoi com ele. Não é fácil um homem da merma idada mera lugur-tenente do outro. Bu, para ser em pregado do Sala, é pouque nãs sonos muito emigos e nos en tendemos muito boso. O Sala nunca se juntou com a turma da Faculdade de Pilosofía para fazer malandragem nenhusa, mas toda vez que aparecia um daqueles 15, ele ficava com aqua la pena. Compresendo?

- A.C. Coração mole.
- P.V. Subliminarmente, ele é da velha turma. Meninada que apa nhou muito junto. Bobice.
- A.C. Aquelas reuniões que Dreyfus fazia, o senhor disse que eram reuniões informativas sobre...
- P.V. Não. Não. Eram cursos. Era curso disto, curso daquilo, pagando tanto. Não eram reuniões não. Era curso no duro.
 - M.B. Aula particular.
 - P.V. Cursos particulares dados na casa dele também. Por exem plo: Embriológia moderna, Morfologia do sangue. Dreyfus vi via disso.

M.B. - Quer dizer, ele atualizava os medicos?

É. Era fantústico. Frequentemente eu la la para cuvir. Isso traz a coisa para quando voltei para trabalhar no Mu seu. Também tenho uma coisa muito boa, que foram três bol sas sucessivas da Guggeinheim. E a primeira foi muito - ú til pelo sequinte: quando fui fazer o doutoramento nos Es tados Unidos, não fui com bolsa. Eu tinha 80 contos que neu pai me deu. Estava casado e esperando o primeiro fi lho. Então, corprei passagen de ida e volta. O dinheiro dava para seis meses e falei para o meu chefe: "Preciso ou de um emprego, ou de uma bolsa". E disse para ele: "Perdi o prazo da Guggeinheim, e só agora descobri que brasileiro só pode pedir Guggeinhoim no Brasil". Daí a uma semana re cebi uma carta da Guggeinheim, dizendo: "Soubemos que o se nhor perdeu o prazo no Brasil. Isso não tem problema. Pe ça por aqui mesmo". Daí a 15 dias, no fim de setembro, eles me concederam a bolsa, e disseram: "Vale a partir de primeiro de janerio. Estou lhe mandando três trimestres. No mês que vem vai mais um trimestre".

No mesmo tempo, Pointer ne arranjou un esprego de assisten te dele, nua curso de evolução. Pegusi todo esse dinhei ro, 1500 dólares da Guggeinheim, e mardei para un livreiro inglês, de ques sou freguês até hojo. E disse: "Mande o que tiver de livros de Herpotologia". Comocei a fundar af um biblioteca que hoje é uma biblioteca praticamente per feita. Começou exu esses 1500 dólares de Coggeinheim. E com a Coggainheim, pude então visitar todos os maneus dos Estados thidos, fazer contaios pessoais e montar realmente um laboratório muito bom. Eu, por volta de 1955, era um penguisador independente, não precisava do dinheiro de nin guina.

A.C. - Laboratório lá no Museu?

É. Lá no Miseu. Aí entra a contribuição do Conselho P.V. -Pesquisas. Porque o Conselho de Pesquisas é una coisa mui to criticada - inclusive criticada por mim - porque que a eficiência do cruzeiro do Conselho de Pesquisa é moi to baixa, talvez 10%, se não for menos. Mas era o existia, e era liberal. Dentro da bagunça dele, era uma coisa extremamente produtiva, principalmente quando entrou o Couceiro como vice-presidente. O Conselho de Pesquisas, quando começou, era típica repartição federal. Você chega va lá com seu - como é que chama? - seu protocolo e tinha cinco serventes tomando café, discutindo futebol e você fi cava de pé, ali. Aí, Antônio Moreira Couceiro entrou vice-presidente, e disse: "Não, isto aqui é uma casa pesquisador. Pesquisador entra e fala diretamente comigo. fineu colega". A gente podia chegar e dizer: "Olha, Cou coiro, estou precisando de cinco mil contes para isso".

Então, de naceso pento de vista, o Conselho manca foi investicior mus laboratório, mus era o qua quebrava os galholo.

En precisava ir ao Peru, para ver um negócio. O Conselho, de um jeito ou de outro, me arranjava. Estou precisando de uma luga, me dava. Apareceu uma colegão para comprar; tem aí um coloubiano querendo vendar a coleção dele; eu não posso ir à Colômbia colecionar; o Conselho quebrava o galho. A influência do Conselho Nacional de Pesquisas na zeologia foi maito granda, do pento de vista de pronto-so corro. Foi muito ruia, também, porque eles daram bolsa para tudo quanto é analfabeto. Minha vedete precisa fonen tar:

Então, o rebalizamento de nível do... Não que essa gente influa no emidente, porque o ruim - a não ser que seja pro fessor catedrático, quando ele esteriliza en torno - oruim realmente não cama problema. Mas quando se vai fazer a nódia da profissão, o que se considera a zoologia no Brasti, vai-se ver que grande parte dos bolsistas do Consolho rebalizaran tremandemente o nível. Atá hoje. Por exemplo, uma das desgraças é a Escola de Farmácia em Belán do Pará. O sujeito é servente do Nameo Caellii, faz o madureza; faz Farmácia de noite; forma-sa, e vai ser bolsista do Cifra. Minguêm é contra o sujeito fazer curso notumo e subir na vida. Nas dizer que o sujeito ner servente, fazer mahamo ya e aquela faculdado de famáscia no notumo, dá lastoc

para alguém ser cientista, não dã. Acho que o sujeito querendo gunhar dinheiro e subir na vida, poée, deve. Mas chamar isto de cientista...

O Conselho tex sido extremente permissivo. Sempre foi. Não é Dico, não é Latras, não é ninguím. Sempre foi ex sim. S essa velha idóla de emprego federal. Não é eficiência, é exsistência. O Conselho fez um grando bem. Não cigo que fez mal, porque é cumo ou digo, esses amifabetos tucas não atrapalham ninguím. Não estão trando a minha pesquisa, não estão toxando men bicho. Agora, é chato para o mor próprio profissional da gento.

- A.C. Cria una profissão com valores extremamente desiguais.
- P.V. Exatamente. Quando val ter un Congresso, una qualquer coi sa assim, fica mum pento en que a gente começa a fugir do contato profissional. A gente fica mais ligada cos cole que cura porção muito aisturada. É como eu digo, não faz mal. É um desperácico de disheiro, man não val dizer que prejudica ninguês. Ao contrário. Nunca tive problema de recursos e nunca, como diretor do Maseu, tive que dizer não a ninguía, por faita de recursos. Disheiro sempre te ve e sompre veio. Naturalmente era brasleiro, quer dizer desoru e, quando se vê, o dólar já mabiu. Aí começa tudo desoru e, quando se vê, o dólar já mabiu. Aí começa tudo

de novo e toda essa porcariada. Mas, na realidade, nunca falton. Essa justiça se tem que fazer ao Conselho Nacio nal de Pesquisa. Se ele ajudou aos ruins, também murca deixou faltar para es bors. O Conselho nunca discriminou, principalmente na parte de puonto-socorno, de atunder ener gâncias, coisas inesperadas, un negócio de apurelho, una coleção, un livro que eparces, una coisa essim. A influên cia foi maito grande. No xocebi muito en valor. Se se for contar tudo que recebi en dinheiro do Conselho de Pesquisa, é una porcaria. Mas no que ne ajudou, valeu enome mente. Forque, quando eu conceei...

Al entra cutra coisa mitio interessante. A timidez do hra sileiro era porque não havia coleções nem biblioteca. A gente vivia na dâvida schre todo bicho. Os museus estrem geiros não confisevas na gente, não mandavas naterial, prin cipalmente material isportante e precioso, que é o que in teressava. Veja eu, por exemplo, que me fiz no Maseu de Harvard. Eu já trouse, da presente, coleções grandes; o que eu queria lá arrusava. Aí spareceu o bibliofilme, e depois o xerox. Isso virou tudo da perna para o ar. Por que, antiquamente, arranjar bibliografia era uma locura. O bibliofilme spareceu no década de 40. Imagine isso. En tão, coneçou a ficar possível arranjar livros que não exin tion no Brasil. Depois, quando spareceu o xerox, virou a Não 6 rea na biblioteca. Forque tambo grande parte no original. O que tem na biblioteca, para não se ter o tra balho de ir na biblioteca, se xeroquei tudo e encadornei, por autor. Fapo qualquer trabalho sobre réptais da América do Sul, sem sair de una sala de 100 m².

A revolução do bibliofílme, do microfilme, e depois, do xerox, foi us regécio espetandar. E o Consolho ajudara muito a gente nessa parte. Mandava buscar bibliografia fo ra. Também ajudou muito um negécio que se foz na década de 40, em São Paulo, chemado Fundos Chriversitários de Pezquisa da Universidade de São Paulo, que, na realidade, da va umas verbinhas de rada, mes tirha uma seção de microfil me puito boa. A gente quebrou todos os palhos do biblio grafia que podia, nequele tempo, com esses Fundos Universitários de Pesunisa.

Esses Punhos Universitários de Pesquise foras criados por lo Jorge Americano, so não se engano, quando ele era Rei tor. E tiveras usa outra consequência muito importantes sensibilizavam a clause científica paulisto para a recessidade de un forção entadad, porque o Conselho era Conselho

da Guenabara, em primeiro lugar. Warwick Kerr, uma vez, fez um estudo da despesa do Conselho em função dos quilôme tros do distância da sede. Al, houve um movimento e mete ram na Constituição paulista de 47 que o Estado teria uma fundação de amparo à pesquisa, à qual seria destinada 1/2% da receita ordinária do Estado. Essa expressão "receita ordinária" tem una explicação, que é a sequinte: se o Esta do contrair um empréstimo, por exemplo, para fazer uma hi droelétrica, se não puser receita ordinária, isso também conta como receita. Então, a fundação ia receber 1/2% de Urubupungã ou de estrada de ferro. Não era isso. Bra 1/2% de toda receita tributária do estado. Isso é uma grande vantagem, porque não depende de vontade do governante. É una dotação que é da fundação. Ela pode planejar a vida dela, porque sabe quanto é a receita do Estado de São Pau lo, quanto vai ter. O governo do Professor Carvalho Pinto foi o que institucionalizou isso. Porque precisa de uma lei ordinăria para regulamentar.

Ouem fez a lei fui eu. O coordenador dos estudos da lei fui eu. E eu me vali muito da experiência do Conselho Na cional de Pesquisa. Foi a coisa mais engraçada do mundo, poque o Couceiro se trancou três horas comigo numa sala en sa fulou scire tudo o qua estava errado no Conselho. E en faloi; "Per que você não corrige aqui dentro?" tha por ção de coisa que é erro no Conselho, se tirames fora da

PAPESP. Usei experiência da Rockefeller, da Ford e Gusgoinheim, principalmente.

- A.C. Busicamente, o senhor falou de un defeito do Cormelho que
 seria essa vocação assistencial. Como o senhor disse, tra
 tou dos bons e dos maus, dos mediocres. Quais seriam os
 outros defeitos da estrutura que o senhor veria no Corse
 lho?
- P.V. En vojo no Consulho o seguinte: mito peso de burceracia.

 A FARESP, por exemplo, parace que tem 17 funcionários, uma
 coisa assim, e us exemptador. O Consulho tem uma quantida
 de de diretores, diretor para isso, diretor para
 que deve cuetar uma fásula.
- M.B. Isso scopre foi um defeito do Conselho?
- P.V. Sempre. E vai crescendo. O Conselho tem croscido muito mais nessa parte, que chamo de parasitária, do que na par tz... Depois, só agora, o Conselho está realmente fazendo assessoria. O pior defeito do Conselho é que...

Pus isco na FAPESP e tem funcionado muito bem. A FAPESP já está com 15 anos e a gente sabe que isso funciona. Não me gobo de ter inventado isso, mas eu pus por causa do cessuplo de Corselho. Quan resolve no Conselho é un colegiado. Na FATESP, é un diretor científico, que é un verda éciro cara. Nas presta contas para un Conselho Superior, e publica un islatório, apualmente, com todo tratão que foi gasto. Porque o Relatório do Conselho de Penquisas, se vocês forces lor, vocês não entendem nada do que foi feito. O da FASTES diz: "Sau fulano de tal gumbou Crf 7.300,00 pa ra couprar una cadeira, una nesa e una lapineira".

A.C. - Discrimina todas as despesas.

P.V. - O diretor ciencífico é quem resolve, a não ser, naturalmente, em casou muito grandes, que ele leva ao Conselho Sigo rior. Mas ele tem uma auscessoria de mais de 1000 pessoas.

São 800 ou 1000 assessorem que tem. Para cada campo, ele vai buscar uma assessor. O Clèg, agora, começou a ter um comitá assessor. Mas é um zoólogo, é um ecólogo, é um botánico.

E quan resolve nesmo é o Conselho. Agora, sabe o colegia do como é, não é? Me de 208 para medicina que eu te dou 15% para Pernacibuco.

Enquanto na FAPESP, além dessa assessoria muito boa, o di rutor científico escolhe o assessor que roalmonte entende daquilo. Usa quantos assessores quiser, cm segredo ou som segredo de assessoria. A decisão da FAVIST não é per feita, é lógico; é brasileira também. Mas corsidero una decisão maito mais perfeita do que a do Conselho, porque é feita por us indivíduo que tos a responsabilidade. Não dilui a responsabilidade num colegiado. Ele sabe que mora numa casa de vidro, cheia de microsofpios en cina. Ponque, en sociedade, tudo se sabe. Todo mundo está sabendo quan to ele deu para quem e para famer o que. Se ele comspar com favoritismo, entre as usa, inediatamente.

Para min, o sistema de julgamento do Coraelho... Un dia, un alto funciorário do Coraelho, en Belén, tomou umas três ou quatro caipirinhas a nais conigo, e me disse o seguin tre "Pois é, você é o maior crítico e coisa e tal. Nas quando chega lá no Conselho un pedido seu, se diz: dá de pressa porque é do Vansolini". Ten muito disso mesmo. Na malidade ten, e acho ruím. E acho que na Zoologia o Con selho ten jogado muito dirheiro foras. Jaso não é mistário, porque fiz un relatório para eles mesmos, dizendo isso. Es tá publicado. Publicarem no primeiro FECCT. O Relatório de Zoologia é mou.

A.C. - No seu modo de ver, qual seria a maneira de não jogar di rheiro foxa, de investir realmente nos valores que rende riam frutos, en termos científicos?

Aperta a burocracia ao máximo. Por exemplo, na FAPESP, na lei da FAPESP, tem uma coisa que não fui eu que pus. Foi até un hones de quem não gosto. Ela não pode gastar mais do que 5% en administração. Isso já limita. Os fun cionários são ben pagos, mas são poucos, e o negócio vai para o computador direto. Diminui a burocracia, concentra a responsabilidade. Quer dizer, poder é iqual a responsa bilidade. È un individuo que faz, que pode fazer decressa Não se perde tempo em discussões, em reuniões, em tramita ções. Agora, ele é altamente responsável perante um corpo superior, un conselho superior. Principalmente, é respon savel perante a classe científica, porque está todo mundo sabendo. A publicidade, você compreende. Ele ten até mar ço para publicar o relatório dele; ele tem que publicar Ca da relatório está lá, con una lista de guen ganhou, para que ganhou, e quanto ganhou.

A.C. - Todos têm acesso a esse relatório?

P.V. - 2 lógico. 2 distribuído obrigatorismente a todas as bi bliotecas. A quem pedir. E público. Essa é a grande coj sa: tomar as coisas públicas. Eso estou disendo que o Consolho esconde, rea nada. Só estou disendo que ele não tem obrigação de tomar público. Não se preocupa com essa parte. M.B. - E em comparação com os outros fruãos de financiamento de 20010/107

P.V. - Não tem.

M.B. - Não tem. São basicamente esses dois?

P.V. - Wou ver. Twocicamente ten. A SIMENE devia favoreer coi sas de pesca; a SIMENE, pesquisa no Nordeste. Nas o que aconteco con esses Orgãos é que as equipos são fracas. Não é que cles errem porque queitram errar, mas grande parte do pessoal não enverga, não sabe direito o que é pesquisa. Tem que botar algomm nesses lugares e se bota a matéria-pri ma que cestá af. Uha reunião de SUMENS, de SUMEN, é desses coisas da gente chorar. Vamos ver quanto tempo ainda val demorar. Mas quem pôr aí? Mandar buscar só estrangeiros, não resolve.

> Tam cumpos inteiros do ciência que mão se faz aqui, que não têm quan faça simplessente. Sá tive que orientar gen te en borboleta, já tive que crientar gente en coisa que nunca sorhei fazer na vida, simplessente porque, para sbrir un compo novo, alguía precisa começar.

> Wood não pode estar randando todo mando para o estrangei ro; não pode estar trazendo milhões de estrangeiros para cá. Entas, a gonto ton que se desdebrar na formação da gente.

M.B. - ' Que se faz em termos de Zoologia, no Brasil, hoje?

p.v. - Ediste a limba tradicional. Por excepto, vou pegar a Afa da Sociedade de Zeelegia do Rio de Jameine: escreve espé cle mova; ou então, esse bicho não era bon esse bicho, era aquele outro bicho.

> Existe a linha de Biologia evolutiva, de Zeologia evolutiva, va. Quais são os pedifices evolutivas? - que é a linha do neu grupo - ; por que que au coisas são cumo año? - cum uma interpretação teórica. Natio ligada - 6 a ventagem que nós tence - à Geomorfologia no Brasil, a todo o grupo de ciências da terra, Palecolinas, etc.

> E existe, egora, maita coisa boa sendo feita. É cade a me ninada está realmente indo para cima, em Zoología aplica da Trabalhando, por exemplo, com Biología de peixe, de pesca, não de peixe como problema teórico, mas com corvina, pescados, peixe realmente de interesses. Ten um grupóloga nográfico, em São Paulo... Tem várice grupos trabalhando bem, bem mesmo, na parte de Biología de populações, aplica da a problemas brasileiros. Esta é a ârea rais... Teorica mente, a mais quente é a minha; am su de catalema que a gen te cetá na vanguarda de pesquisu. Tudo isso é a minha; ha motória de dar prestigio, estou na mais remôcas. Mus na motória de dar prestigio, estou na mais remôcas.

- A.C. Como o nome diz, é mais aplicada, mesmo?
- P.V. O melhor elemento que tem em tudo isso é uma ex-aluna minha eu acho, não sei se por um pouco de vaidade de progressiva de la comparida de la fessor que veio para mim porque estava pertida na parte teórica. O grupo dela é um grupo de Biologia aplicade ex celente. Se eu fosse começar de novo, entraria nesse com po, porque o país precisa muito mais dinso do que o que eu faço. Seá bem que alguém tem que fazor o que eu faço. Seá bem que alguém tem que fazor o que eu faço. Pêtro de la pase para outros. Nas é muito mais compensador...
- A.C. Quer dizer que funciona essa troca entre pesquisa pura e aplicada? Como está funcionando, enfim? O senhor pode nos esclarecor mais?
- P.V. Vamos fazer com exemplo. A diretora do Instituto Oceano gráfico, naquele tempo, era Nurtha Vannucci, que é muito minha aniga. Un dia, ela chegou com essa aluma dela, a Lelé, e disse: "Olha, a Lolé esta com un problema aqui de estatistica". En já fui professor de Estatistica. En disse: "Não, o problema não é de estatistica" Depois de examinar, é clavo "O problema é de Biologia búsica".

O problema era o seguinte - para vocês versa a importância prática. Você ten una corta população de peixes que está sendo pescada. Então, existe um esforço de pesca. Quanto essa população aquenta de intensificação da pesca? estão vendo o que aconteceu com a lagosta, que foi super pescada. Agora, se você tiver una população só ao lango de toda a costa, com esses bichos se intercruzando livre mente... O que manda en termos de disponibilidade de popu lação é a população reprodutiva. Quer dizer, quantos bi dios estão se reproduzindo entre si? Qual é o grupo que tem acesso? Como o macho tem acesso à fêmea? Se for uma população số, ao longo da costa é uma coisa. Se forem di versas populações pequenas, isoladas - como está parecen do que é a sardinha - é outra coisa completamente diferen

Lelő tinha entupido o computador. Da falei: "Olha, o problowa não é de estatística. O problema é de reformular".

Essa mulher é corajosa, é séria. Jogou fora dois anos de
serviço e começamos tudo de novo. Es disse: "Vamos usar
uma metodologia que se usa em museu para cortos problemas
taóricos, tais como: por que na havadria existe uma distribuição assin de animois em relação a Palecolimas? Vamos
usar essa metodologia para ver o que dá". Chepou nua cor
to ponto en quo ela disso: "Eun, soora o problema está e
quecionado. Há indícios de que são diversas populações de
corvinse. Apora voa entrar com ocurro mátodos."

AÍ, ela entreu con os nétodos de Biologia de população a plicada, mas era porto della. Ela pegou a parte teórica co nigo. Cono é que você entende o problema de populações? Por que es trabalho nismo, meu negócio é euse. Por que na kauxônia, que é tudo igual, perece que é a noema floresta, você tem bichos que se encontrem e não são a messa coisa? Porque houve paleociimas, porque antigamento... Enfin, to da uma história.

A metodologia que foi desenvolvida para isso foi aplicada para iniciar o equacionamento de um problema de Biologia aplicada. Agora, ela está con a turma de estudantes dela. desgarrada de min. Não precisa mais de min. Naturalmente. tem sempre aquela ligação emotiva. Sou mais velho; de vez en quando quebro un galho; ten una dúvida teórica, qualquer coisa. Hoje é un grupo independente. Mas a permuta de in formação, começou dessa maneira. Naturalmente, eles tomam meus cursos. Quendo vou comecar um curso, todos os de posgraduação estão lá, inscritos, porque vêm pegar a base teó rica aqui. Mas o trabalho deles, a informação, ja está feita. A vacinação já está feita. Mascomecou assim, um problema que estava enquiçado por falta de um approach teó rico. Na hora em que dei, o negócio começou a andar, e agora anda completamente independente. O trabalho -deles ja está bem melhor do que eu seria capaz de orientar, hoje em dia. E assim está sespre aparecendo.

- A.C. Como são vistos coses aparentes fracassos pelas entidades que financiam a %cologia?
- P.V. Ningačm liga, ningućm liga. O negôcio ć na base pessoal messo. A FAPREP santém usa vigilância mito séria sobre a parte de carúter. Nalamáragem, ela corta a bolsa inte gral... Mas o negôcio de trabalho não dar carto, isso eg tã na rotina.
- A.C. Jã é uma grande coisa.
 - V. Ninguém cobra. Até podia cobrar un poco mais. Mas o Conselho cobra muito pouco. O Conselho nem cobra se o su jeito fez ou não fez. Não tem un secuniano de acompanha mento para saber se... At é que está. Porque todo mundo que recolve junto não tem un acompanhamento para saber se o individuo realizante fez alguna coisa ou não fez. Tem bolsas que vão se etermizando, e nunca o individuo fez na da.º Tembém é chato, é colega e todo esse negócio. Não tem Mas a FAPESP não liga muito quento a resultados de pesqui sa. Naturalmente, quando chega na põe-graduação, at o resultados aparece, porque o indivíduo ten un tempo para fa ser um tese. Ou fez a tese ou não fez.

De vez em quando, aparecem coisas lindas. Recentemente, tivemos um caso da FAPESP para eu dar parecer. Porque hou ve una dúvida com outro assessor. En disse: "Ne admira terem dado essa bolsa, porque esse projeto está muito mal
feito. Devem ter dado pelo name do orientador. De fato,
é us individuo competente e sério. Nas o projeto é extra
mamente vapo e esse estudente nunca vai conseguir fazer un
mestrado neste projeto. Vanos dar esses seis meses por
perdidos e reformular a coisa". Sabe que reformulação o
les propuseran? O rapar tinha feito um trabalho de Ini
ciação Científica, nas a revista não tinha dinheiro para
sair. Tirou o trabalho da revista e entrou como dissertia
ção de mestrado. E aquele de nestrado, que ele não conse
quiu fazer, ele passou para doutorado. A esta hora deve
estar todo mundo lá levando una bronca daquela da...

Existe esse acceparamento muito duro na FAPESP, na parte de pós-graduação, porque o indivíduo tem un prazo para en tregar uma tose ou uma dissertação. Isso não é obrigação de estudente; é obrigação do desfe; é obrigação de asses sor. Porque, se voõe me traz un projeto que é impratică val, eu te digo: "Esse projeto é impraticâvel. Vamos dis cutir, redusir isso a uma coisa que seja possível fazer". O estudante não tem jeito de sabor. Por exemplo: uma colega minha tinha uma aluma da pós-graduação. Depoia, essa mi não colega se demitiu, e eu hendel a moça, assim por um problema de ficar com pena. Quando fui ver, o serviço que u tinha arranjoio para ela deva umas cinco teses de deutoramento. Isso era um dissertação de mestrado. Eu disser "Piñra arqui. Completa ceto cento, e să".

Eu estava dizendo que, na pos-graduação, onde entra a expe riência e a criatividade do orientador é em ver o tamanho da mordida que se vai dar no sanduiche, para não ficar nem una teseginho de nada, non ficar afogado com a quantidade de material que não pode colher, que não pode dirigir. To da a ciência de orientar é ver que o problema seja bonito, de emoção. Ciência sem emoção é um submasturbatório. Que de formação; que exija que o candidato entre em problema teórico e em técnicas; que dê domínio de técnicas e acesso à teoria; que seja factivel; que seja uma coisa fechada em si mesma, e não um negôcio aberto para todos os lados. É al cua o orientador precisa se dedicar; precisa pensar; e precisa levar en conta, en primeiro lugar, o temperamento do estudante. Não adianta eu pegar uma pessoa que ten tem peramento para ciência experimental e botar para fazer un serviço de museu. Tem estudante que botei para fora do Mu seu por causa disso, que saiu ultra-humilhado, com raiva de mim. E hoje me agradece. Porque estou vendo qué o temperamento do sujeito não é para coleção.

Curatoria de coleção é un regócio que, para quan não gosta, deve ser horroreso. Precise fidar batendo róuslo de hicho catalogando, trocando âlmel, tudo isso. E o sujeito que tiver temperamento para isso, o sujeito que tiver temperamento para isso, o sujeito que tiver temperamento para isso, o sujeito que tiver temperamento para observar bicho ou para farer ciância esperiamentol não, deve ficar no Susse. Como o sobiente do Misea

ē maito gostoso, ē suito vivo - hā maitos seminārios, bons sotores - , tos suita gento que quar ficar lā, mas não pen sa que daqui a 10 anos vai ser us frustrado.

Então, na orientação, a parte principal é sentir o tempera mento do indivíduo, quar dizer, orientar o sujeito uma carreira na qual ele seja ben sucedido, não só tecnica mente, mas uma que realmente o realize como pessoa. Para que, com 50 anos de idade, faça como eu, que vou sábado, que vou de noite, às vezes vou no domingo, porque no vontade de ir ao Museu. Não é o sujeito que fica contando a hora de sair, cinco ou seis horas da tarde, que vira fim cionário público. É terrível isso. E nem sempre é porque o sujeito ten âmago de funcionário público, é porque ele está nun caupo que não é o dele. Na pôs-graduação, a gen te tem que conviver muito con a pesson. Almocar. umas cachaças para desinibir o sujeito, para assim, sentir o que a pessoa realmente é. E não ter aquela discussão: "Você senta aqui. O que você fez? O que você gostaria de fazer?" Você tem que sentir muito a pessoa, senão estará negando a ela a coisa mais importante que você pode dar, que é a sua experiência de vida. Se você é un cien tista realizado, se você está com 50 anos, se sente bem na sua carreira, trabalha com gosto, trabalha com emoção, com um tom sexual na coisa, então, você ten que dar isso para cutros. Não é vender un parecer técnico, una consultoria: meça sete peixos, pese o rabo dos 14 e corte a cabeça dos 17. Não é isso. É o que usa pesquisa representa, como es sa pesquisa vai para frente, como você enverga isso — en tormo de sua vida.

E a coisa que limita o número de estudentes que a gente po de ter, Eu não ajudo absolutamento ninguán a fazar tese. Estudente neu ou mada ou norre, afoga. Os selhoros, o La mas, por exemplo, un perumo que tem un trabalho maravilho so, lindo mesmo, saindo agora na Evelutión. O Lasas, eu vi a tese dele pronta. Agora, durante a elaboração da te se, ou conversava com o Lamas, oito, dez vezos por semuna. Batia papo: "Você já leu isso? Já leu aguilo?" "Chefe, estou pensando isso, estou pensando aguilo". Forma a cabe ça dele. A tese dele é artesanato. Tese é um artesanato. Eu tenho é que noldar, e moldar sem impor a minha. Não es tou querendo fazar 50 vansoliminhos, dentro do Núseu, mas estou querendo fazar 50 sujeitos realizados, como ou sou. Isto, é o que limita. E o tempo que a gente pode tar, o tumbóm o agrado que a gente tem.

Perque un chato, un besta, un pretenzioso, eu não tenho transa com ele nerbuma. Mão pode ser seu alumo porque não tenho prazer de bater papo com ele. Lembro-ma do Rebrer, que era nou dinfe. Era un grande polecutalogista, un su jeito extransación frio cum os estudantes de pós-graduação. Timba a gento por chrigação. Não queria saher. E ou tira wa coisa para hurro do Roberz. Por exemplo, o Rober tra balhava com un certo período geológico no Rusas, on que vo cô tem boloões de ifuseis. Lindos físseis, com crânco com ploto, que di para você ver detalhes anatômicos. Mas não les estratigrafía, não se sabe se este é mais velho do que agulle, porque não estão espilhados. Então, tinha un lugar na Pensilvânia, chamado Cormellarore, orde tinha todas essas coisas que o Rober estudava no Rexas, espilhadas em sequências estratigráficas. Mas ure físseis horroresos la tão, só un cara como o Reiner podía interpretar essa se quância do Cormellarore en termos do Texas, e vice-versa Du chegava lá, no súbado do tarde, e provocava o Rober: "Que troço miserável, que físsii horroreso". "É, mas voja".

E aí o velho, que estava cos 60 e tantos anos, conoçava a vibrar, a me mostrar as coisas. O que eu aprendia con ele era una muravilha. Mas por quo? Ponque ele era nou anigo. Ele tinha prazer en me emprestar o laboratório dele; tirha prazer en me contar as ideias dele; sabía que eu tanbén vibrava; sabía que eu entendia o pensamento. Agora, bota un chato de un esfocio que tinha lá... O homen diegou, fez una tese... Do jeito que ele saiu, ele entrou, porque o Robser nunca teve un hate-papo con ele.

A.C. - Otro o senhor conseguiu essa aproximeção tão grande com cle, sendo ele tra pessoa fechada, como o senhor disse? P.V. - Ele não era uma pressou fechada. Era desinteressado da gun te, cumo altunos de pre-graducção. Mas era interessado em gente. Não tinhamos um temperamento parecido, toxávamos umus cachaças juntos, de vez em quando, e cu atá entinava umo nomes feitos em espanhol para ele. Quando ele in para a Argentina, queria aprender nom feito. Éramos maigos,

A.C. - O senhor ficou quantos anos lá?

F.V. - Fiz doutoramento en dois anos e meio. Depois, tenho volta do cuda dois, três eros. Figuei associado en penguisa da Universidade. Cuda dois, três eros eu vou, e eles vêm pa ra câ.

A.C. - Ele vem para cá tumbém?

P.V. - Não. Ele não. Nunca trabalhei no campo dele.

M.B. - Claro, Paleontologia.

P.V. - Nunca. Fiz minha tase na Anatomás. Fiz una tase que ele não queria que eu fizesse. Brigou comigo. Ficou seis na ses sem falar comigo, por causa da minha tese. Mas os ou tros professores disseram: "Não seja besta. Essa que ele está quarendo que você faça é una exploração, para depois ele usar. Faça o que você que:". Ele ficou bravo. Não

A.C. - O que o senhor fez?

Fix una família, un grupo de legartos. Nem publiquei a tosso. Essa tese é maito citada, nas citada pelo Xerox de Marvard. Não é minha linha de pesquisa, nas ou queria ser cupiza de interpretar un grupo en temos da estrutura dele. Ponque você, para faser Zoopeografia, tem que ter una idisia da árvore de descendência do grupo. Eu queria pegar crânio e dizer: "Eon, de fato, esse bicho é purente despe le". Queria pegar conceitos. Então, pegusi una família de lagartos, recontenente fóssil e fiz a família pala nog fologia empiana do reconterféssil. Está cen 20 e tantos

arbs essa tese e ainda é do trabalho básico no assunta por que tive maito bos material e maito bos escola para fazer. Coer dizer, os tipos con quen es discutia as coisas. Para mis foi um experiência maravilhosa. Como não ia sor mi nha linha de trabalho, nos se procupei es publicar, pois daria suito trabalho traduzir para o português.

Naquele tempo não se podia publicar em implês, aqui no Bre sil. Boje, a gente publica muito mais em implês do que em português. Mas quando pensel em tradurir 250 páginas para o português, me deu um desâmino. Du queria trabalhar nou tras coisas. Mas o que eu gueria, que era pegar a concei tunção básica, o mecanismo intolectual de estimar o que um grupo faz ou deixa de fazer, peguel com essas tese.

- A.C. Seu interesse pelos vertebrados é muito antigo, quer di zer, ele precede sua entrada, seu ingresso na Faculdade.
- P.V. Logico, Logico.
- A.C. Como é que pode? Há una coerência tão grande.
- F.V. Um dia, fui visitar o Bütantã e descobrir a cobra. Fiquel praixonado. Mau pai disse: "Se você entrar no ginâsio com distinção, te dou uma bicicleta". Aí, entrel e ele me deu

uma bicicleta. Du ja todo dia - chegava da aula e ia - ia

para o Butantā. Ficava olhando as cobras. Tirha 10 anos
de idade. Foi al que pequei a paixão pelas cobras.

- A.C. Una paixão muito antiga.
- P.V. Já está com 42 ancs, 43.
- M.B. O Museu de Zoologia tem cursos de p\u00f3s-gradua\u00e7\u00e3o, mestrado e doutorado?
- P.V. Tem. São os da USP. Somos credenciados pela USP.
- M.B. En média, quantos alunos vocês formam?
- P.V. Esse é o prépiera, porque a UST não quer alunos. Eles têm uma série de exumes de admissão, feitos para reprovar. No momento, tenho dois permanbucanos, um dos quais é muito bon. Tenos sete alunos. Mas o curso, 40.
- M.B. Em doutorado, isso?
- P.V. É. Porque para gente de São Paulo, não dou mestrado. Acho o mestrado una dissecuescidade. A dissertação não tem corigação de ser original. Vamos para o douramento direto. Ago ra, uno dificuldade das cotras faculdades... O Ministério

de Educação entendeu a pás-graduação... Pot a grande bur rada do Jarhos Passarinio ou set 18 quen que meteu na cebe ça dele. Mos eles, na realidade, misturaram a pás-gradua ção com curto de adaptação para o pessoal das faculdades rate estas de Educação para o pessoal das faculdades rate estas de Educação para o pessoal das faculdades rate estas de Educação para o pessoal não aprendeu o suficiente para ser docente, então tem que facer una pás-graduação, que é antes una adaptação. O caso desses mus dois permensucanos é trágico. Vou con tar isso em detalhas.

A Academia de Ciências tem un Programa no Nordesta, e sou assessor zoológico do programa. Lá fiquei conhesendo es ses rapazes e trouse para São Faulo, por minha conta. Sem pre tive um sistema pelo qual, quando sobra dinheiro, não trago diária nem essas coiass para casa. Quando sobra dinheiro, uso para isso mesmo. Quando fui para o Chile, uma vez, fazer um serviço para a Academia de Ciências dos Esta dos Unidos, sobraras quatro mil dólares. En trouse quatro chilense. Pui dar um curso no Peru, trouse três perusmos, um dos quais fez doutormento comigo, e está no Smitheonian. Então, eu trouse esses dois baianos, aliás, permanbucamos — practico parar de chacar de baiano. Trouse diversos, e esses dois peparam embocadura.

Então, fiz com os dois uma crueldade — com a melhor inten ção —, uma crueldade terrível. Porque, cm vez decolocá-los

na pós-graduação, mandei fazerem um ano de adaptação. tai os dois tomando umas caipirinhas e tal, e quando gou a hora da verdade, falci para eles: "Que tal o de Genética que vocês fizeram la em Recife?" "Mas aue curso da Genética! Aquilo é una falsificação", Falei: "Ani to bem, vão fazer um de graduação aqui". E tal e coisa. "Estava una droga". "Vai fazer". Eles passaran un ano fazendo curso de graduação com os alunos. E tinham que fa zer exames. Embora fossem ouvintes, pedi para o pessoal la deixa-los fazerem exames. Então, esses rapazes, duran te um ano, tiraram o atraso que tinham em Pernambuco. zeram os créditos do mestrado e al fiz a besteira do secu lo. "Ao invés de fazer o mostrado aqui em São Paulo, vocês vão fazer em Pernambuco, com problemas de Pernambuco". Che garam 15, cada un pegou 25 horas de aula por semana.

M.B. - Não fizeram nada.

P.V. - Para vir para São Paulo, dou o dinheiro do Caubus-leito.

Custa all cruseiros para vir, all cruseiros para voltar.

Porques a thiversidade não deixa, não paga. Turho que es

craver carta no ajcolhamão perante o Reitor: - "Relo amor

de Deus! "Un mentrado que eles teriam feito nua ano, em

São Paulo, jã está em três em Permusicaco. Un termina ago

ra. Por qua? Porque o pessoul lã de Permusicaco está sim

plessante persurado na burocracia do mestrado. Queras ter

un mestre, proque não clerigados a ter un neetre. É fezer
o mais depressa. Se tiver um măpina de mestre que rete
desse lado e sai do outro, melhor. O ponto de vista de vo
că fomar o sujeito, de vocă soldar um cara para ser pro
fessor ca Permerbuco...

Como é que posso tratar un cara que vai ser professor Pernambuco, como um cara que vai ser meu colega no Museu de São Paulo? Por exemplo, estou com um menino novo no Mu seu, que promete para burro. Então, bato uns papos ele. "Jā leu isso, jā leu aquilo?" Mando una separata xe rox. "Isso. Leia. Venha discutir comigo". Estou prepa rando o sujeito para tomar conta de coleção de Museu, para ir para o mato, etc. Para um sujeito que vai ensinar três ou quatro cadeiras em Permambuco, é uma formação inteira mente diferente que eu tenho que dar. É outra finalidade. Tem que dar para o sujeito a capacidade de fazer un traba lho de Ecologia que não precise demorar três, quatro neses no campo. Quando preciso de um trabalho de o sujeito fi car um ano no campo, est mando um dos meus eu mando buscar um americano. Porque sei que um sujeito que ensina no Re cife não vai poder passar um, dois, três ou quatro nases no campo. Ele vai poder dar una chegada na praia ou num matinho ali perto. Entan, tem-se que formar o sujeito pa ra una coisa completamente diferente. Mas a faculdade de le o que quer é un carindo nele. Se puser aquela mamaini nha de selar, escrito MS, para eles está bom. O negócio

- A.C. O orientador, como o sertror nos nostrou, tem que ter jus tamente um processo passoal de contato, de avaliação des ses elementos todos.
- P.V. Tue que ter interesse en un individuo comminativo porque ele tem que captar a confiança de mujeito ; tem que gog tar; tem que acreditar no que faz. Se ele não acreditar que fonuação de gente, e não formação de estircito, não ter noda a ver. "Precisanos de metres, veros facer tortos mestres".

Sept.

Não 6 isso. Ciência é un negócio estritumente individualizado. É nisco que está una badarna. As vezes, a gente vã com pena, que tem escolas - que estão dando mestrado - em que os professories não são bors, realmente não são ben qua lificados. No entanto, têm us intercese humano mito naior na coima. Gosto muito naios de trabalbar, por essuplo, com o pessoal de Cuiabá do que com o pessoal do Rio Grande do Sul, de Permeñouro, ou, principalmente, da Bahita. A Bahia que é un lugar que polía... Balo Horizonte, Recife, Salu, dur e Porto Alegre - na parte de Ciências biológicas - são quatro lugares que estão muito beixo da nédia dos Estados. Quer dizer, podíam ter muito mais do que tem.

A.C. - Belo Horizonte também?

p.v. - Chi! Esse é un deserto de homens e idátas. Acho que 6 problema de lugaros orde o médico manda maito ainda nas clâncias Esturais. Mas, quando ou vejo aquele pessoal de Chiabá, que é renhente sem recursos, sem multa idáta das cuisas... Mas a vibração que eles ficam! Dou multo menos para un rapez de Cuisbá, do ponto de vista taérico, do que posso dar para os moss permerbuennos. Mas tenho una recom penas muito grande, porque a vibração, o prouse de receber que ele tem - "Chefe, quando é que vemos dar outra volta po maio? E mão sei o com, e tai. Dettar embaixo de um po maio? E mão sei o com, e tai. Dettar embaixo de

Ervors e ver es bichos?" Eriste una parte pessoal muito forte. E, embora eu não possa dar tanta teoria para ele COMO posso dar para os mous permembucanos, por exemplo...

the que entá con a dissertação quase pronta egora, apesar do todas essas dificuldades, vai ter un impacto tórico desgraçado. É un problema que só pode ser feito en Permajo boco, porque não ten outro luyar no Brasil para fazar - tun Paralha, rus é squale núcleo ali do Nordesto. É un problema de una importância tórica fabulcas, que darruba un monte de coisa públicada. Seve una botánica serciona agul, que chorou no meu laboratório de vergorha, porque o negócio dela estava todo errado. É o tipo do trabalho gos toso, porque só pode ser feito ali.

M.B. - Qual é o problema?

Sabe e que é us brejo no Nordeste, o que se chara un brejo? É una metinha isolada no meio da castinga. Isto é un
modelo do que acontecua nos tempos de clima seco - nús egtamos mus tempo de clima únido- nos tempos de clima seco
ca que a Amazônia inteira, por exemplo, era una cautinga,
só com manchas de meta aqui e ali. Esses fenômenos forum
muito importantes para a formação das faunas atuais. Então,
quando ele paga usa ilha de muta no meio da castinga, ele
cetá farendo us modelo do que acontecum una poríodo que já

UNICAMP ARQUIVO CLE

parson. Decembriu coisas muito interessantes. A importân cia teórica é a seguinte: existe una teoria de una temáti ca chamada da Zoogeografia insular - alias, un dos autores é us granda smigo meu -, e o pessoal está usando toda essa parte feita em ilhas, para ilhas de vegetação. Paramos... Essa botânica americana fez os paramos, nos Andes, que são ilhas, negócio acima de quatro mil retros, etc. Mas ele mostrou - lógico que tinha que ser - que uma ilha de vege tação não tem nada que ver com uma ilha oceânica. tem toda essa linha de trabalho que vai de encontro. Por que ele mostrou que as aves da cantinga entram nessa ilha, nessa mata, para comer. Então, o bicho da mata está tendo o competidor, que é o da coatinga. É como se, numa ilha, o peixe saïsse do mar, e subisse na ârvore para comer com o passarinho. É um negócio lindo. Não tinha outro lugar no Brasil para ser feito, a não ser no Nordeste, que é o único lugar em que existem esses brejos.

Quando conjuninol una tene para esse rupaz, pensel un qua contributção ele podaria dar que só un permetucano pudem se dar. Naturalmente, com aquela injeção de teoria... E ten maio, ele já entendeu porque devia fazer. Agura, quem do ele vior encrever, ele vai levar três ou quatro moses escrevendo; porqua quando chegar nun negácio que ele não subo, ele vai pegar o livro e digerir. Enquanto não sou ber, não passa para frenta. Na hora en que ou entregar og se cara com o mestrado dele.. Ele foz 14 moses debináculos

UNICAMP ...

- M.B. Essa parte da Zoologia em que o senhor trabalha lida com o modelo matemático, estatístico?
- P.V. 100%. Số que os modelos são todos ruins. Tum um tasse
 linda, que uma moça fez comigo, mostrando isso, que todos
 ce modelos falam de país tropical... Tudo isso é bestei
 ra, não tem razão de ser. E agora um canadense me mandou
 uma pré-publicação de trabalho dele porque vai
 levar
 dois anos para sair -, em que todas as objeções que más
 fizemos, ele está fazendo agora, do ponto de vista
 co.
- A.C. Quar dizer, na sua área o senhor não tem a sensação de que nos semes muito prejudicados pelo fato de semes um país atrasado, sem recursos, subdesenvolvido?

P.V. - De jeito nerhum.

- A.C. Pelo que o sembor nos diz, dá a impressão de que a intara
 ção can as áreas internacionais, con os outros países,
 etc., é mito grande e que nos temos realmente una possib<u>i</u>
 lidade de contribuir.
- Não tem problema nonhum. Recebi uma carta da Sociedade de Biogeografia da França que dizia: "Mande seu trabalho clássico sobre tal assunto". O trabalho foi publicado nu ma revista brasileira, não foi publicado em Science, Nature, nem nada. Temos todas as condições. Não tem problema ne nhum. O que há, é essa maldita resignação. O fato de bo tarem mediocres no negócio, escrevendo Zoologia brasileira. Não tem chance. Porque o nego está al fazendo Zoologia nu ma escola de agricultura, qualquer coisa assim, nun insti tuto médico, satisfeito em descrever espécie nova, e vai levando. Ainda com uma agravante muito séria: é que quantemente ele recebe endosso no estrangeiro. De gente que tem o mesmo nível que ele ou de gente que quer dar va lor à conexão brasileira. Cente que está recebendo bicho. etc. Frequentemente tem um sujeito ruim para burro, e che ga uma carta de um professor da Califórnia dizendo que ele ê muito bom. E para você explicar que o ruim é o profes sor da Califórnia!

A.C. - Ninguém acredita.

p.v.

Dentro da profissão acredita. Mas para chegar no CNPG e dizer... Vom logo: "Mh, você é muito exigente". Na reali dade, hoje, en matéria de Zoologia, nos não somos um país subdesenvolvido. Ter un sujeito como Wladimir Lobato Para ense, por exemplo. O nível da pesquisa dele é o mais fino que conheço. É fino, sim. É homem que saiu da Saúde Pú blica, mas o nível da pesquisa de Wladimir Lobato é comple to: é experimental, - é morfologia - é tudo. É duma limpe za, duna elegância! Pena que é un sujeito que não quer na da. Quer fazer o trabalho dele. Não se dã. Wladimir não se da. Um dia ele falcu assim no telefone - pedi uns negó cios e falei: "Como é que vão as coisas aí em Brasilia?" Ele falou: "Vão bem. Mas số tenho 10 anos pela frente não vou gustar no telefone". E plec. Ele não quer chefe de grupo... Eas en qualquer lugar que você perguntam se você conhece Parachse. O trabalho dele é de um nivel! É esteticamente, bonito. Não é só importante teoricamente, é esteticamente bonito.

Oumdo ele comoçou a trabalhar com esses caramijos que dis seminam esquistossomose, que são hospodeiros intermediários da esquistossomose, era una hagunça. Não se sabiem as espécies, o que era etc. Foras os troços mais simples e geninis. Pegou um lirbagon albina e usou para testar as outros. Açaresou o albinismo. É um dosses ovos de Quando. Nau são um sujeito que ten muita experiência de

compo, que sube que existum - raras, porés existam - ij nhagens albinas, um sujeito que conhecu Canática para po dor...

8 un zoológo, mas ele sabe a sua Cenética teórica e prática a pura poder cauzar esses hicho, para poder avalisar resultado de cruzamento e para sebor qual é a importância disso dentro da Zoogeografia geral do bicho. Aí vode está vendo o que é o zoológo, o zoológo bon. Ele está emsergando o problema numa escala realmente ampla, biológica. Ele tem a ferramenta que procisa ou aprende a ferramenta, quer so ja de genética, quer soja de modelo estatístico ou qual quer coisa. Para mino o trabalho do lobato esseptifica co mo é que o Brasil não precisa ser subdesenvolvido em Zoolo gia. O Lobato tem uma gama de recursos mito mais ampla do que a nossa. Não já fazemos uma Zoologia noderma, mas o Lebato, ele usa ainda recursos mais sofisticados do que a gente. Ele é realmente admirável!

A.C. - Falancio em esquistoscomose, há sempre uma discussão em tor no do que valeria meis investir: se é nosse tipo de curpo em que o Brasil realmente pode dar uma contributção ou se é em drasa consideradas de ponta, como por exemplo, estu dos de cancerologia, pesquisa de câmeur, etc. O sembre fa lou agora em esquistoscomose e inso ma coornea. Omo o semior vá esse problema? O sembre acha que não tenso chan

P.V.

Investimento na pessoa, não no problema. É lógico. O ne gócio é o esquinte. Se fosse en Uganda, un pola mais sub desemvolvido que o Brasil, se fosse no Pereguni, qualguer colsa assim, então está certo, voda ia fazer escola de Suíde Fública amtes de fazer Zoologia, escola de Agricultura, todo esse negócio. Mas como o país já está nun certo ponto, aparece gente interessada en tudo.

Vanos falar em câncer. Deixa eu fazer um raciocínio você ver como é simples e como pessoal não faz. Por plo. Por que eu, assessor do Conselho de Pesquisa, FAPESP, daria dinheiro para una pesquisa de cancer? que? Você daria ou não daria? Daria. Por que? O negő cio e o seguinte: este brasileiro não vai descobrir de cancer; a contribuição dele vai ser muito pequena; mas o que nos estarenos fazendo será formar, não pesquisador, mas formar una mentalidade científica dentro da Medicina. Então, quando você ajuda a pesquisa de cânger, ou una pes quisa do coração, qualquer coisa assim, você está melhoran do o nivel assistencial da Medicina. Un caso como o Mauri cio Rocha e Silva, que descobriu bradicinina, é un caso ra ro e não depende de você estar fomentando isso ou aquilo. O Mauricio descobriu bradicinina dentro dos orcamentos na turais do Instituto Biológico. Simplesmente, ele tinha um bom diretor, que era o Pocha Lima, que se cercou de

gente e tinha un hon orçumento. E eles descebriran bredi cinina 15. E entes de você dar para una pesquisa de cin cor, para una pesquisa de qualquer colsa que não seja em lógica...

E un dinieiro que não vai para pesquisa propriamente, ma vai para balhorar o nível geral. Quando você dã dinheiro para una pesquisa de netalurgia, você não vai descobrir na da de novo scire ligas de aço. Você vai simplemente com cientizar o empenheiro metalúrgico brasileiro, para melho rar o nível dolo. O empuro a muita posquisa eplicada cualé um arparo que não conta com o resultado da pesquisa. Você nãose importa muito com o resultado da pesquisa, como resultado da pesquisa. Simplemente, você leventou o ní vel do ambiente. Você tem um actico que tem um visão ne lhor do problema, um médico que acompanha mais literatura, etc.

- A.C. Forma quadros.
- P.V. Exatamente. Nelliora o mbiento geral, leventa o nivel gg
 ral. O investimento que rende é o investimento ca gente,
 no indivíduo. Se o sujeito é lon, é bon nomo, seja do
 que for. E vale a pena. O produto vai ser hom mesmo.
- A.C. Mas, de wesse, a quantidade de recursos que precisa ser in vestida para que se forme um possoa dossas é muito gran de. Como é que...?

n ...

É số você tirar dinheiro dos ruins e dar para os bons, que o dinheiro sobra. Nunca tive problema de dizer não um assistente meu por falta de dinheiro. Munca. E outra coisa. Na FAPESP, uma vez, houve uma queixa... É um negócio que me foi aconselhado por um economista, me disse: "Você acha que meio por cento da Receita Tributã ria é coisa firme?" Eu disse: "É obrigação". "Mas muito governo que não liga para isso". E de fato. O Abreu Sodré, por exemplo, quando foi governador, ficou anos sem pagar o meio por cento da FAPESP. Então, a FAPESP inves tiu dinheiro. A FAPESP tem renda propria, tem ações, tem o diabo. E houve una queixa, feita pelo Zeferino Vaz, de que a FAPESP estava entesourando, ao inves de fomentar a pesquisa. O presidente da FAPESP ficou muito impressiona do com essa crítica e procurou o diretor científico, por coincidência, é o mesmo que ainda está agora, está no segundo mandato, o Saad. O Saad fez uma revisão de todos os casos negados pela FAPESP. A conclusão a que se chegou é que os casos negados nunca seriam dados mesmo, e que da queles que foram dados, 25% tinham sido na base do já-quetem-o-dinheiro-vamos-abrir-um-crédito-de-confiança. Na rea lidade, a FAPESP dou 25% a mais do que devia ter dado. Se houvesse una pressão para selecionar, tinha donde tirar -de projetos que, na realidade, tanto faz você dar como não dar.

- A.C. Quer dizer, não é recessário gastar o dinheiro de um vez só. Pode-se criar então...
- p.v. Dopois tens outra coisa tantées. O arbiente intermacional, hoje, ajuda muito. Acabou ense tempo en que americano da va bolas para a gente fazer doutoredo la. Isso acabou nen mo, graças a Deus. A chrigação é nosa, e quanto nais nos nos conscientizamos, nelhor. O apoio técnico que eles dão para a gezlu-é cada vez melhor. Conforme a nossa competância nelhora, nelhor a gente é tratado.

Wood weja o seguinte. Su queria fazer uma linha nova de trobalho no Nascu e selecionei uma menina que é realmente superdotada, con temperamento exato para isso. Quoria que ela fizesce uma posquise interdisciplinar. Ecologia e Ga natica. Primeiro, formei-a na parte de Ecologia tradicio ral. Essa é uma mulher que monta inseto, que dissoca, que vai para o Anazonas, dirige expedição. Está com 32 anos. Daí, mendei-a para um grande geneticista no Havaí. Picou dois anos no pós-doutoral, papo pela FAVEST. O que o su jeito faz por ela! Insolidamente, ele entendeu que timb emriquecido o grupo dele. Além de ser um sujeito muito bom, muito lígado ao Brasil, etc., ele entendeu que enriquecia o grupo dele cou um outro tipo de experiência cieg tifico, con um cutro tipo de experiência cieg tifico, con um cutro tipo de expense. Fizeram um traba

ficou dois anos no Bavaí e me trouxe uma formação que está fazendo uma diferenca terrível acui.

Agora o europeu está querendo também se meter nisso, e Conselho está com muitos acordos na Europa. Só que o vel da ciência na Europa - Ciências Biológicas -, hoje, é muito ruim. Um ex-estudante do Museu, que teve problema político e fugiu para a França, entrou num grupo de Ecolo qua da Universidade de Paris, que é muito considerada, e está horrorizado com o nível do negócio. Mas horrorizado! Ele, estudante de graduação aqui, já está ensinando coisas para os homens la, porque o nivel...

- Na Europa toda ou só na França, especificamente? M.B. -
- Itália, Espanha e Portugal nunca entraram muito. A Itália teve Genética boa, não sei se tem ainda Genética e Bicqui mica boa. Estou falando mais e iZoologia, que é o tema do negócio. A Inglaterra tem alguma coisa. A França não tem praticamente nada. Alemanha, muito fraca. Alemanha é sé culo XIX. Estão começando a modernizar agora.
- A.C. Quar dizer que o centro avançado mesmo, são os Estados Uni

P.V. - Ah, isso longe na frunte. Os curopetus estão chegando. Os alexãos e os franceses estão conoçando a aprender inglês. Se você olhar o Comptas Remáns da Academia de Paris, jã tem o sumário en inglês. Isso na Prança.

A.C. - Milagre.

P.V. - Bu só escrevo para francês em inglês, para botá-los no lu gar delea. É que termo vergonha de escrever em francês. Você já viu cumo é quo acuba ura curta em francês:Weulller É ingvier, char callegae ét sonsieut, l'expression de más sentiments. Tenho atpó vergonha de escrever una coisa du san. Já sou de Campinas. (Rison).

M.B. - O senhor estava falando que vai de dois en dois anos, do três en três anos cos Estados Unidos. Como é que o senhor compara a experiência de trabalho lá com a experiência de trabalho oqui, es termos de fecilidade?

P.V. - O problema é que quando você está fora de casa o seu tempo rende três vezes mais. Não toca telefone; parente não te visita; anigo não ven bater pupo no laboratório, não ven te pedir livro emprestado e fica duas horas. Eu, se estru en Harvard, e tembo una sala 15, e desapareço, meu tempo para burro. Não facilidado de trabalho é a mesma.

A.C. - Quer dizer que as coisas não seem nesse ritmo alucinante que a gente poderia supor?

P.V. - Lá?

A.C. - E. O senhor conseguiu resolver o problema, com xerox.

F.V. - Mh. sin. Mas o probleme do Brazil é que a gente não ten chrispação. O emericano tem obrigação, senão ele porde o emprego. Aqui ningués ten obrigação de rada. Então, a produtividade equi é senor. A produtividade dos mous em sistemtes, dos meus estudentes é muito senor do que a dos exericanos. Sobre isso não rusta divida nenhuma. Porque eleis solamous muito mais, e são fiscalizados. Não tem di vida nenhuma. Estou discondo que para gente que trabalha can gueto, o problema é estar fora de casa. Al é que mm de mais.

A.C. - Essa produtividade muior, nos Estados Unidos, o serbor cha que é sempre, necessariamente, benéfica?

P.V. - Não

- A.C. Porque, às vozus, ne da a impressão de que é un pouco de...
- N. Sabo o que chem Band-Ragges nos Estados Unidos? O que é
 isso? É a carroça da banda. Quer dizer, epareco um idéia
 nova, todo mundo entra. Grando parte da pesquisa pública
 da nos Estados Unidos, os Ciências Biológicas, é absoluta
 mente dispensável e errada. Porque simplemente apaneceu
 un sujeito com una idéia, então todo mundo que está pedin
 do diráctivo na NSF, etc., tos que pegar o assunto do dia
 e mostrar que ele está dentro. Esse trabalho do
 - , por exemplo, negócio de estratégias reprodutivas. O indivíduo escrevei un livro pisusível. Una carta, por exemplo. Una porção de genta já publicou una porção de cartas que provem aguilo. Provem coisa menhuma! Simples anche eles recebem dinheiro para fazer aguilo, que é o assunto que está na noda. As revistas publicas pompue está corroborando o trabalho de un sujeito fareso.

Acontaceu isso comigo. De 1967 para 70, 66 para 70, un co lega neu qua assinava un trabalho sobre un legarto da Ama zonia, que resultava nun modelo evolutivo, que ficon impor tante... Ao nesmo tempo, tinha un alerão que é un gânio. É geofísico de Schill Oil e trabalha en aves, nas horne va gas. Estávanos, cese mu saigo americano e ou, escuvendo o momo trabalho, quando o Science mondou e trabalho do alomão para a gente dor opinião, para eu dar opinião. Ele dregou na nomas frente, na nesma idóia. Nas fez un trabal lho duro. E nõe firenos un trabalho que levou anos. Eu estava vendo egora. Nõe publicamos o trabalho em 70. En 67 já estavam todas as idáias básicas feitas. Un trabalho suado. Imultamente apareceram 20 ou 30 coisas dizendo: "Isso ú batuta". Você vai ler, não tem a menor base. Sim plosmente, eles estão entrando na ourriola.

O Lamas, esse neu estudente perumo, fez a mesma coisa nun grupo de borholetas minéticus e as plantas, etc. Trabalho maravilhoso. Levou quatro anos fazando. Agora chega um... "Não, porque assim é batata. Isso mesmo, teoria de refúgio". Do que se publicou, elogiando o meu trabalho, sobt é lixo. É elogio que eu não respeito. É trabalho, ou leviano, ou desonesto. E isso nos Estados Unidos. É o grande mal do sujeito depender de dinheiro de fora.

Lembra que falei do Maurício Rocha e Silva, do Instituto Biológico? Pois 6, eu se criei mus tempo em que você tra balhava com orquemento de Instituição. Você não tinha obri guyão de sair na rua coçando dimeiro. Boje, a tocria a qui no Brasil é à seguinte: a universidade dá o crienado e o sujeito val coçar o dinheiro da pesquisa no CTQ, na FINEP, na FREEP, etc. Então, o indivíduo vai procurar

opatio que é noia. Namp que, vauxe dizar, o Conseiho de para un tona que não é popular, o sujeito fica con medo de não ter. Ele vai neguilo que sabe que é enda: é RNA, e não sei o quê. Então, a preguisa fica muito focada por moda e por moia dízia de lideres.

Agora eu, por exemplo, que trabalho numa especialidade ba rata... Esse trabalho neu de 1970 é chanado un clássico. Pois esse tipo de trabalho a Rockefeller, em 51, não quis njudar. Levei 20 anos trabalhando nessa linha sem grande resultado. Naturalmente; um resultado parcial, uma coisa ou outra sempre deu para fazer um prestígio profissional razoável, para ser considerado un profissional, o que e muito importante por causa da informação bibliográfica Per muto separatas com 270 sujeitos. Tudo que se publica, eu tenho. Recebo diretamente, não preciso nom ir à bibliote ca. Mas abertura para mim, veio em 64, quando conheci Aziz Ab'Saber. Al, as coisas começaram... Mas Evei 13 anos, de 51 a 64, batendo cabeça na parede. E pude bater cabeça na parece porque estava trabalhando com dinheiro de orça mento. Se tivesse que ir ao Conselho ou à FAPESP pedir dinheiro para fazer isso, eles diriam: "Que resultado você me mostra? Quem está mexendo nisso?" Como eu disse, Rockefeller me recuscu 1000 délares, coisa assim. O auxí lio que eu queria eran 1000 dolares. Negócio que hoje dou do men bolto, se precisar. E a Rockefeller me negou. Pude me aguentar todos esses anos batendo cobeça ma parede per que tinha certeza que o resocio ía dar. Piz um bicho, não deu; fiz outro bicho...

Porque faltava a idéia do campo interdisciplinar. Na hora em que conheci Aziz Ab'Saber e ele me deu a primeira aber tura nisso, me mostrou que as coisas existiam... Aí até virou a coisa. Tem, por exemplo, um trabalho de um geomor fólogo francês... Porque usei a Geomorfologia para a 200 logia. Agora ele está dizendo: "No entanto, é o trabalho dos Biogeólogos, et surtout Vanzolini... "Virou a Perque na hora en que o Aziz abriu a porteira para a gen te, toda aquela experiência acumulada recebeu uma nova sig nificação, todo aquele dado foi reelaborado. Para voçãs verem. Foi em 51 que fiz o doutoramento. Até 1970, anos, fiquei nuna linha que ninguém ajudava. Nos Estados: Unidos ninguém conseguia tostão para trabalhar misso. Acui no Brasil consegui. Essas coisas que se consegue na base de que é amigo, e é o bom, e não sei o que, e tal. "E es tamos ajudando mesmo". Mas se eu não tivesse orçamento meu, do Museu - porque viajo com dinheiro do Museu -, não tinha feito nada disso.

M.B. - Como foi esse contato interdisciplinar?

- P.V. Poi un simpõeso sobre o cerrado. Esse turco chegou no quadro-negro e fez un disgrama. Figuri fubulnado. Palei:
 "Sonto Deus! É isso aí". Bu corhecia ele da nome. Já saí nos dali amigos. Já saínes publicando trabalho juntos.
- A.C. Ele estava aonde, nesse momento? Aqui?
- P.V. O Aziz? Ele é brasileiro.
- A.C. Eu sei. Mas foi um simpôsio aqui?
- P.V. São Paulo. Um dia estava o Dilon, francês, fazendo uma conferência sobre o Sanza, e o Aziz sentado na primeira filleira, domaindo. O Francês descravendo um ofesia e disendo que vai subindo num norro e qu'estr\u00e7en nous voyens? Un ecula o Aziz se levantou e falou: "Serhoct"

Ele está terminando agora, só faltando raspar us pouco, o mapa de domínios morfoclimáticos para a América do Sul. O mapa de domínios morfoclimáticos do Brasil, que o Aziz fez, foi o maior audilio intendisciplinar que as Ciâncias Biológicas tiveram nos últimos 30 ou 50 anos. Pol o que doriu caminho mesmo. E al está uma grande ventepsa de ser brasiletiro, porque o Aziz é de vez em quando possuído pelo espárito de Duclidas da Cunha. Ninguía entende cese traba lho dela. Res brasileiro, quanto mis estremgeito. Es,

- M.B. Então, o senhor está dizendo que a curiosidade é un negó cio importante. O senhor foi parar nesse seminário por que? Nesse simpleio, por que?
 - P.V. Pompue o simpõsio foi feito para isso mesan. Para ser in terdisciplinar. A FAVESP fez para ser interdisciplinar. Poi Labourian, Aziz, ec.
- A.C. O que fica evidente tembén à a importância... No fundo,
 os trabalhos ortiginats não aqueles que abrea una linha no
 va, ou pelo menos lanças una iófia nova, e a iófia de mas
 sificação do conhecimento, de áreas com muitas pessoas en
 volvidas, no fundo, é duxidosa, pelo menos com cusultado.
 É o que se pode deduzir da sua experiência pessoal.
- P.V. Vou contar para vocês o que aconteceu con esse nou colabo
 rador, o Williams. Williams sespre foi muito ajudado pelo
 NSF, nos Estados Unidos. Este amo, negaram a ajuda dele.
 E fizeram uma série de críticos. Escrevi uma carta para

a jest, dizendo assim: "veode compreendoram o que veode fi zerram? Veodes estão punindo o Nillians porque ele entrea ag sincu o trabalho dos alunce dele, pompe ele scapre deu liberdade de cada un fazer..." Pompa se você pegar todos ca scus estudantes... E, por essuplo, tenho gente fazendo poissos, tenho gente fazendo borboletas, etc. Para min era maito fácil dizer: "Val fazer como tese un trabalho de la garto. Depois, vecê vai para borboleta". Eu tería un esfectito de legartetivos atris de min. Pas acho que men pe ra min soria ventagem, pompa en primeiro lugar, mineúan.

Não existe una esta que você tem que cumprir na vida: tem
que trabalhar tento, que produzir tanto. Considero o tra
balho científico una espécia de quadro que você pinta, quer
dizer, una parte da sua vida inteira. Você é un cientia
ta, man você é una pessoa, você é una homen de familita, vo
cê é una homen que gosta de arte, você é un homen que gosta
de aulher, que gosta de música, que gosta de futebol, que
gosta de teatro. Não vai dizer essim: "Ciência é qui,
depois eu equi". Isso é funcionário público. Dizer que
ten hobby, por essemblo. Já pensou un sujeito que é cien
tista e que ten hobby. É una loucura. Sepura a vida de
le. "O que es gosto de facer é hobby. O que es feço, ciên
cia, faço para trebalhar, para gambar a vida". Não devia
ser cientista menca. Sendo a pecquisa que a gente faz.

um expressão quase que artistica da gente, não se poda ter uma cota: "Tenho que produzir um teoria ou tantos tra balhos".

Não vou começar a usar gente. Na hora em que eu começar a usar gente, estou usando gente. Quar dizer, entrei na classe mais desprezíval de humonidade, que é a usadora dos outros.

A.C. - E nem cientificamente seria valido. Se o senhor tivesse

15 doutorados na mesma área.

P.V. — Eu acho que não adiantava nada: No fin, o que sai, sai da cabeça da gente e da não da gente sesmo. Acho que fazer discípulo é en primeiro luyar, o prazor que a gente tem de pegar una pessoa e sigular essa pessoa a se realizar. Não é informação que você dã, é sua experiência de vida, sua experiência do que Cândia sode reconsentar.

FINAL DA FTTA 1 - B

- p.v. Toda aquela experiência que a gente vivau, e, frequentemen
 to, cofrom pemplexidote, divida... "Vale a pena mesmo?
 Cue qua eu estou fazando?. Sou serio, estou se iluliso."
 Então, quasdo a gente pode var que un jovem aproveitou in
 so... Essa é realidade e recompensa de formar gente. Ago
 ra, meu serviço acino que faço. Não precisa vir fazer para
 min não.
 - A.C. E eases 15 PHDs que o sembor tem no Museu? Como forem for mados? Forem para fore? Todos?
 - P.V. Vanos por endares. No andar de cina, un norreu agora, coltado, com 37 anos de idade. Morreu afogado. Este, fez en Harvard, com um dos neus velhos professores o

Du quoria un entrediogo de Harvard. Este fez en Rarvard. Depois, na numa ala de cina, tea dois entredo gistas que fizaram conigo. São três. A Chica fez conigo; Papal fez conigo; José Quinarães fez com Hans, jã no Maneu também. A Mirima é una profologista. Est un cuaso mito difficil, porque ela fez conigo e com outra pessoa. De orientação gezal e a outra dau orientação técnica nas una orientação técnica tão importante que eu queria que ela pussasse a ser orientação folcal da outra. Nas a outra cara contra as minhas iofica, e não quis men aparecer na de feca de tese. Enfo. e Mirima é minha também. Ela fez morfologia de intento. Papal, Mirima, Chica, José Guina Mirim. - Va o Okumarco. - Fuz cua o Hans também. Bas é

esce que fez en Harvard. Era o chefe de Entemología Museu, e morreu afogado.

No meu andar, tinha Rita, que largou e foi ser antropólo ça. Era minha. A Norma, que é morfologista funcional. Pez em Paris, com Jean Pierre Gask. Esse é um caso boni to. Dessas bolsas doidas que deram, no Rio Grande do Sul. para alquém ir para a França. Ela pegou, foi. Chegou lá, pagou um professor espetacular. É uma menina inteligente, fez um belo doutoramento em Paris. Al, ele disse ela: "Você vai voltar para Porto Alegre? Porto Alegre não tem nada. Onde tem recurso é em São Paulo. Vanzolini é meu amigo. Você passa lã, faz contato com ele para ele te dar retaguarda para você poder trabalhar em Porto Alegre". Ela possou em São Paulo, fomos lá: Olha, a bibliografia fundamental é essa, ou seja, isso aqui eu já te dou. pois, se você precisar, você xeroca. Bicho, você vê a co leção como é, você pode, e tal". Fizeros um esqueminha pa ra'ela trabalhar.

Seis meses depois e la voltou. E disse: "En Porto Alegre não se deram emprego, não se deram microsofipio e que nu di 30 horas de aula. Vode não ten un emprego para mino" "E lógico". Quer dizer. O Rio Grande do Sul ne sumda essa mullor para a Prança sea rozão de ser, recebe sen rozão do nor. Roz, cesa foz centão.

Na minha seção tem nais um que fez comigo. No andar túr xoo, tem un repas da moluscos, que fos comigo nesmo. An Seção da Peixes, tom un que fez comigo a um que fez en Hurvard. Essa é a distrimição do Nuseu.

- A.C. A maior parte, realmente, fez aqui?
- P.V. Fez comigo. Fiz 16 doutores. Três para o Oceanográfico e 13 para o Museu.
- M.B. A gente poderia dizer que existe um fomeção ideal para o sociogo? Fazer, por exemplo, a pos-graduação toda aqui e depois ir para fora. ou isso não faz mita diferença?
- P.V. Ir para fora faz toda a diferença do mundo.
- M.B. Mas, quanto mais cedo melhor, ou quanto mais tarde melhor, ou vai variar de caso para caso?
- P.V. Vancé pagar o Lawas, por esseplo. Ou a Chiquinha, que aão dois dos mous relhores. Exem duas pessous que dependem de ver material em museus estrangeiros. Então, quando es tavem com 2/3 da tese pronta, foram dar una volta por mu sous da Europa e das Estados Unidos; ver material; conte cur genta; fozor contato; e descaburrar mais un pouco a cor genta; fozor contato; e descaburrar mais un pouco.

cabeça para escrever finalmente a tese. No geral, sistemata, nos 2/3 do doutorado, é hora de passar seis a oito meses fora.

para uns

M.B. - O que se faz, em termos de pesquisa em Zoologia, no Museu?

P.V. - Tem de tuido. Tem o pessool que trabalha na minha linha, que ó crigem da diversidade tropical. Trabalho eu; trabalha a Regina, que far estratégias reprodutivas de lagarto. Tem sur na Seção de peixe, que trabalha nessa linha turbêm tem outra linha, que é una Zoogeo;rafia de insetos, so ní vel de femília. Grande, sistemática. Quem chefia casa linha é um repaz chamado helson Fapal, que, aliãs, está pu blicando um ilvro suito hom, agora, na Holanda. Um livro sobre uma família de...

A.C. - Hā vārias pessous também trabalhando nessa linha, lã?

P.V. - Hā. 'Tem una trēs ou quatro com ele. Tem una linha tradicionalista, de espēcie nova e descrever bicho. Com certa limpeza mus... Isso na ibstruciogia. E nos noluscos é una linha mais de sistemática, buseada em norfologia. E una linha muito parecida com a linha do NAGUS, que foi profeg sor deles, modornizada, renovada, nes fundamentalmente ...
Nas ou monos isso. Una coisa que eu exqued. Sompre cua.

um grando componente ecológico. A maior parte do pessoal trabalha com bicho vivo tembém, não só com coloção de 121 seus.

M.B. - Então a sistemática não seria simplesmente apenhar e clas sificar animais? Teria todo um trabalho teórico?

P.V. - Ah, não: Isso não é sistemática. Isso é burrice. Sistemática é informada por teoria e é a suxiliada por Ecologia e comportamento.

Cutra colas que ne decemburrou. Sempre viajen milto, mos foi quando comecel a ter dinheiro pare famer viajenes mais compridae, ficar dois, três moses na hambnia... £ que vi vi nua período de transição. Vivi dois períodos de transição: o primeiro, foi o do mau pal, entre a tese crudita e a tene de pesquisa. Ajudel mou pal a famer a tese dele. Era una tese de crudição, não tinha pesquisa nerhama. A Politôcnica de São Paulo achava isso maito normal. Es en tava hormorizado: "Mas neu pal, você chasa isso de tese?"
"Nou filho, isto é una tese". A segunda foi dentro da mi nha profissão. Fiz parte do movimento en que o sistemato pascou a aprender Canditos, e principalmente, Ecologia. Eo je ca dia não existe mais diferença entre Zoogcografia, Eo logia e Sistemática Evolutiva. A turma seque of risoda.

Diz que dou triu cummen do pre-graduação. Mas é o mesmo con outro nono, porque acida sendo a nusma coissa mesmo. Vecê não entende Sistemática se vecê não etivar Zoogeografia e vecê não etivar Sistemática e Ecologia.

Noje em día, sonos obrigados a fazer trabalho de Dologia atá teórico. S una profissão muito melhor do que equala antiga. Você quer ver o que era Zoologia antiga? Vou dar un exemplo muito engraçado, que é do velho Travassos. O velho Travassos, en Manguinhos, era un helmintólogo, des see helmintólogos que começaram... Porque Manguinhos come que Helmintólogia como Saúde Pública. Nes daí continuou fazendo Helmintologia de tudo. Escreveu livro de 800 péginos, e tal.

O sistemata desse tempo tem duas ultrogües: a espécie nova e o bicho raro. Has quando voõ ceta fiá 30 anos na profig são, não tem mais vibração con espécie nova nea con bicho ravo. Você já viu todo bicho. Então, o sujeito tem duas opções na vida: numa, poga toda essa experiência acumilada e passa para un nível teórico; na outra, é o que eles todos fizerami como acuma na faser outro grupo como hobby. O fravassos, que era helinintologista, faria borboleta como hobby. E vibrava com espécie nova de borboleta. "Pequei

un birdo xuvo. Clin é ura..." Esta sistemática antiga é tão estupidificacante, depois de un certo tenpo fica tão sem emoção que o indivíduo pega e conoça a fazer... Hugo Soura Lopes é um sujeito que conhece un certo grupo de mosecas. É a maior autoridade mundial. Has sempre nequele jeito: coleção, espetou "está aqui". Ele foz molusco por que molusco para ele é um grupo novo, um grupo que tem eventura. O sujeito receptura a aventura, fazendo um ou tro no qual ele não tem experiância, oo invês de pogar aque le grupo em que ele cetá, e passar para um outro nível teó rico.

A.C. - Al também não dá mais tempo, não 6? Se ele passa a vida inteira classificando, será que haveria tempo de...?

P.V. - Problems de formeção, de temperamento. Principalmente de formação. Esse pessoal, que é muito meu anigo, eles achum uma graça danada porque sempre me interessei por esse negócio: "Mas isso é uma excentricidade". Não lõem os trebalhos da gente, nem nada. É outro sundo. É gente respeitá vel, é gente séria, gente inteligente, trabalho bem e tudo suas é outro mundo, é outro ramo de ciência. Entre uma sigumática felta desse jeito e a sistemática que eu faço, é a mesma coisa que entre dois ramos de Física ou dois ramos de Quámica. É outro funcionamento intelectual.

- M.B. Số o Museu dã o doutorado em Zoologia ou ē em conjunto com os departamentos da USP?
- P.V. Em conjunto. É cutra gente também. A USP condenciou uma porção de gente de outras escolas. Do Oceanográfico, de Rio Claro, que é outra Universidade...
- A.C. E essas pessous que se formen? Elas têm possibilidade...
 As que não são absorvidas pelo Museu, para onde vão?
- P.V. Agora voé botou a ferramenta no dente cartado. B outra coisa que o orientados, frequentemente, se esqueco. É pla nejar caprego para o seu orientando. Eu posso absorver no Museu tanto. Quen não vou absorver hoje, se ainda não ten esprago para ele, en que eu vos formas?

Ten una menina que Celizmente largou, foi para os Estados Unidos, casada. Esta monina fazia vermes de poixes. Então dei una dissertação de mestrado para ela, ligando Ecologia de verme com Ecologia de peixes. Falei para ela. "Helminto logia, como assunto de museu, como assunto de nistemática, ecobou. Não tem razão de ser, porque as técnicas não fuj cionam. Os prublemas são outros, val entrar maita Química vai entrar maita coias af. É una especialidade, que, como está sendo feita aqui, é do século XIX, é obsoleta, não tem ciance. E vodo musea val spendor nom Química

nada, não tem formação para isso. Mas ten una linha muito honita de trabalho, quo é a seguinte: esse negôcio de po<u>pu</u> lações da poixes marinhos".

Comecei essa conversa antes de dar a dissertação de trado para ela. Ela queria fazer tese em Helmintologia e eu estava aconselhando o que ela devia fazer. A Helminto logia, como se faz, é uma profissão que acabou. Pelo me nos acabou o nível de gente inteligente. Tem muita gente fazendo, mas já é uma ação de retaguarda. Mas tem uma coi sa muito bonita. Foi até um amigo meu que começou. cou com arenque. Você tem una população de peixe que cria aqui e outra população de peixe que cria lá. É a mesma es pacie, são muito parecidas mas podem ter os parasitas com pletamente diferentes. Então, o parasita pode ser o marca dor da distribuição da evolução dessa população de peixe. Eu disse: "Você vai fazer helminto de prixe, porque para peixe de mar, aqui no Brasil, a aplicação vai ser formida vel. Na hora em que você sair com uma dissertação de mes trado sobre helminto de peixes, ligado à Ecologia, uma dis sertação inteligente, o Oceanográfico ou qualquer grupo de oceanografia te pega".

Preparei essa mulher, não số para o temperamento que ela tinha - era uma alemã de quatro lados e quatro ângulos i quals - nos para ter um emprego. O que ela ia fazer não era uma poorquisa criativa, porque ela é uma criatura séria, honesta, trabalhadora, mas não tem, não vai temper lideren ea menhuma. Dis trabalhando num grupo de biologistas de peixes do nur...

A.C. - Poderia prestar serviços nessa área.

P.V. - Un serviço desgraçado. Num compo difícil como 6 o de iden tificação do vermes, - ela sendo uma mulher henrada e com petente tecnicemente - o dado com que ela contribuiria seria o seguinte: a turna traria o problema biológico para ela. "Essu empêcie de peixe, apanhada aqui en Cabo Prio, apanhada na Bahia, está com os mesmos vermes ou não?" Tra zido esse problema, já formulado para ela, ela taria uma resposta de alta confiabilidade, porque é uma mulher homes ta, uma mulher que trebalhou o bicho dela direito. O que ela disser, está dito. Já preparei a mulher para un empre co nessa ârea. Porque para ela ir fazer identificação de venues de boi, ou ensinar num lugar ai, qualquor coisa es cin.

Outra coisa. Quer ver o que a gente pode fazer? Isso eu fiz. Estou na segunda tentativa agoza. A primeira não deu certo. Problema de temperamento. Pase agoza, uma thi versidade nova ca São Feulo pediu um professor de Zoologia. Tem uma noça no Messa que é muito habilidosa, está terminando o deutoreal. Muito habilidosa tecnicamente, muito séria tantós. Mes são tura grando võo. Então, eu disse pa re ela o seguinte: "Tega cese emprego. Vecê sai daqui com o contato do Massa, ponque o Massa não abandona seus ex-dunos. Vecê continua semb da casa: usa as coleções, usa a biblioteca, usa o nomeo nome. Quando for fazer usa correa pondência internacional pedindo colea, pode usar o nosso papel da carta, pola pedir en nome do Massa, ponque faz diferença".

"A FFFEEP trabém não abandora seus doutores. Você leva para esso logur un laboraturitão. Você precisa de que? De uma lupa, de uma equifa, de um amário de insetos. Cos 50 mil contos você faz. A FRFEEP to dá isso. Mas dá para você, não para a thiversidade. De modo que eles te trabam bem, porque na hora en que você sair, você leva tudo. Não vão te afogar de sulas. Você pode fazer un grupinho lá, ou ocientar seus alunos neusa linha de trabalho que você faz. É um linha bos para você papar alunes de faculdade poquena. Elucidar lazva desse bicho, clucidar murfologia daquele outro".

Quer dizer, eu estou vendo que a mulher tes jeito para is so, gosta de ensinar e não vai ser uma grande líder de posquisa. Datão, ela vai ficar num lugar em que ela ensi no, mus tamba tumbúm o seu nagúcio mo lado. E ela traz uma contribuição para essa Universidade...

A.C. - Dinamiza toda a área universitária.

P.V. -Una contribuição que estimula a universidade a dar a ela una oportunidade de fazer alguna pesquisa. Então, você vai ter una universidade particular, un pequeno depertamen to de Zoologia, que, dentro da sua pequenez, não é morto, não é aula expositiva. Aula expositiva de professor vomi tador de aula, regurgitador de aula. É uma pessoa que es tá trabalhando. Só o fato da pessoa estar trabalhando. faz diferenca para os alunos, em relacão a esse professor expositivo, que decora livros e vai la. Um negócio de louco. A pessoa que está vivendo a experiência de pesqui sa é um outro professor. Principalmente essa moca, gosta, que ten prática, que foi professora de ginásio e tu do isso. Então, você vê. Inventei um emprego para ela. É obrigação da gente fazer isso. Não é jogar no mundo e diger: "Agora vai, e se vira".

A.C. - Nos é preciso que as turmas não sejam muito grandes para que haja esse contato pessoal, essa vigilância.

P.V. - Nos pos-graduação... Não é estudante minha, é estudante

dus outros. Mis cu, como diretor do Museu, me sinto como mois ou menos integrante do grupo. A gente pensa tudo ig

- A.C. Quantos alunos tem a pús-graduação, cada ano, mais ou mo
- P.V. Não é assim por ano. Ainda fazemos no sistema híbrido an tigo.
- A.C. Como é essa organização?
- p.v. Bon, infelizmento, na USP, é una burocamcia que Dous me 11
 vro. Eles têm que passar no excese de linguau, nua commo
 de Zoologia feito para derrubar. É gozado, ponque a USP
 aprova o sujeito no coame do fim do ano e depois, en murça,
 reprova ele para a pós-graduação, no menso escese. Eles não
 queren ter aluno. Querum limitar. Tumbém têm una sobre
 enra didática muito séria.
 - A gente esculhe o sujeito... O melhor, o que funciona é a gente pegar o alumo na graduação. Eu dava graduação. Os melhores que reguei foi no tempo em que me deixavam dar optativa. Agora não de deixam mais. Eu dava optativa de graço- Eu não garbawa. Tive tumas de 150 alumos, está bos?

M.B. - Na graduação da Faculdade de Filosofia?

.V. - E.

A.C. - Como é que o senhor pescava essas pessoas?

P.V. - Mão pescave não. Anunciava que la dar o curso. O primei
ro teve 10, e segundo 50, e terceiro 100, e o quarto 150.
Al acabou. Des citive na tuma e acabou. Mas eu dava cur
so no sábado, de 10 da manhã às seis da tarde, no Museu,
que fica a 17 km da Universidade. Para selecionar aqueles
que realmente queriem.

A colas mais engraçada era quando eu passava questionário no fisa do emo. A que os alunes davam valor? Ao fato do conversar comigo e ao fato do eu, na conversa, dar usa pog ção de experiência pessoal. "Esquistosacnose é assim. No Xingu é assim, e tal". Depois da aula chegava un alunor "Professor, sempre fui louco pelo Xingu. Como é que é o Xingu?" Esse tipo de colsa. Entora seja una tuma gram de, voçé conversa cem un grupo de oito ou 10 e pode dar par a clas un pouco de sua personalidade. Nas tem professor de que o aluno não subo sobrerone.

"Frofessor Antônio. Professor José Antônio. Antônio de que?" Fergunto para minha filha, para minha sobrinha: "O no é o nome do professor Antônio?" "Não sei. Antonie". "O que que els faz?" "Abo rest, ele nunca falou". O sujeito di una mala e o alumo não cen idéis do qual é a vivência profinacional do prefessor. Na UEP 6 assim, do alumo não ter idéia do que o sujeito faz.

Então, o que neus alunos gostavan era da parte de experiên cia pessoal que entrava na aula. "Quem fez esse trabalho? Foi fulano de tal. Pulano era un alexão que trabalhavanos Estados Unidos, era um sujeito assim, um sujeito assado. Isto aqui é um trabalho do qual gosto de falar para vocês, porque quen fez foi em grande amigo meu. Esse trabalho é de un sujeito que eu realmente não gosto, mas tenho que admirar, que admitir que é bom". Todas essas pequenas coi sas fazem o entrosamento com o aluno. Eu dava cursos para selecionar a turna. O pessoal vinha... Chegou num curso . que teve 165 alunos: Zoogeografia. Como é que cu ia dar aula prática para 165? Dava no domingo. Aula prática des de oito horas da munhã até seis da tarde. Almoçava e jan tava com eles. Turmas de 15. Mas dava. Ai é que a gente pega os bons. Agora, por exemplo, estou criando um la pa ra mamiferos. Apareceu no 1º ano. Botei ele arrunando uns negócics, arrumando outros. Ai vai, e tal.

Ten ura menina que já foi reprovada duas vezes no vestibu
lar da USP. Não ten problema. Sei que ele é boa, Ela es
tá fazendo lá ura ilusão en Sento Pauro, ma un dia ela
volta. A gento pepi...

M.B. - É um sistema de estágio?

p.v. - É. Nos un entinto muito controlado, porque quando nos começumos com aquele liberatirmo - eu quecia voltar aos tem pos da mánha juventuda, es que todo mundo ema acuto no la boratório, - aparecia gente para butro querendo estágio. Nas era para depois, quando fizessem concumo no majistá rio, botares: "Estágio no Papeu". Então, a gente passava três meses essimundo un seu vençonha que não tinha a menor intenção de sor zoôlogo, queria era mais um titulozinho pa

Agora temos una entrevista vocacional, feita por três su jettos, dos quais menhum é aquele con quen o sujetto quer trabalhar. Quer dizer, o alumo quer trabalhar comigo, dou para outros três convermanta con els. Depois os três me dizem: "Olha, pega. Ou, não pega". E a gente diz para o sujeito claramente: "Mão posso pegar porque jã tenho muita quente. Não posso pegar porque você não dá para isso aqui". Una coisa, por exemplo, é o inglês. Came não sabe inglês now bata na porta do Museu. Porque, accupanhar revista de atualidade... Que revista de atualidade o sujeito vai a companha, se não lor inglês? Então: "Vote daçui a seita muses e passo no exeme de inglês". Tove un sujeito que, pela primeira vez na vida, eu reprovei na primeira palavza

do exame. Não li o resto. O sujeito queria trabalhar com Paleoclimas. Então, dei un trabalho em inglês para ler, que chamava The Pollen Record. E ele traduziu: "O disco do pôlen". Quando li o "o disco do pôlen", falei: "Vai embora, vai para casa aprender inglês e me volte ano que vem". Disto fazenos absoluta questão. O Presidente da República é contra. Querem que faça tudo em português. É um problema que a gente tem. Mas digo o seguinte: "Quem não sabe inglês, não entende meu trabalho em português, por que não tem a base teórica. Não pode adquirir base teóri ca em português". Se escrevo em português, ninguém enten de. Una descrição de bicho, está certo. Leio descrição de bicho em dinamarques, porque cabeca e cabeca, redonda é redonda, amarela é amarela. Mas discutir idéias em por turnés e querer que alquém entenda... Já pensou, discutir um negócio sofisticado, refinado...?

M.B. - Não tem hons livros de Zoologia na graduação, em português?

p.v. - Não. Mes isso não tem nada a ver com a formeção do zoblo go. O que forma zoblogo é literatura da atualidade, não é livro. É revista. Livro, hoje em dia... Já não existe mas livro como existia. Livro sgora é praticemente una revista. É moia divia de articese, custumo 40 dólares. O problem de formação é o que está ruim messo, no Brasil.

Por causa da falta de filosofia. A massificação... Não
há uma definição de objetivo. Por baixo de tudo está o
desejo de molhorar as faculdades estadanis. As faculdades
pobros, vamos dizer casis. Mes es vez de teres a coragem
de dizer: "Precisa fazer adaptação" - chamas inso de pragraduação. E a gente fica sea suber o que fazer com a real
formação de pesquisadores novos, que é na pom-graduação. Sa
he que isso, na Inglaterra, por exemplo, levou a un execuso da Mice, que a Inglaterra ficou com um problema de megcado de trabalho?

A.C. - Tiveram que exportá-los, não?

P.V. - Perfeito. Exportar por qualquer dinheiro. Viu-se que a maior parte deles erem fracos memo, que era massificação de ensino nosmo. Quando entret en Harvard, a Universidade não fazia exeme de ingresso, era o professor que aceitava ou não. Sabe qual era a nédia dos que tenninavem, a per cantagon dos que tenninavem o doutorado? 252. O resto fit cura pelo caninlo. A gente tinha obrigação de fazer 16 cursos e tirar um núnino de 15 AS.

A.C. - Quantos cursos?

P.V. - 16 cursos de semestre. Has a mim, como era formado

Feculdado de Medicina de São Peulo, que tirha certo pres tígio, me deluaran faser só otto. O que, principalmente ce dinheiro, significou muito. Nas o sujeito podia ter un B, o resto tinha que sor A, senão ia para a rue memo. Antes de chegar en tese, en ecosae de tese, tinha que faser os créditos. Depois tinha o exeme de qualificação que era un exemes vago com cinco professores. O seu levos seis No ras. O resultado desse exeme podeia ser: aprovado os re provado. Ou então um dos professores te mandava ler un ligvor e voltar para discutir com ele. Ou então nurcava una segunda ápoca. Hoja, entreu, sui. Eles acham que a selação deve ser feita na entrada, porque reprovar gente é desperdiçar dinheiro e recursos humenes. Mas que a qualidade cuiu, culu.

A.C. - Missio en Harvard?

- P.V. Pesno es Harvard. Mas agora que eles já tem un minero mai to grande de Milo, acho que vio ter que voltar ao velho sistema, ponque senão vão entrar no problema de nercedo de trabalho de nomo.
- A.C. Já está havendo esse problema, não é?
- P.V. Está. Está porque un anigo neu arranjou un empreso

Montana. Um dos melhores estudantes de Willians, o

, arranjou un caprogo em Montana. Olha, Montana è coefundó do Judas. O cafundó do Judas. Bon, quando ele ia indo para lá, teve un desastro de autonóvel e morreu. Na serona seguinte já tinha três cartas de ex-alumos do Williams pedindo para ele indicar para aquele lugar. Quen do antigamente a turna lutava para ir para Princeton, para ira para Chicago, coisa essim. Já ten briga para ir para Montana!

As ofertas que nós temos aqui, pusa... Importei un para a acadomia, para mundar para o Nordeste. O sujeito está feliz. Bu falei:"Quanto vocó quer garbar?" "O que vocás pagaren. O que pagar para un PHO brasileiro, eu recebo sa tisfeito".

- M.B. 0 Museu tem muito contato com pesquisador estrangeiro?
- M.B. Como é decidida, dentro do Museu, a distribuição de verbas para os pesquisadores?

p.v. - Não tem. Tem uma verba de viagens. Cada um calcula, no comaço do ano, mais ou menos quantos dias vai viajax, exm diárias. Porque diária é uma verba louca que a gente adi anta para o Coverno, e recube no fim do mes.

Tom uma verbu de adiantamento. Eu, por exemplo, digo:
"Esse ano vou fazer uma viegem ao Rio Jurumba. Vai no
custar 50 mil contes". Boto no orçuento: 50 mil contos
para o Venzolini. O outro fala: "Quero passar um nês no
para o Venzolini. O outro fala: "Quero passar um nês no
para fulno". Se nês de 20 mil contes". 20 mil con
tos para fulnoc". Se nês der, a gente diz.

M.B. - São verbas estaduais?

P.V. - Verba do Museu, verba da USP. Se não der... Depois tem a morte de revista. Ceda um dia fou menos o que vai publicar naquele ano: "Tentas páginas. Pelo neu lado vem tantas páginas, e tal". Faz uma conta da verba de revista.

Avezia mais importante que temos é a de revista, porque permitanos con 60 hibliotecus no mando. De tudo que é in portante en Zoologia, só temos que assinar unas 15 revis tas, no maximo. O resto a gente recebe por permita. Gas tur cruzeiro de tipografía e economizar dólar na compra de revista é us dos molhores negócios que existe. Publicarso Depois, tom verbo como, vamos dizer, vidros. Na seção de poixes, temon 430 sil peixes. É uma coleção bastante gran de. Então, toda a parte da vidro, diceol e formol, firm contralizada na seção de peixes, já que eles são os majo res frequeses. E a seção de peixes, todo amo, pergunta pa za as outras quento vão precisar, mais ou menos. E faz o caryamento dela. Daí receto os cortes da USP e vejo que jeito a gente 6ã no corpo.

- M.B. Outra coisa. O serbor timba falado ainda agora sebre a importância do prestigio profissional para a permuta de...
- P.V. Permuta é empréstivo. Quando concesi, se você tinha un Micho do Brasil no Nuseu britânico e mundava pedir empres tado, eles não emprestavem. Mendava un para comparar, eles diziam que não tinham tempo. Agora, hoje, que ninguêm trabulha em inmetos da América do Sul, em réptais da América do Sul, em peixos da América do Sul, en aves da América do Sul, em en nossa coleção, quando papo no Museu britá nico, o Nuseu britânico diz "Olha, não pode, mas vou abrir uma exceção para vocá". Isso estate messo. Por Isso que tem estudantes, às vezes de Universidade, qualquer coina, é não deixamos eles escreverem com o pupel de carta do Na seo, com endosco do Nuseu para corros nuscus.

UNICAMP ARQUIVO CLE mais ou menos 2.000 púginas por emo. O messo gargalo 6
ler prova em inglês, porque não se pode dar para funcioná
rio famor. É o staff mesmo que reparte o serviço, aqueles
que falsa inglês. Não podísmos publicar um total do 2.000
cu 4.000, páginas por emo. Nas com 2.000 máo somos uma re
vista... Nossos duas revistas têm boa reputação interma
cional. Depois, como damos 150 separatas de graça, e não
limitaros figura pem tabela chovem bons autores. O pessoal
de Harvard publica nas revistas: Smithsonian publica.

Então, essa é a verba central do Fuseu: a verba de pública Ções. Porque ela suntenta a biblicteca, ela faz as rela ções internacionais do Museu. Para vocă var, esse traba lho que agora o Belchior e o Francisco mandaran - que tun essa carta engraçada, dizendo: "O voso cláscio traba lho" - foi públicado nuna revista do Museu e teve una di vulgação..... Porque 700 biblictecas no mando, é una bost.

- M.B. E vocês têm comitê de edição, que decide, que julga arti gos, avalia?
- P.V. Na realidade, tence para cada caso de dúridas. É um cnoar regado. Delegado sake que ten que ser delegado mecmo. Eg se, como se sacrifico, ele ten o poder. Quando dou para um sujetto faser isco, ou ele moreos confisma ou não

M.B. - O senhor tem essa rede muito extensa?

P.V. - Sizel Se tenho, se tenho! A Satthsonian, por exemplo, eu mando 15. Em Harvard, eu mando. Quem é o cuimdor de rég tels em Harvard? Enneat Millians, neu amigo desde 1949. Jú fizenos une 10 ou 15 trabalhos jarres. Quer ver comp

UNICAMP ARQUIVO CLE gua caso de dúvich, ele conversa. Sespre aparece una bes tetrinha ou outra, ses é poura.

Primeiro, que es autores jú são conhecidos. Não é coise que sufi... Não tenes uma regra, no Nassu, - regra infogran - que minque man - que minque man - que minque man - que minque estamagairos. Vecê monda o menucerito. Os caras já botan o inglês mais en ordes, porque o inglês defente, por me lhor que seja, nunca é. O individos já te menda o inglês revisto, já dá equinão sebra. Da, por exemplo, estou com um trobalho agora que tem outro sijeito que trabalhou mis so. Trabalhou com o resmo bicho, no Peru. Um careferano do Texas. Vou mandar o manuerito para ele: "Otha, confe re com o teu bicho. Vé se não falei besteira, e tai". Aí ele já me dá uma olipada no inglês, etc. Ferilita bastan te. Notão, a nossa verba central é a de publicações.

M.B. - Na publicação das revistas, artigos que vêm em inglês são publicados em inglês?

F.V. - São. E os nosses, quando possível, são escritos en inglês. Nas não não terce un tradutor. É tudo feito pelo Majá do Museo nemo.

Por esamplo, a coleção de Harvard 6 a maior coleção de répetois e anfihios do mando. Perto de meio milhão de esam plaves. A nosas está entre as 15 primeiras do mando, 110 mil mais ou menos, 105 para 110 mil. Britão, o Williams val fazer una pemusta de sapo com Chicogo. É muito impor tante você ter representação. O pessoal de Harvard estame em Madogascar e troume muito hicho. Ninguám mais estame em Madogascar. Zirão, eles repartem - como eu reparto bú cio da Acustônia para a tumma dois para este, dois para a quele - para todo mando ter una representação.

Ben, então, foram fazer uma permuta geral com Chicago. Man duran, vamos dizer 500 espécies para chicago. Chicago, 500 espécies para ches. Essa permuta dá muito trabalho. Veo tem que tirar o bicho do vidro; tam que emotar no seu catá logo que essa bicho foi mandado para elquémy tem que prega xar o bicho para mundar; tem que reagu xar o bicho para mundar; tem que examdar; tem que fazer a lista de envio; o cutro tem que conferir a lista de envio e devolver para você anquivur. Essa coisa, quamdo é bem feita, é trabalhosa. Então, de todos os vidros que tribam muitos bichos, ele tirou dois a mais e mendou para minte para conferir en mendou 200 e tentas confecies de supo, de um munta de lugares do mendo. Faz pouco tempo, ele foz uma paramata de lugares do mendo. Faz pouco tempo, ele foz uma paramata

com un material das Antilhas e no mandou 70 espécies de la gartos das Antilhas, de presente. É chanado permuta, maís 6 opos exchange.

E ou mando o que puler. Pego un bicho raro e tenho un me gundo, mando para ele. Ou se é un negécio de sapo, mando para o especialista de sapo da Smithmentam, que trabalha con a gente. O pessoal de Nova York também. Un deles foi meu aluno.

- M.B. É uma rede que não tem dá-lá-e-toma-cá.
- P.V. Não. É una máija em que... Quer dizer, ten gente que é como se chama? Não é que discorda, é que não entos. Que desentos. Por exemplo: Kansas é un Museu de mau-caráter, conhecido como Museu de mau-caráter. Quer dizer, eles te propõem un negócio e você precisa ver o exemplar antes, porque eles mandam quebrado, mendam...

A filosofia da nossa geração é a seguinte: Não existe ava reza de propriedade; o naterial deve estar onde seja ne lhor usado. Por examplo: o passoal do Auseu de Nova York comprou uma bruta coleção peruvas de um missionário. Vão perdar um tempo danado, porque não estão familiarizados com a AU chia Ferunas; vão perder um tempo danado catalogando esse material. Entito, mandam a coleção inteira para mim.

cado". Tiro meia dúzia dagui, meia dúzia dali e Agora comprei de um sujeito uma bruta coloção da Costa Ri ca. Una coisa muito engracada, porque recebi uma separa ta, e atras vi un anúncio "MM. Jean Bosch na Costa Rica, gostaria de vender bicho", não sei o que, e tal.

A.C. - Once o senhor viu?

p.V. - Na separata. Numa revista científica. Estava escrito is so num anúncio. Sentei na máquina e bati una cartinha di zendo: "Sr. Jean Bosch e tal, vi o seu anúncio e gostaria de saber as suas condições, porque quero uma coleção Costa Rica". Meti a carta, botei ali. A secretária levou botou no correio. Quando eu olho a separata, é una separa ta, alias, um anúncio, de 10 anos atras. Eu disse: "Mas que papel ridiculo eu fiz". Al recebo una carta do sujei to, entusiasmado: "A primeira resposta do meu anúncio... Estou entusiasmado, e tal". Recebi una bela coleção Costa Rica. 100 dolares, uma besteira assim.

Tem um certo grupo de lagartos que é muito difícil, e para min interessa ter identificado por un bom especialista. Eu poderia, gastando al 20 dias ou un mes identificar aquilo. Mas o que fiz? Meti no correio e mandei para un cara que

traballa niano. Diamet "... Idantifica isuo
puto min e segura o que você quince". Então, ele ne fa
lou: "Napaz, tricha trêe antienos equáticos. Fiquei com
un. Não sai o quê".

Quar dizer, existe essa confiança nitua, em que o aujeito sobe que você não está querendo explorar. O que a gente quer é un denodinar comun de coleções. Nas existem certos muscum... Por examplo, Faris é fossilizado, desoleto, in possível. O Meseu Británico tem regularanto durfesimo, mas eles passas por baixo, eles iludes. Nas não podem fa zer muito. Praviduri é un Museu que, poiendo te roubar, te ecoba. Não boseja que ele te leva a obturação do den ta. Agora. Expenhayan, Estocolmo, randa o que você quiser e diz: "Olha, se te interessar fique. Isso é un material brealleiro mesmo. Não temas especialistas. Não vamos ter". O maior Museu dos Estadas Unidos é o de Harvard. É Mushington, Saitheonian e Harvard.

nmerican Musuum, Chicago, Berkeley, é una quate de una fa cillidade de trato, de una generusidade. Então, o que não tenes de coleção hoje es dia agui no Brasil, couparada con una 30 anos atrão, é un fator de sil, em utilidade de cole ção. O que a gente pode fazer hoje en matéria de pesqui cal B o que não comprando tembra. Noje em dia, podenos fazer o que ninguía pode, un manual en encala mundial. Ago ra, dependendo sempre do indivíduo. Não há nada que eu, como Director do Nesseu, possa fazer.

M.B. - Mas ha o senhor enquento...

P.V. - Se o especialista é bon, con un pouco de amparo do tor, faz. Tem certos grupos que não adianta eu estar que rendo comprar, mus se aparece um sujeito... Tem um sujei to chanado Peña, por exemplo, um chileno, que gostaria de trabalhar para nos. Mas com os materiais que ele pega, o pesseal no Museu é displicente. Então, pago do mou bolso, com dirheiro de mísica, para ele pegar lagarto para mim. O sujeito trabalha em Altos Andes. Temos uma coleção de Altos Andes de layartos que é o fino. É a melhor que tem no mando. De Chile, Bolívia e Argentina. Agora ele esta fazendo Equador. Peru ele ainda não pegou. E eu distri buo para cutros, menos para a Argentina, porque o argentino ngo empresta, não troca, não faz nada. É criminoso mes no. Mas os Estados Unidos inteiro vive de coleções andi nas minhas. Mas é só lagarto, porque o pessoal do Museu não se interessa por material andino. Então, não adianta, porque se o material ficar simplesmente depositado, se o material não for identificado, catalogado, arrumado na co leção, ele não existe.

A.C. - Tem gos ser trobalhado.

P.V. - Then one ser trabalhado. É o chamudo trabalho de curatoria, que estadadoca a diferença entre o mólogo de univer sidedo, de cadeira, e o mólogo de muero. Our dizer, se von para a Assendia, eu trago, vanos direr, 1.800, 2.000 legatos. Isso tos que ser separado, identificado, muero do - cada un com seu número. Vei para un livro genal. Tem un rómio para eda vidro. Tem un casalogo por espécies. As cobras tem un catálogo para contagam de escavas. E vai arrundo mun certo jeito. A gente tem que prever entrada de material, de vez en gumbo tem que reservane.

A.C. - E esses catálogos circulam?

P.V. - Não. Vamos dizer assim. Un americano quer estudar cosco vel. Diz: "Vanas, o que você ten de cascavel?" Eu xeroco a pórina do catálogo de cascavel e mado para ele. O Missou da Nova York, por esemplo, que trabalha con ficiale - e les xerocosa todas as ficiase. Pêm equela pilha de fichas no xerocas todas as ficiase. Pêm equela pilha de fichas no xerocas todas as ficiase. No mes entrêncio, que feito a não, xerocum o negócio deles, e eu fico sabendo o que que ten de hom. E digo: "Ne interessa. Nande isso e equilo outro". Un sujeito ne diz: "Nende tudo". En digo: Tudo en não rando, porque este teu cerudante é ruin. Não vou nondra 300 cubros. Escolha, que mando uma seleção". O xerox resolve todo esse problema. Você não precisa circular o cutálogo.

P.V. - E lógico. Vou te dar un examplo. Un sujeito chamado Grabbman.

M.B. - O caso da Argentina, por exemplo.

Un sujeito chamado Grobbnan, que é professor na Universida P.V. de lá em Chicago, chamado Chicago..... uma universidades menores, pega um dos problemas mais diffecis que existe em cobras brasileiras, un problema de evolução de um grupo extremamente complicado, em que a parte ecoló cica é muito importante. O rapaz nunca veio ao Brasil, nun ca virá, nunca esteve na América do Sul, não sabe ecologia nenhuma. Não sei porque o Grobbasa pegou esse problema para ele. Ele disse: "Mande tudo que você tiver". Tenho 350 cobras desse grupo. Para mandar 350 cobras, meu labo ratório inteiro para de trabalhar por una semana; custa 250 ou 300 dolares pera mandar; no dia em que voltar, para bo tar tudo de novo na prateleira, é mais una semana; e o re sultado eu sei que não vale nada. Então, eu com françue za, digo: "Olha, Grobbran, não vou te mandar porque o re sultado não vai mestar"

Agora, un sujeito, por exemplo, que trabalha cue Paleonio logia, mas de coima supor recente no diz: "Vamzolini, eg tão se feltundo es seguintes giences de supos. Eu não te rão, quan sabe você tem". Es manda una bruta de una lista. Isso é un negócio altamente interessante. Então, paro de trabalhar e vou fazer, ponças sei que existe una recompose.

- M.B. Como funciona essa rede de releções de Maseu con outras instituições, aqui no Brasil?
- P.V. Muito bem. Quer dizer, en termos, não ê? Tên gente con quen ou não falo. Se acho o sujeito mau-cerâter, prodio de entrar no nau laboratório. Mas, no geral, é rasolvel. Con o Museu Macional, que é o mais importante, tence relações suito estreitas, muito boss.
- M.B. Trocas, coleções...?
- P.V. Isso não. Eles não são muito interessadas. Mas, asnim, selações cordinis. Não se faz suito, perque não ó necessário. Mas na hora ca que se precisa, não há problema no nava. De umo muito nuis á eles do que eles me usan. O ce pacialista de réputais, por exemplo. É un sujeito que já está primiro da oposentadoria, un sujeito muito direito Vo tho catgo. Batio, o que se preciso... Mas são serpre relações muito nais passoais do que institucionais. Perque a

coisa mais facil, como diretor, é dar una desculpa: "Esta nos pintando a seção; estanos recutalogando a coleção".

- A.C. No início de nossa conversa, o senhor mencionou Manguirlos de una mameira mito posoo simpética. A experiência de Manguirlos.
- P.V. Não, não é de una mameira pouco simpática.
- A.C. Me paroce que naquele momento, no inficio de sua carreira,

 Manguinhos já se encentrava mus processo de decadência.
- P.V. Não. Não. O problema não 6 de decedência. Menguinhos ea tava no apopea do processo de famer coisa que não tinha na da a ver com a função de Saúde Pública. Emito que, por exemplo, neu anigo equi, o Krussatche, achava que Mengui nhos devia ser una universidade e não un Instituto de Saú do Pública. Na sepão de Ecologia médica de Menguinhos não tipha ninguêm famendo Ecologia médica. Ceda un tinha di.

Mão! Espera aí un pouquinhot Hago Soura Lopes é nau Intimo amigo até hoje. No dia en que ele foi cansado, un dos poucos que tivezam coragea de ir na casa dele, fui eu. E o Wolkenagea ali do outro lado da rua. Jesigo sesso. Juas o que ele estava finando en Manguinhos era una Zeologia 15 dele. Mão vou dizor se é bos ou ruis. Não gosto, mao, enfis, ele é un sujeito maito considerado no mando intej

no. Atá apora no Canadá... E tudo istro... Mas oque uno

é que foram dessas hipertrudins que rão tirham mais nada

que ver con a missão de Manquinhos. Ao contrário, neces

tespo, eu adorava, considerava Hangadinhos un verdadeiro

exemplo. Depois que fui pora os Estados Unidos é que en

marquei a loucura do negócio todo. Nas neces tempo eu can

siderava Manquinhos..... Dona Berta Luiz, foi minha ael

ga até a hora de morter. Querida aniqa. Ai é que entendi

esse processo de parda, de falla de direção, fundamental
mente. Perda de foco, porque cada un vai fazendo, cada un

vai indo para seu lado e vai ficando esta vez mais longe.

A.C. - Falta de unidade.

.v. - E. E falta de visão de gunl é a finalidade. O que cesta mos fazendo aqui? Estemos equi para fazer nossa vontade ou estamos para fazer un serviço?

> No Misrou, uma vez que a gento de aquela atamção às coloções, ao acervo, faz a pesquisa que quiser, não tem proble no. Estacos lã para fazor a ventáda, nas mas instituto coa missão...

O Butanta, por exemplo, faz alemes pescuisas en todas erradas, porque não tem nada que ver com o que Instituto tipo Butantă tinba que fazer. Eles fazem sistemática primátia de cobra, de descrever espécie nova, achar una espacie velha e não sei o quê. No entanto, verdadeira estrutura filogenética das cobras venenosas, as relações entre os venenos, entre as espécies, nisso tem ninguém trabalhando, ninguém nem sabe que esses proble mas existem. O Butantã começou como uma seção de identifi car cobras venenosas, para fazer soro. Depois ficou fazen do cobra não venenosa, etc., e tal, e continuou nessa roti na de estudar cobra como se fosse un museu. E não estão fazendo pesquisa nenhuma que realmente o Butanta precisas se, em matéria de cobra. Tem coisa para burro para fazer e... Com o volume de material que eles têm, o que eles po diam fazer lá seria una loucura de bon.

A.C. - E não há meio de recuperar a instituição? Isso fica entre que assin?

P.V. - Tem um negócio chaendo a tradição da instituição. Totação, não podence remper cem a tradição. Tem outro negócio: en de é que vod vai arramjar boa cepecialista? Tem o negócio que um chefe ruim não cria assistante bom. Pui do Con selho Diretor do latunable e sai porque não me considerava capaz de redificar medo lá dentro. Me dei por vencido.

- A.C. Voltando ao problema de Manguinhos. O serbor vo com maus oltro essa ligação antiga da Zoologia com a Madieina, com a formação médica?
- P.V. Não. Aquilo era um fato absolutamente inavitával e foi um dos pontos altos de Manguinhos. Porque Manguinhos enxerga va a coisa em termos de problema. Se uma parte do problema de esquistosenose é caramajo resolve caramajo. É cumo o Lobato 6. O que subo ruim é o que o negócio vinou rotina, perdeu o enfoque. Vemos fazer caramajo não porque caramajo é ligado a um problema que Manguinhos ton que resolver, nos porque vamos fazer caramajo.

o vaiho Travassos se encheu de vermes e foi fazer konboletas. Forboletas tiña alguma ocias que ver com Nanguirhoo? Não. Mas o velho gostava de borboletas. Então, tinha uma vastarriza, um baleza de coloção de borboletas que ele botava no trabalho dele. Um trabalho fencamal. Recursos de Manguirhos, e tuio isso.

Has não é o velho espírito. Quando compou era una das coisas admiráveis de Benguinhos. Dapois, escleroscu.

A.C. - Mas maita gente foi para São Paulo, não foi? De Mangui

P.V. - Hão. Immo ora un persoul que não tinha nada a ver con Sog logia. Era pessoul experimental. Não. Não era o pessoal de Manguimbos. Era o pessoal que fez o curso de Mangui mbos. Al Soi. O pessoal inicidal do Mológico.

Vamo vor ques foi de Rio: Mauricio Rocha e Silva, Otto
Bier, Paulo Enèse Galvão... Bittencourt, se não en engeno.
Não. Bittencourt era fitopatologista. Mas eu sei que o
Bier, o Marricio, o Galvão eres gente dagui do Rio que o
Rocha Lima levou para lá. Era, principalmente, gente do
ourso de Manguinhos.

Non não tem meda que ver com a parte modógica. Estoo dia cutinão, puramente, o que concepu como Zoologia médica e acabou sendo Zoologia em si, sem ligação, o cheio de pop hlemas importantes dendo sepa. Como o Lobato provou. Para min, quem provou o erro Xempuinhos foi Lobato. Porque fez uma Zoologia muito reis hemita do que qualquer outro 15 dentro. Agora ele veltura para o primeiro emor dela veltou para Nempuinhos e é vice-presidente, se não me engumo. Mas ele fez um trabalho de uma qualidade muito selher do que des outros, mas incrnavente supérior. Evquerendo da fima lidido. Quar direor, erro Zoologia memo, o trabalho de

contradigated to when

Whathrir Lobero ë wil vezes superior a todo o resto que se for l'i destro e quo es faz. E, so entanto, è un trebalho enfocado no producas de explistreamone. Tudo que o kladi mir está descobrindo é importanto para a compressão da biologia do carmento, ligada à explistreamonese.

> Aguna, no tempo en que eu vi, para nin a Scologia de Men quinkos era a maior do mundo. Nos Estados Unidos é que fui ter o choque de ver que era o século XIX sobrevivendo aqui.

- M.B. No Museu turbûm se terla necessidade de operaren torno du<u>s</u> se tipo de problema ou... Bum, aí é o que o senhor falou, não 67 Oxidado cun as colações e...
- P.V. Existen varias limas. O negócio é como fazer o melhor uso dan coleções. Já que o Nazeu é centrado esculeções...

 O neu trabalho, por exemplo, não só depende de ter séries grandes de todo bicho, de todo lugar, como de es ver a eco logia do bicho. Obleciono com olho de eólicgo. Então, o fato do ou trabalhor em Maseu é usa grande ventagen para o trabalho que faço.
- M.B. O serior chagou a dar aula na USP, no Departamento...?
- P.V. Não. Fiz concurso e perdi.

A.C. - Comp foi isso?

P.V. - US: Tirda cinco examinadores: dois votaram para mim e três votaram para a outra. E assim eu perdi, democratica mente. Três a dois.

M.B. - Acho que a gente pararia un pouco e depois retonaria. Não é melhor?

P.V. - Retomaria? Acho que não tem mais nada.

A.C. - Tem!

FINAL DA la. EMPREVISTA

- M.B. Queríamos tentar saber com o senhor o que se faz em termos de Zoologia Básica e Zoologia Aplicada. Como é que se dá a interação entre essas duas coisas?
- p.v. A primeira coisa é a seguinte: Zoologia Básica e Zoologia Aplicada variam en termos, simplemente, do interesso eco rânico. A mesma pesquisa pode ser feita como básica ou camo aplicada. Se eu fizer entratésias reprodutivas num lagarto, into não é una pesquisa aplicada. Se eu fizer a mecma num peises de interesse econômico, ela pussa a ser pesquisa aplicada, porque vai ser importante para julgar a intensidade de exploração que essa população de poise pode recober.

Trabém é importante a gente leuvar que muita coisa que não é considerada Zoologia, no Brasil, é. Está no campo da Pisiologia. Porque, principalmente nas faculdades, se faz, como Pisiologia, una coisa que temba ênfase no animal e não no processo fisiológico. Como se vê, por exemplo, nos Estados Unidos, quando a ênfase é no processo fisiológico, é Piniologia; quando a ênfase é no enimal, é Zoologia Experimental. Então, Zoologia Experimental pode ser pura, se tum interesse ocalimico, mus na hora em que pusoa a servir és base para nelhorar un animal para botar no

Nordeste, melhorar um animal para botar na Amañnia ou pa ra botar no cerrado... Modificar para fazer uma introdu ção, combatar uma praga, qualquer coisa, esse mesmo dado é aplicado. A diferença entre pura e aplicada não está no márito em si, no conceito, mas no tipo de animal a que se aplica. Esta é, para min a parte básica.

O entroamento se di assimi nõs, da parte puras, temos que ensinar a Netodologia para o pessoul da quilcada. Veja una coisa que se di muito, agui, em Agricultura e Veterinăria. O sujeito val e faz curso nos Estados Unidos, ou importa-se un hom agrăciono ou veterinăria. Agricumo, vares diaer, de Entomologia Econômica. Ele chega squi e fracassa comple tamente. For quê? Porque ele é un profissional liberal; ele aprendeu una netodologia com uma sórie de preblemas que foram equacionados por outros. Então, quendo ele che qua aqui, e a problemática é outra, ele se afunda, porque não tem poder de inovação, não tem poder de reformulação.

De todos ca hiologistas de pesca que a FFO tove aqui no Brasil, oб us, até hoje, charado Ian Richardson, realmente funcionou. Porque era o unico que tirha una cultura bási ca. Todos ce outros vinham aplicar, nua embiente tropical, conceitos de ambientes temperados que não se aplicavam. Fra un fracesso strás do cetro. O Richardson foi o prisei ro sujeito que, por volta de 58, 59, implantou un real grupo de Biología de Pesca Marinha apui, porque era un in divídus que conhecia as equações fundamentais. Ele não ga bia a metodología, não sabia a mecânica de fazer as coisas — quar dizer, sabia isso também — mas sebia a parte básica. Então, pôde criar un grupo para as necessidades do amblen te.

É una das grandes dificuldades que existe en importar knowhow. É que know-how tropical é diferente. O individuo importa un técnico, que é muito bon técnico na terra dela, porque os problemas estão formulados. É hocum para solu ções do problemas já formulados. Mas para reformular os problemas, ou formulados problemas novos, precisa ser um su jeito de muito bos base acadêmica.

Acho que todo cientista eplicado bas que pussar por una base académica, e cum a melhor formação académica. Quanto mais prático ele tiver que ser, mais académico ten que ser no começo, porque senão ele não ten originalidade, não ten a versatilidade de pusar método de outro campo, etc. Se ele recebou aquela moia dúria de ferramentas e a forramenta que ele precise é outra, ele está perdido.

A.C. - Ele tem quase que saber criar suas próprias ferramentas.

Escolher, pelo menos.

Não é quase, não. Tem que saber mesmo, porque os mas praticos aqui são todos novos. Tirando coisas melhoramento de plantas, que a turma já recebeu a receita pronta. Por que o Brasil tem tanta coisa boa em melhoramen to de plantas? Tem variedades de café previstas hã anos, de algodão. Porque isso é uma metodologia que tem Ecologia. É a mesma em todo lugar. Chegou um inglês aqui, um chinês e ensinou: "Faz assim. Cana se reproduz de tal jeito, então, voçês trabalhem com cana assim". E o individuo simplesmente sendo aplicado... Lógico que não é nenhum burro... Não estou diminuindo esse pessoal. Mag na hora de combater una praga, o que que eles fazem? rem na companhia química e compram a receita do insetici da, porque não exista genta com cultura básica suficiente para entrar no problema da Biologia de uma nova praga achar un equinho biológico para combater essa praga.

A.C. - Esse problema também aparece com a resistência que se cria aos inseticidas, não é?

P.V. - É lógico. Veja o seguinte. O problema de inseticidas é un problema de probabilidades. As mutuações estão aconte cando no bicho e as mutações estão acontecendo no produto, só que a velocidade do bicho é muito maior. O bicho estã sempre na frente e o produto... O inseticida é a mema.

coisa que Medicina. A maior parte dos mádicos padace da ilusão de que a droga só faz uma coisa. Então, quando ele da uma droga para a sua pressão, para ele essa droga só age para a pressão. Não está pensando que uma droga tem ação sobre intestino, sobre misculos, estre isso, sobre aquilo. A mesma coisa inseticida. O sujeito ensarya que inseticida mata aquele bicho. Para ele, acabou; a única função, a única ação é squela. Não está pensando en emme nenamento do ambiento, en destruição de polinizadores, etc. Essa fase de inseticida tum fase da finerin.

Tea un exemplo muito mais bonito que inseticida. E a mulgiria. Abá hoje, não se saiu do quinino. São modificações do quinino. Eu tembo há 12 anos uma malária resistente a todas as drogas. Morreu, não faz 15 dias, us sujeito do DECA em Menaus, que trabalhava em mulária. Morreu de mulgiria em 48 horas, ou 72 horas, porque o plasmódio está muito na frente da Química. Quando quiseran dar para o Pinotti o Premio Nobel de Medicina, porque ele fez a grande compenha antinalárica... Ele foi o sujeito que mais traba lhou es favor da mulária. Com eguela negócio de que un comprimido cura, começou a selecionar medicação insuficiem te, começou a selecionar medicação insuficiem te, começou a selecionar raça resistente.

Tem um problema que vai chegar ao Brasil, por esses dias

agora, de raça resistente. Esse é o pior do mundo. Porque tem uma blenocragia spora que remiste à penicilina e. a qualquer outro antibiótico. Quer dizer, trotamentos insuficientes foram selectionando, selectionando, até que apora tem um gonococus em que nada adianta. Já está nos Estados Unidos, já está no Panamá, se não me engamo. Amenha vai estar aqui no Río, e bem selectionado por penicilina, selecionado por tratamento insuficiente.

A.C. - O senhor estava falanĉo, ainda hã pouco, do exemplo, da Austrália, do problema do...

P.V. - O negócio é o seguinte. A bosta do gado é mobilizada por escaravalhor, que fazem espala bola - onde põem co coros e enterram. Então, na realidado, a adubação, no carpo em que está o gado, é faita por escaravalhos. De outra manei ra, aquilo mata o capin, abafa o capin. Os escaravalhos australianos... Na Austrália não havia ruminentes, não ha via nerium namifero grande, a não ser cangunu que ten uma dejeção cumo a da cabra. Então, na Austrália, elas estão perdendo pastagens por causa do gado. Por isso, estão com equipos na África, que é o lugar dos grandes reberhos de bovinos, antilopes, essas coisas, estudando escuravalhos africonos que possam ser introduzidos na Austrália, para metabolizar a bosta de vuca, sem criar outros problemas an hientais. Têm um leboratório môvel na África, andando pa ra lã e para có.

Essa pempuisa sobre como era a reprodução de escaravelho, era un negócio puramente acadêmico na terra do boi, porque ali já existia o binônio escaravelho - boi. Elucidar isso não era pesquisa aplicada. Nas, na Austrália, ê pesquisa aplicada. Quer dizer, se eu mular o problema do un país para outro, exatumente o mesmo, passou de pesquisa acadêmi ca para pesquisa aplicada. Agora, quen pode fazer isso? É o sujeito que tem a formeção básica, que sabe o que é un inseto, que sabe como se estuda a biologia de un inseto. Certo?

N.B. - Em termos do panorema da Zoologia no Brasil, hoje, o que se faz em termos de Zoologia nucional? O senhor tem como nos dar una idéia?

P.V. - Tenho.

A.C. - Zoologia de Boa qualidade?

P.V. Tem squi ne sala un negócio que nos fizence para o CSQ.
Vocês podem ler. É apuilo alí. Existem muito poucos zoó
logos; existe una cobertura ultra-insuficiente dos campos
de pesquisa; e existe una tremenda falta de liderança, fal
ta de senso de misso. Tem que havor una Zoologia feita
no dia a dia, no sou-zoologo-e-não-seria-outra-coisa. Exis
te, principalmente, una falta de consciencia nas universi
dades novas e poquenas, que não estão começando con un
dades novas e poquenas, que não estão começando con

Departamento de Zoologia como devia ser feito. Estão la cando quem possa dar aula de Zoologia. Estão mandando o pesso al que eles têm para a pós-graduação para botar un carrinho de mestre ou de doutor. Não está havendo un place jamento.

A liderança do CNPq nas Ciências Naturais tem sido péssi ma; Ala Genética tem sido ruim, na Botânica está sendo ruim; na Zoologia está sendo pessima, abaixo de ruim. Porque são coisas de circunstâncias. Peunem a turma para fazer ação entre amigos. Não há realmente um levantamento. levantamento que eles pediram para a gente fazer foi um le vantamento de quanto custa, não um levantamento do que se cuer, de oportunidade. Non é tanto necessidade de pesqui sa, é oportunidados de pesquisa e necessidado de formação. Porque, na realidade, o número de problemas é muito major de que o número do gente que se pode pôr no campo en pouco tempo. Mesmo importando gente boa. Hoje é facil importar gente boa, gente polo menos do nível razoavel. Mesmo sim, o que tem para fazer é muito mais. O que se tem de fazer de urgência em problemas práticos como exploração de estoques pesqueiros, tanto na costa como na Amazônia, como conservação de espécies ameaçadas...

O campo de conservação, aqui, é ridículo. É feito por mis sionários, por gente que acredita, que adora, mas que não tem o amor prepare biológico. Conservação é uma das oui sas mais difícuis que existem, do ponto de vista biológico. Primèira coisa: conservar o quê? Voó pergunta para qualquer um desse pessoal de conservação - conservar o quê? Eles falam: "Ah, mata, não sei o quê". Conservação e conservação de estoques genéticos, conservação é conservação de estoques sa mito mais complexa, que depende muito mais de Biologia teórico do que essa tuma percobe. E quem está, não só nos postos de trabalhó, nos escalões baixos, mas no cama do, taubán é gente sem preparo teórico.

Então, a perspectiva é muito ruim, por causa dessa faita de compressão do que são as matas gerais de formação do modiogo, por causa da faita de preparo da liderança e por causa da estupidaz, do suicídio que é a pôs-graduação maciça, adaptativa, como está sendo feita. A pós-graduação não é para preparar um professor a ser um professor um pouco memos mau, jogundo simplesmente o problema uma gezeção para a frunte.

- M.B. O senhor falou que não estão sendo montados departamentos de Zoologia como deveriam. Como deveriam ser montados?
- P.V. Deweriam ser montados dizendo assim: "Onde estamos?" "Pa ralba?" "Rio Grande do Norte?" "O que vamos fazer?" "Tem

lagoas aqui?" "Vamos trabalhar em lagoas?" "Para que vamos dar ênfase?" "Qual é o problema aqui?" "Já está havendo exploração?" "Não está havendo exploração?" gosta, como é que está?" "Vamos mexer com lagostas, vamos mexer com moluscos?" "Vamos mexer com sururu?" "Vamos me xer com qualanum?" "Com que vamos mexer?" "Qual é o tipo de professor que nos precisaros para ca?" "Que tipo equipe nos precisanos?" "Qual é a interdisciplinaridade que precisa aqui?" Aqui é um lugar em que nos precisanos de biologistas, de Limnologia de agua doce? "Aqui é lugar em que nos precisamos de oceanógrafo de beira praia, de oceanógrafo de rocha?" "Que tipo de gento nos precisamos?" "Que tipo de problema nos vamos atacar?" "Que formação geral daremos a nossa gente?" "Que curso básico vamos dar para eles?"

Então, o que acontece? O neu amigo Napoleão Pigusirado, do Pará, chegou antecntem para mim e disse: "Sou coordena dor de cursos. Dotar⁹ima natéria de Biogeografia. Preciso de alguém para me dar Biogeografia. Tu podes 1:7º El disse: "En primeiro lugar, minguém que tenha boa senso di Biogeografia. Ou di Pitogeografia ou dã Zoogeografia. Na nacento não 6 possével dar. Não há uma cântese cumanda Biogeografia, a não ser mus nível toôtico muito alto, que não 6 para a thivernidade do pará.

E depois, que negócio é esse: ven me dar un curso de Bio geografia? O que que quer dizer isso: ven me dar un curso de Biogeografia?"

Chego lá, requesito Biogeografía para que alumo? O que que eles tiveran? Que outras matérias eles tiveran? "Não, raçaz, os homens queren que nõe damos. Está lá no curríaço lo e tem que ser dado. Ne arranja uma moça que queira pag sar três meses, no Pará. Pago ben. Nora no Nameu Goeldi. Dou Cr\$ 12.000,00 por mõs".

Isso, cam uma das matérias mais sárias que ectatum, mais básicas. E é isso que eu estava dizendo. O sujeito chega de Curitiba, desesperado: "Preciso de alguém para dar Ent<u>o</u> mologia, porque tem la no curificulo, e os houens que de Entonologia".

E tudo está assim, numa correria para satisfazer exigên cias legals. Não está ninguân pensando en que tipo de en sino vamos estruturar para o nosso lugar aqui, para o nos so estado, para o nosso chão. Eles convidan a gente, a gente vai, faz ua estudo e nunca ninguán liga, porque na hora nuda o reitor, ou o coordenador é outro. Ou como disse una vez o reitor da Bahlo: "O sorbior na planeje uz departamento do Biologia". En falei: "Lá trabalho, nas planejo". "Mae para ser o melhor do mundo, como é minha escola de música". Falei: "Então, é mais fácil eu plang jar uma escola de música, do que um departamento de Biolo gia, perque para ser o melhor do mundo, não dá. Nem sei qual é o relier do mundo".

Taso me falcu un reitor da Bahia, não far muitos anos. Poi en 1960. "Ne faça un departmento de Biologia que seja o melhor do mundo, como é minha escola de música". E isso continua do nemo jeito, exatamente do memo jeito. Veja qual é o penemento na Universidade Federal do Rio de Ja neiro. Pergunte para eles, que idéia eles têm de qual 200 logia deve ser ensimeda equi. Pergunte un dia, na gradua ção e na põe-graduação. Veja se tam alguma filosofia. Vá fa na UEP. Na UEP eles dizen: "Quaremens dar a Zoologia que esté no livro. Rem dada. Está aqui un livro de Entomologia traduzido e nãs querenos dar".

É a mais séria. É a que ainda tem uma filosofia, entora uma filosofia terra-eterra, afogada por maito alumo e por uma carta mediocridade intelectual. Mas é. No resto, é tapar o buraco correndo, porque a Lei de Diretrizes e Ba ses diz que tem que ter Ísso - "Quema que você me arranja que dí?" Compreenda? "Vai passar um mês lá em Belém, ra paz. Todo mando te adora". (Risos).

- A.C. Ouer dizer, o senhor realmente não ve nenhuma...
- P.V. Não. Esperança inediata? É como em tudo no Brasil. Naque le seu círculo de ação imediata e pessoal.
- A.C. O senhor não vê menhuma incompatibilidade entre o básico e o aplicado, ao contrário.
- M. S. E perfeitamente possível fazer as duas coisas. Dar una boa base teórica...
- P.V. ... sem a qual não tem aplicula. Nenhum cientista biej co, nua país como o Brasil, pode fugir de dar sua colabora ção epilicada. É lógico. Não tem torre de marfim. A maior parte dos meus crientados é gente de epilicada.
- A.C. Mas as coisas en geral, são postas en tempos de antagonis mo entre os dois campos.
 - P.V. Por gente que não sabe nem um nem outro.
- A.C. É como se nós tivéssemos que escolher entre investir na ciência básica e investir na ciência aplicada.
 - P.V. Veja o exemplo que dei de Biologia de peixes. Peguei essa moça para fazer com primes exatamente o que eu fazia com

lagartos. Simplemente, quando ela aplicou em corvina, que é um dos peixes mais explorados, virou um trabalho de importância prática. Fazer isso em lagarto é um pouco tra balho acadêmico, nus ela fez exatamente a minha netodolo gia. Naturalmente, daí ela partiu para mais. Mão estou dizendo que todo trebalho é igual, mas a fonte e a origen con as messues.

- A.C. A dinâmica do processo científico é um pouco essa, não 6?

 Embora trabalhando no área específica, esse trabalho reper
 unto sobre as outras áreas.
- p.v. Como ele puza ele da. Isso é o que se chama interdiscipli naridade. Interdisciplinaridade não é fazer un simpósio, bater papo, e diser. "Ah vocâ descobriu esse respócio?" In terdisciplinaridade é a gente, o tempo todo, lançar não da tudo aquilo que esclarace, e estar cadando aquilo que pode esclaracer sos outros. Isso é curial, é primário. O problema é que o possoal não entende. O que falta é base mes mo. Esse que é o negócio, falta base.
- M.B. O senhor falou, durante a menhã, que alguns alunos seus estariam desenvolvendo trubelhos que o senhor consideraria importantes. Dava para o senhor citar quem são?

P.V. - O grupo de peixes do Oceanográfico são três alumos meus.

A Ana Emilia Arão de Mirosa Vazzoler, que para mim é o lí
der; o marido dela, Gelso Vazzoler; e Norigoshi Ymoguti.

Os três foram meus alumos. Cada um deleo já túm os seus
alumos, já tem os seus doutores. Quer dizer, já estou com
netos lá mo Oceanográfico.

Mas é a linha de pesquisa prática en Ocemografia mais im portanto que tea no Brasil, essa de população de peixes. Já na segunda geração. Tem pente no Rio Grande do Sul que está lá fezendo ocos e larvas de peixes; que está fezendo peixes de fundo. O Rio Grande do Sul alupou, por us tempo um navio do Instituto Ocemográfico de São Paulo, para fazer uns levantamentos no Rio Grande do Sul. Esse material veio todo para o Amaseu e os estudantes guádros, os jovens gaúdros, vieras fazer o serviço no Amaseu. Estão fazendo estrado e doutorado cum a minha tumno, com o pessoul que aprendeu comigo. Nesse sentido, quer dizer, trazendo, deg cobrindo a parte biológica fundamental, e trazendo para a purte aplicada.

ΙΝΙΕΡΡυγέλο DA GRAVAÇÃο

O negócio do splicado e do ecciónico. Estou eccrevendo un livrinho, un mensal do INVA para itensus, sobre es turtarg que, quelônicos da Amañota brasileira. Fui ver na biblio grafia o que existe sobre reprodução de tarturque. Não tom menhum trabalho que preste. Então, pequei o material que tinha no Museu, observações de campo que fiz ao longo dos anos, cvos colhidos, e tal. Juntei tudo e fiz un tra balhinho. Una das coisas que é importante em estratégias reprodutivas é a seguinte: a relação entre o tamanho da fê mea e o número de ovos que ela ten ou coisa que o valha. Então, estudando as tartarugas, fui estudar o volume função do tamanho do ovo. Todo mundo mede o comprimento do ovo. Mas pela forma do ovo de tartaruga, o que mais in teressa é a grossura. É um ovo como um charutinho. É unu coisa acadêmica. Aí, um dos rapazes lá que é meu aluno, que é da seção de peixes, estava lá: "Chefe, o que é que o serhor está fazendo?" Eu falei: "Venha ver que negócio bacana". Mostrei para ele os gráficos, e tal. Daqui pouco aparece o rapaz que trabalha com ovos e larvas peixes: "Puxa, chefe! Resolveu o problema. Está todo mun do medindo comprimento. Eu achando que não era suficien te, cuando aplicquei essa fórmula. Já até tinha feito o programa de computador". Resolveu o problema na hora. Re solveu o problema dele. Exatamente o programinha feito nu ma cartelinha magnética, que eu fiz para un negócio de tar taruga, de valor puramente acadêmico. Foi resolver un problema prático de ovos e larvas, e de peixes comerciais. E rápido. Não é nem que foi adaptado; foi enfiado na máqui na. Em vez de apertar dado de tartaruga, apertou dado de ovos de peixe. Uma das vantagens do Museu é essa: a gente tem esse entresamento...

- A.C. Quase que perfeito.
- P.V. Meito bom. Bom musmo. Recebemos o pessoal de Zoologia
 aplicada porque tumos o sentimento de duas coisas primeiro
 de missão, de obrigação nossa de ensimar a boa Zoologia;
 e, segundo, porque, na realidade, é a mesma coisa. Esse
 trabalho dels, se não fosse feito en peixes, era un trabal
 lho acadêmico. Ou se fosse feito en peixes sem interesse
 econômico, era un trabalho acadêmico. E apora o negócio
 foi resolvido para tartarqua.
- M.B. E outros alunos, em outros lugares?
- P.V. Na parte prática?
- M.B. Na parte básica.
- A.C. Woltando à pergunta dela sobre os trabalhos que o sonhor considera importantes e que estão sendo feitos atualmente en Zeologia.
- P.V. Dos neus alunos: Lamas, Herardo Lamas; Muller, que é peru no... Rui dar un curso no Peru e sobrou dirheiro. En trou me très perusnos. Dois mandei de volta. Ficaran un ten po, estaglaran aqui. Para o terceiro dei una bolsa da FFERSO. Elle fez mestrado e dustramento comigo. Elle fez

evolução de cumplexos minéticos. Sabe o que é isso? Com plaxos minéticos ó o seguinte. Tan uma espécia de borholeta que é venenosa e caruya. Os predadores, principalmente que é ventam esce bicho. Então, uma escrie de borholetas, que na realidade são gostusas, ficam parecidas com essas, para se protegerem contra os predadores. Ele estudou a evolução desses complexos minéticos e as plantas de que es borholetas se alimentam, naquele nesmo quadro en que traba lhei com lagartos na Anazônia. Aquele quadro: nos perío dos secos a Anazônia fica dissecada en refúgios de mata. S um trabalho maravilhoso. Esse é realmente muíto bon.

Essa tese da Lelé sobre corvins, quer dizer, da Ama Emilia
Vozzoler sobre corvins, barbém é una tese a que eu dou o
maior valor. Cuam mais? Tem gente no Museu que foi meu
aluno e hoje já é independente, como o Papal, por exemplo.
Ele está publicando agora, na Holanda, um livro sobre rela
cose entre una família de dipteros parasitas e os
mandio
ros. Publicar um livro mum editor holandas não é todo
did. Um livro muito bonito também. Já está em
segunda
prova.

O trabalho que a Francisca Duval fez no Havaí sobre espé cies naturais de drosôfilas é un trabalho muito boa, que ela usou a metodologia genética de 1ã, mas usou matodologia zoológica nessa. E é muito bonito ainda, por que chespu nua ponto en que en disse para elas "Otha, Otica, até aqui vai a estatística que eu sei. Duqui para di ante não tem mais". E ela chegou lá e disse: "Até aqui eu sei, porque o Venzolini se ensinou. Bequi para diante não tem mais". E dal para diante não tinha mais feito. Ar ronjaram un rapaz jovem, un estatístico geneticista, que fez a teoria nova. Então, cuao spêndico do trabalho dela, de Biologia de drosófila, tes un trabalho de Natesútica, de como extrair a herança de foma da cabeça da drosófila. S un trabalho maravilhoso.

Esse rapaz é un gênio. Esteve api no Brasil recentementa.

Cou un dos relhocas cursos que es vi na vida. Então, una
junção assis, en que entrou un grupo de Zoglopia como o
meu, entrou un grupo de Canática como a do Carson e velo

um estatístico que aperfeiçoou tudo, você vê como entique
ce.

A.C. - É uma organicidade muito grande.

P.V. - Não é? Mas não é essa interdisciplinaridade, montada à força. Ela vea de si mesma. Interesces que convergen, gente que se entende; que tem o mesmo modo de pensar so bre as coisase. A recumpensa é fentâstica. A gento fica rindo nosinho. A gente trebalha e fica rindo, que nea lo lo, que nem rico.

A.C. - A proposito, queria lhe perguntar sobre esse geneticista do Havaí.

P.V. - O Carsion?

A.C. - 'O senhor disse que o conhecia muito. De onde o senhor o conhecia?

V. - Da Almeda Glete. A Alameda Glete, no tempo do Decyfus, era genética da USP. E ele estagiou aqui. Não sei se ele 50 envergonha de contar, mas eu não me envergonho não. 1050 famos à gafieira juntos. Ele é muito engraçado. Durante os dois anos em que Chica esteve com ele, no Havaí, ele guardou uma frase e não deixou ela perceber ató o último dia. No dia que deram a feijosda de despedida para ela, ele bateu na mesa e disser "Bota uma dotrada da pura". Da português. Porque põs andemos tomando cama. Éramos menii nos e endivamos tomando cachaça e despendo na gafieira, 15 na Barra Punda, e discoutindo planos de futuro.

to 52 para cá, não nos vinos, nas nos correspondiscos e se guámos o trabalho um do cutro. De Scob quo, quando achei que estava maduro no Naséu para estudarem drosófila exuo bicho, não como saco de cromessomas - botar um pouco do intaligência na pesquisa de drosófila! Primeiro eu prepa rei a Chica como sofiloga de nosca, e depois mandei ela pa ra o Carson, explicitumente para ele.

- A.C. Seguindo sempre aquela sua estratágia de ver as potencia lidedes de cada pessoa, de cada indivíduo, a eproveitar isso para um trabalho definitivo.
 - P.V. Passaran-se 20 anos entre eu pensar nisso con o Camon e apareour una pessoa con o temperacento para isso. Enquen to não apareosu a Chica, não adientava. Não nondoi nin quis, poque não adiantava. Loyar un bora famer?

ß un dos grandes males da pús-graduação, principalmente grupos novos. Isso coorteems agora com a Universidade do Caspinas. É que eles quarem implantar depressa. Então, lançan qualquer um. Dizem: "As princiras tumas são sacrificades, mas é para implantar". Não. Estão fazendo um aleijado científico; estão mutilando o programa na sua es sércia, que dove sor de seriedade. Tem que ter culma e em perar. Quando apareora, aí val o bos.

- A.C. Com isso a margem de erro é muito baixa?
- P.V. Não. Ainda não é. A perda é de mais de 50%. Com toda a cautela que se tem, a perda é de dois a três em quatro. Um em quatro a gente tira. Quando tira dois, é um ano bom. Infelimente é assim mesmo.
- A.C. Porque as pessoas demistra ou o trabalho não rende o que se esperava?

A gente se enguna no julgamento. Acha que era o bon e não era. A pessoa memo se enguna. O sujeito desquita; outro vira bibado; outro vira hippie; outro vira religioso. Don que eu tinha ficou con mania religioso. Apora é "atá pasto". Outra largou tudo e foi amolar os indios, os voz de molar o diretor do Maseo. Poi trabalhar na FUNNI. Li dando com aldeian. Tudo isso. Nunca se sabe. Estatisticamente, a gente aproveita, om certora, un en quatro. Com sorte, dois.

Na realidade, comeccia ter oportunidade de formar gente en 62, quando fiquel Diretor do Maseu. Depois, fiz concurso; perdi a ofstedra, mas fiquel livre-docente. Então, cumecai a dur cursos paralelos, no Maseu, e entrei em contato com a mocidade. Poi af que realmente construí a atual equipe do Haseu. Más dela, pelo menos metade, não deu o que eu persava, o que eu queria. Porque é muito bonito eu falar estima a gente escolhe, a gente faz, a gente pensa no tem persanento. Mas não se pode esquevour que a gente erra. A gente não é menhus aésto, non menhus deus. A gente tabbém faz besteira e se iluda. Persa que o sujeito 6, e o sujei to não 6. Depois, o sujeito timbém vira, não 6? Cumntos não viras por cosas de cusamento?

Engracado. Eu, no coneco, era contra nulher no Miseu,

por causa do negócio de ir para o mato. Não por causa do problema de laboratório, mas no negócio de ir para o mato. Acontece que os meue melhores homens no mato, tobje, são mulheres. Quando sujeitos que começaran com aquela febre de ir para o mato comigo: "Como é chefe? Quando é que ou mos, quando é que no vames?" Depois de dois três anos de expedição de um, dois meses, já começa: porque a mulher se sente sominha, porque o filho, porque a escola, porque se sente sominha, porque o filho, porque a escola, porque não sei o quê, e o compresisso. E o minero de gente que mai para o mato é cada voz menor. É como disp, o meu mine ro dois no mato é a Chica. É a única capar de montar una expedição sominha. Quer dizem: "Procisa capitar comida; a munica é esse; espregada é qui; voô faz isso; você faz aquillo; chedora, senão aparha..."

A.C. - Organizadora de expedição.

5. Tanto que, quando ela vai junto, eu entrego a ciefía para ela. Fino de húspede. "Você que chefía". Porque ela sabe. Quanto homes que eu tinha no Maseu! Pego un alosão de duis metros de altura, de maió e bota alta, por que tem medo de cobra. Na realidade, nuncia se sabe. A prova do bolo é sengre comor. Então, toma todas as precau ções e sa acha cuda mo mais subido, mais experimentado, mais vivido, e far a mesma besteira de sempre. Isso é again resmo.

UNICAMP .

- A.C. Eu queria lhe perguntar sobre o funcionamento do Maseu.

 Perque ne confundi un pouco con a meneira como os cursos
 são organizados, o número de alumos, quantos de formum por
 riodicemento. O senhor poderia falar alguna coisa sobre
 isso?
 - Vamos primeiro falar no Museu teoricamente e depois P.V. dois extremos. Teoricamente, a função do Museu é manter, aumentar e organizar um acervo de exemplares zoológicos. Dai, todo ano, tenho que ir para o mato e coletar, tenho que botar outros colecionadores no mato; tenhó que trocar material escolhido, para preencher certas necessidades; ta nho que comprar material, etc. Tenho que tratar esse mate rial, identificar, catalogar e arrunar. E fazer pesquisa sobre ele. Esta é a função principal do Museu. Formação de gente, tudo isso, gravita em torno de que Museu é depó sito de coleções. Temos que fazer, organizar e aumentar as coleções. Essa é a seção ideal do Museu; que todo ano tenham expedições bem orientadas - vamos bater a Amazônia, sistemuticamente; vamos fazer certas areas do vamos fazer isso e aquilo. Mas orientadamente. Coleciona bastante, tem as coleções bem arrumadas e publica sobre is .
 - A.C. Em geral, são quantas expedições por ano?



p V -

Di, pessoalimente, faço uma todo ano, de dois a três mases na Amazônia. Depois faço uma de um mês no Nordeste ou no Brasil Central. Este sno mão fiz na Amazônia, poque hou we um problema de dirheiro, de corte de verba e, na última hora, de aumento brutal de proços. Combustível, tulo isso. Então, fui para Mato Grosso, em vez de fazer minha viagem de costuar na Amazônia.

Mus este ano fiz una viagem ao Bordeste que foi un corte. Levei un geneticistà e un entonologista comigo. Saimos de una praia no Rio Grande do Norte, chamuda Musarenguape, e fosos sair no Juazeiro do Ceará, colecionando, ao longo do cemirko, em diversos tipos de ambientes no Nordeste. Rép teis insetos. E o drosofilista e o geneticista drosofila viva.

Isso num excursão. A Chica e o rapaz da Smithochiam, o Pyer, que é especialista em anfibico, estão fazendo a Mata Atlântica. A Mata Atlântica é essa mata que vem desde a Paralha atá o Rio Grunde do Sul. É essa Mata oqui da riju ca, da Serra do Mar, etc. Estão fazendo um estudo sistemá tico da Mata Atlântica. Trabalharam desdé o sul de São Poulo ató o Estado do Rio, principalmenta na Serra da Bo caina, colecionando sapo e drosófila, ao mesmo tempo. E houve uma sórie do excursões que eu fiz. Essa do Mato Gros so do Dalcy, en que fui até a frunteira da Bolívia, e voltei.

- A.C. Na base de três excursões por ano?
- P.V. Depende.
- A.C. São várias equipes que vão fazer?
- P.V. Depende. Estamos com poucas equipes. O pessoal está m<u>ui</u>
 to frouxo em matéria de mato. Todo mundo se acha com m<u>ui</u>
 ta obrigação, mulher não quar ficar sozinha...
- A.C. As mulheres mesmo vão, não é? Os homens é que têm as mu lheres que não deixam.
- P.V. As milhores casadas trebém não vão. A finica queixa que tenho contra milher no Museu é a maldita licença de gestam to. Tem gente lá que vejo uma vez em cada três anos. Um dos mous melhoros elementos lá, a Míriam, gamhou um laboratório de 500 mil contos da EAPESP, mas não começa a montar porque está smumentando. Está certo, a garota tem direj to de mamar e tudo isso, mas eu fico impaciente. Esses anos de apogeu reprodutivo da mulher são um desastre!
 - A.C. Pora essas expedições, tudo gira ea tomo das coleções, não 6?

P.V. - Agora, as coleções criam problemas de biblioteca. É im possível fundar Museus novos no Brasil, hoje. Porque um laboratório experimental depende da bibliografía corrents e recente. Mas em sistemática, tudo que foi publicado des de 1756 é relevante. E os livros antigos vão ficando cada vez mais impossíveis de... Cheguai ao ponto de pagar 1.000 dólares por um livro. Criar uma biblioteca de Museu, com coleções de revistas começando em 1800, 1820 é comple tamente impossível. Nan que haja o dinheiro, não se tem para comprar en prazo útil.

A.C. - Pode-se tirar xerox.

P.V. - Mas o merox não dã para o Mineu inteiro. Você meroca para a atividade de un individão, para o que un sujeito vai fazer. Então, se o individão quer facer sistemática numa faculdade, ele pode merocar, mas ele ten que ir num lugar, num Museu que tenha os livros, não 67 Ele pode fazor. Mas para você ter un Museu geral, em que você paga material de todo tipo, hoje em dia...

A.C. - Não se poderia, por exemplo, transplantar um Museu de Zoo logia para a Amazônia, Pará, onde seja?

P.V. - Não. Tirar do lugar onde ele está?

- A.C. -, Não. Digo tirar cópias desses livros, desse material. Não é viável?
- P.V. Não. Isso é uma biblioteca de 80 a 100 mil volumes.
- M.B. 867
- P.V. 80 a 100 mil volumes. Na Amazônia tem a biblioteca do
 Goeldi, que é muito boa. A biblioteca antiga do Goeldi é
 muito boa.
 - A.C. Não se improvisa uma biblioteca.
- P.V. Não. O negócio de reimpressão. Nevistas antigas reimpres sas same entre 80 e 150 dólares o volume. Vodé miltiplica una coleção de 100 volumes por 80 dólares para ver onde 6 que vai parar. E toda essa hibliografia é completamente indispensável.
- A.C. Isso concentra muito a formação de pessoal nos grandes cen tros, Rio, São Paulo...
- P.V. Exatamente. Certos assuntos só se fazem no Maseu. E ten
 assuntos que nunca poderenos abri no Maseu, porque não dá
 mais. Certos grupos de protozoários marinhos, por exem
 plo, aquelas obras in-folio deuse tamanho, publicadas em

1940, 1950, quem mais arrenja isso? O que que adianta vo de mercoar uma gravura finíssima, radiolários, coisa as sim. Ten especialidades que não podariamos abrir, pen que quisêssemos.

- N.B. Isso dificulta o trabalho de pessoas nessa especialidade, en locais onde não se tivesse aceso fácil a esse tipo de bibliografia?
- P.V. Exatamente. Por isso, que quando tence que preparar un indivídoo, tence que pensar en que recursos ele vai ter na terra dele. Porque ses for un sujeito de Carpinas ou Pi racicaba, que ven para o Museu de ônibus, é una coisa. Se for un de Permanbuco, já é inteiramente diferente. Há to das essas nuarces en que a gente tem que pensar, quando pensa num política científica geral. Porque eu pegar un sujeito de Permanbuco e ensinar a ele a fazer legarto, como eu faço, é facílimo. É só dar un trabalho meu sobre a em pêcia A e mandar ele copiar para a espécie B. Dar um so bre a espécie C e mandar ele fazer para a espécie D. Ler moia dúzia de coisas; usar minha biblioteca; xoroccar e que precisa na biblioteca, e está feito. Mas adianta? É dia so que precisa na Babia? É diaso que precisa em Manuar?

Estou formando um rapaz em Manáus, em Biología de popula ção de poixe de água doce. O que ele e eu estamos apanhan do mutuamente para fazer essa pôs-graduação, é coisa de Louco. E é un rapar que ten una cultura muito boa. Pez vestibular en Matenática, entrou - Largou Matenática. Pez vestibular en Medicina, entrou - Largou Matenática. Pez vestibular en Medicina, entrou - Largou Matenática. Pez vestibular en Medicina, entrou - Largou Matenática. Pez cucho que Ciências Sociais, e agora está lá no INSM, e é mu orientado. Migual Petrelli. O rapaz nunca veto a Súo Pendo. É caipira, jacu completo. Per isso que o Kerr çog ta dele. Quando o Lamas fez doutorumento, Rerr estava na banca. O Merr é o maior caipira que ten. Apear do nome bener. O Merr é o maior caipira que ten. Apear do nome Serr, ele é jacu memo. Sabe o que é jacu, en São Pendo Jacu é uma ave que vive na mata escura. Então, aquela cul pira que é maio matuto memo, chema jacu. O Lepus chamas de Herando Lamas memo. Aí o Rerr disses: "Já gostal de vo cê no seu nome. Wod não chama Meraldo. Vodé chama Merando." E cese Miguel, é Miguer memo. É um rapaz brihante.

só recentemente consequiaco descolvir un modelo de traba
lho para ele começar a trabalhar com o esforço de pesca
na Amazônia. Noje, o problema de schtepesca é seríssimo
na região de Mansus. De haver guerra, de gente dar tiro
ne pescadaros. Logo, logo, vat começar a falta de petase.
Co entoques estão caindo brutalmente. E nõu com essa am
gústia de estudar isso logo, e sem achar onde norder o sam
duíche. Mass egora arranjamos un bom, por incrível que pa
reça. Lembra do Richardson, que eu comental apora mesmo?
Ten us trabalho do Ien Richardson que realmente dã o enfo
que que a gente precisa, e ele spora vai fazer un trabalho
bonito.

- M.B. Esse Richardson deixou algum grupo formado, já trabalhan do?
- P.V. 0 grupo do Oceanográfico, que dapois veio trabalhar comigo, foi fundado por ele. Esse pessoal veio para mim, por que eles estavum meio órfãos.

FINAL DA FITA 2 - B

- M.B. En termos da sua geração, quem estaria trabalhando? O que o sembor consideraria relevante, em termos de Zoologia, bo je?
- P.V. O Vladimir Lobato é mais velho do que eu 10 anos. O Kerr parou. Agora também é diretor do INPA. Embora se chame geneticista, ele tímba mesmo um grupo de Zoologia. A mi nha geração está meio parada.
- M.B. O senhor disse que ia voltar a isso depois.
- P.V. O pessoal já mais ou menos arriou a mochila.
- A.C. Por que?

- P.V. Principalmente por falta de base. Casr dizer, acabou a aventura, des cansaço. A monotoria de gente que não tem preparo teórico. Esse negócio de descrever mais um bicho, mais um bicho, mais um bicho, mais um bicho, chega uma hora em que já não recompensa muito. Então, nego pega e vai ficando cada vez... Conversa mais com o anigo, conta dificuldade. Os hosens de 50 anos, na Zoologia, já arriaram mochila. Já não eram muitos no começo. Tem uma decrevedores ferozes de cepêcie nova. Mus deixa eu ver, na minha geração...
- M.B. Ou mesmo de una geração anterior a do serbor. /-
- P.V. Na turna de 60 anos, de 60 para 70 anos, ten vários da ve lha geração que são suito ativos, nagasla Zoologia que eu não faço. Mas é pessoal homesto, trabalhedor e etivo. He go Souza Lopes está batendo os 70, e sempre com a mesma atividado.
 - A.C. O serbor falou que teria sido o último dos zoólogos vindos da Escola de Medicina. Eu gestaria que o senhor falasse um pouco mais sobre isso, porque a mim sempre ne deu a im pressão de que a Escola de Medicina seria serque uma base sólida para um trabalho posterior mais consistente. Mas o sembor, eu acho, vê como progresso o fato de que hoje haja centros de fonneção autôcomos.

Pegar, 49, 59 e 69 ano de Medicina para não ir à aula, pa P.V. ra mentir para o professor, para cavar frequência, para fa zer um exame daquele jeito! Ainda tive a decência de não me inscrever no Conselho Regional de Medicina. Não posso exercer a Medicina, nem que queira. A partir do 39 ano mé dico nunca mais fui à faculdade. Ia la donnir no pronto socorro para fazer exames. Passei o 39 e 49 anos medicos no Exército. Pui convocado para a fileira mesmo, não fiz CPOR. E depois tive a sorte de parar num esquadrão de ca valaria, de modo que era un negócio que eu adorava, em que me sentia bem para burro. Que que eu ia fazer na Escola de Madicina, de que não gostava, quando tinha cavalo para montar o dia inteiro? Depois eu sai. Piz uns cursos que inventaram, porque nos éramos convocados de querra. cursos que eles inventaram para que os heróis da pátria não perdessem o ano, para que se formassem junto com os colegas. Dapois, no 59 ano, arranjei emprego no Museu e nunca mais fui lã.

Então, tudo isso é dispensavel. Tudo que se dá de base no curso médico, pode se dar fora.

A.C. - £ o que se faz hoje?

P.V. - É o que se tenta fazer.

- A.C. Ponque os cyrsos de História Natural nunca foram equivalen tos aos cursos de Malicina, en termos de formação básica: Anatemia, Fisiologia, essas coisas.
- P.V. Fisiologia na USP tinha condição de ser. O diabo é que o Departamento era muito ruim. Porque o professor, que era o Sawaya, era o exemplo de tudo que é ruim. Com os recursos que ele tinha, ele podia dar mais que numa facul dade de Medicina. Faculdade de Medicina, quando eu não e que ela fosse boa, - era a mesma coisa que ginásio do Estado, que eu fiz - ela era exigente. Porque nas uni versidades, hoje, o que presta é o aluno. O como docente tão... Principalmente na USP, depois das cassações que houve. Foram cassações promovidas por dentro. Os e tanto que cassaram na USP, não foram cassados por ativi dades políticas. Foram os velhos catedráticos que se apro veitaram de um deles ser Ministro, o Gama e Silva, acertar as dividas dentro da USP. Se ela ia ser uma uni versidade nova ou uma universidade medievalóide. Os medie valóides ganharam por 27 a zero.
 - A.C. Foi problema de competição profissional, de luta ideológi
 - P.V. Foi de luta ideológica, mas quanto ao que é uma universida de. Naturalmente, botaram o Schenberg, por exemplo, que

era comunista conhecido, para dar uma cor de que o negócio era político. Mas o Schemberg é um sujeito sem nenhum prestígio dentro da Universidade. Todo mundo sabia que ele, cientificamente, já era sposentado, que era comunista profissional. Ele não mandava nada. Mas uma porção de gente muito boa foi cassada. Principalmente, se cassou o espírito de querer fazer uma universidade nova. No dia em que começamos a pensar em diminuir o prestígio, o poder dos catedráticos, viercas as causações. Isso quebrou a columa vertebral da Universidade. Caiu na mediocridade. E a culpa é dela mesmo. Não se pode culpar a Ravolução, o Governo, nem nada disso. Eles aproveitaram esse inciden te, esse acidente de que o Gama e Silva era Ministro da Justiça, e cassaram todo mundo.

A.C. - Como isso repercutiu sobre o Museu?

P.V. - O Diretor do Museu quasa val junto. Não fui por uma ques tão burocrática. Eu estava na lista do Gama e Silva, mas o Museu, naquele tempo, era da Secretaria de Agricultura, ainda não tinha passado para a Universidade. Então, fui salvo pelo gongo, porque o Ministro da Educação não podia levar neu nome e o Ministro da Agricultura diese que não levava.

A.C. - Mas em termos de estruturas de cursos, etc., o Museu esca pa totalmente dessa...? Não. Não escapa. O negócio é o seguinte: dentro da Universidade... A pós-graduação burcoratizada, desinteligen to. Compreendo? A gente ten muito pouca autonomia. E tu do um negócio de curso obrigatório disso, curso daquilo, crédito, aquilo outro. Não pode dar tutbria. Bu, por exemplo, sempre gostei de ensinar por tutoria, porque se tem dois que vão farer o mesmo curso, um vai para Permanhu co, outro vai para o Sio Grande do Sul, o terceiro fica aqui en São Funlo, vou dar o mesmo curso e de manira diferente. Vou dar por letitura, vou dar por perbleminhas para ele resolver no leboractório, que é uma maneira diferente. Agora sou obrigado a dar aula no quadro-negro.

Imporcutiu maito negativamente, pela ascenção dos medio cres. Isso é un fato, e é culpa interna mesmo da UEP. Não adianta botar culpa en Governo, pompas foi una luta interna nes que un lado ganhaou. Não ne queixo do que eles figo xam, porque se tivesse garho a gente, quen estava na rua crea eles. Não tenha divida. Não tenho do que me queixar do outro, porque eram dois modes antagônicos de ver as coi sas e quen ganhasse la pisar no outro mesmo. Se en times ses ganho, pisava neles, aposentava tudo, sen a menor pera. Não cassava, mas que encostava, encostava. Não cassava, mas que encostava, encostava. Não eles ganha rea...

A.C. - Qual era justamente o projeto que seria antagônico a esse 'da facção que ganhou?

- p.v. Era tudo. Era tudo. Mas o que parsece tor sido o gatilho que dispercu o tiro foi que, para sor chefe do departunen to, não precisava sor professor titular, nom o mais gradu do. Qualquer pessoa eleita, meuno um simples doutor. po dia sor chefe do departamento. Aí elea acharam que era a gota d'Sgun. E caiu o teto en cina da genta.
 - A.C. Como é que o senhor vê isso? O senhor acha que é um crité rio mais democrático, para escapar à burocracia?
- P.V. Não, não estou pensando em democracia. Estou pensando em eficiência. O chefe tom que ser o melhor.
 - Agora, a velha hierarquia é fogo. São unidos. Eles são os clas ea...
 - M.B. Essa discussão se deu em todos os departamentos ou...?
 - P.V. Não. Era uma comissão de reforma dentro da USP.
 - M.B. Mas em todos os departamentos havia as duas facções?
 - P.V. Os velhos catodráticos havia na USP inteira, como ainda
 há. Alguns eram professores titulares como quem era o
 vice-reitor? O reitor que foi cassado, o Hélio Lourença,
 era um professor de Ribeirão Preto. Era titular de Ribeirão

Preto, mus era um homem que envergava una univernidade mais iliberalizada. O Ticamo foi cassado. Alberto Carva tho da Silva, que hoje é da Pord Foundation. Os velhos ga nharam mesmo, e tripudiarea.

- A.C. E esses velhos, qual a vinculação deles com a fundação da

 USP? Existe alguma?
- P.V. Não. Já é uma geração depois. Algune, por exemplo, camo o Pacisco e Silva, o psiquiatra, que é etermo, esse é... Quer dizer, não é a fundação da USP. As escolas profissio nais são anteriores à USP.
- M.B. A fundação da USP foi muito em volta da criação da Faculda de de Filosofía.
- P.V. Da Faculdade de Flicsofia, a qual os velhos medalhões eran contra. A Politécnica era contra, a Faculdade de Medicina era contra, a Faculdade de Mireito era contra.
- M.B. Dava para o senhor explorar un pouco como é que foi esse processo de criação da Faculdade Filosofia? O senhor o accepanhou, de alguma maneira?
- P.V. Nao.

A.C. - Através de seu pai?

P.V. - S. Nas sou mau depoente para ismo. En tinha, nesse tem po, 10 anos de idade, se tivesse. Acompunhei, mas multo mais por intermédio do mou pai. Neu pai era multo amigo dos ratesáticos, principalmente do Albanese. Atá fut alu no particular de Natemática do Albanese. Nas me lembro dessa luta a que me referi, entre a orientação dos franceses, que querian una orientação de escola normal superior, e a orientação dos italianos, que querian una escola de ciência pura.

Na realidade, ques fundou a Filosofia não esbia bem o que queria. Foram buscar professores na Europa, mas na reali dade a impressão que eu tenho hoje — até agora falei de coisas que sei, agora estou falando de coisa que penso. Mas para haver essa divergência entre fazer una escola nor nal superior e una escola de ciência pura, una faculdade de ciência pura, quan convidou esses homens não explicou muito bem o que queria. Ou então, explicou para cada un, o que cada un queria courir.

M.B. - Poi Teodoro Remos. O senhor acha que ele teria tido mais condição de selectionar as pessoas, por exemplo, da área de Física, de Matemática, do que da área de Ciências Naturais? V. — E pue todos... Não, Clêmetas Naturais ainda mão foi o P. As Humanidades à que parece... Porque essai tradito de la Humanidades parece que foi o Dr. Julinho que se me tul O Estadão que se metou, porque adiava que a Pram C. . O Dr. Julinho Neuquita era um homen muito engraçada M. Jamanidade carpieto. Una vez havia um correspondente de na França, que teve a credencial jornalistica cuesada e Dr. Julinho concopu um artigo essima "Gão estemes até de ponto se desenvolverá a crise entre este jornal e o Gramo do" Aí ele fez uma lista dos beno fi tos que a França davia ao Estadão. É um artigo entoló 910. E entre eles está trazer os professorea: franceses Pra a USP.

Telvez o Teodoro Remos, na parte de Humanidades, não techn thio muito o que dizer, e que o Estadão, Paulo Duarte, es se pessoal, que era muito ligado à França, tivese escolhi d. A impressão que tenho é que eles foram desastroses. Pruque a bos influência dos franceses aqui, que foi na Geo 9 afia, foi muito depois, na década de 50, quando houve um Congresso de Geografia e vieram esses grandes: Tricard, Ceclier, Miraud - tinha um outro sinda, o Dresh. E que re navaram a Geografia. Por exemplo, na base do Congresso Internacional safram Ariz Ab/Sabor e Biqurella esclared d. Na. Nadou toda a Geomorfologia, a Geografia Pásica. Mu dava tudo, mas foi muito depois. Arpala tuma dos primaj roo franceses que estava apui - como é que chama?

- A.C. Levi-Strauss veio.
- P.V. Esse então era...
- A.C. Bastide.
- P.V. Os Bastidas, Levi-Strauss. Mas estou pensando nos geógra fos, no... a abí esteve aqui no outro dia de novo. Esse pessoal foi desastrono. Se você ler Taistes Taspicas, por exemplo, vai ver como o Lévi-Strauss manca embendeu nada de Brasil, como ele é mentiroso, como chuta com os pés.
- A.C. Mas me diga isso direitinho. Como é?
- P.V. Você leu Tristes Tropicos?
- A.C. Nunca.
- P.V. Então, leia. Wocê vai ver que ele sofrei pavorosamente na selva. Isso era a barra do bugre destro duma fazenda.

 Chama um dia para depor o Castro Faria, que esteve na via gen dele, para ver o que foi o terrivel sofrinento do LéviStrauss na selva. Ele esteve duas ou três vezes no neio dos Índics, depois ele escreve assin: "Eles tôn um traba lho sobre a humanidade en qeral, rus eu falo mais dos

indígenas sul-americanos que são mais identificados com o seu pensamento". Na cidade de São Paulo!

Eu não devin falar nal do Lévi-Strauss. Sou citado por elo. Mas que achei una porcaria a parte de Antropologia sul-americana dole, achei. Os Bastides parece quo foram mais... Pelo que a gente fala con a turma hoje, o pessoal do tenyo, foram os melhores.

Agora, o que faltou ma USP foi emericano, no omeço. Não sei porque eles discriminaras todos os emericanys. Talvez maquele tempo o emericano estivesse pusundo europeu para lá tembés.

- A.C. Naquele período de pré-guerra, não é? Foi a época em que os alemães foram todos para os Estados Unidos.
- P.V. Tivenos aqui dois bons químicos alemães, mas não de primairo time. A Geologia não foi ben com Leinz.
- A.C. Isso que su quaria juntamento lhe perguntar, porquo fre quentamente, no decorrer do seu depoimento, o senhor cita trobalhos que teriam de fazer apelo à Quínica, à Estatísti ca, à Natanática, etc. De que meneira se podes conjugar todos esses elementos nua curso de formeção para zoólogos?

P.V. -

O pessoal de Genético do Vick virhas fasar cumo meu, em São Paulo. Virhas uma vez em cada quinze dias de Ribeirão Preto. Cinco horas de carro. Safam de 16 cinco horas da Garana de 18 cinco horas de 18 cinco horas en 18 horas. Plomaños juntos até as seis da tarde. Voltavam de carro con duas mulheres casadam, com filho no colo. Porque o Vick dizlas "Vocêo precisem disso que ele tem para encinar". "Vanzolini, você faz um esfor ço extra por essa minha turma?" "Paço. É 1651co. Dou um cursos especial para eles".

Então, assim se forma gente. A Regina Speaker - que traba lha comigo até hoje e que é um dos meus elementos de maior confiança - para a pos-graduação dela, um dos cursos ela fez foi o curso do Aziz. Pez exame de pós-graduação em Geografia, em Geomorfologia. Fez un ano de curso Aziz. Assistindo aula, desenhando mopa. fazendo exercício indo no campo e tudo. É assim. A gente se conhece e sabe o que serve de una para o outro. Porque fazer formalmente não adianta nada. Agora, por exemplo, vem um rapaz... Que rapaz! Un homem mais velho que eu. Un sujeito muito bon, de Pernamburo, que é paleontologista. Fez mestrado no Rio Grande do Sul, e vai fazer doutoramento com mais de anos. Ele trabalha em fósseis do Terciário Superior. Quan do ele vier fazer na USP, já sei que o Rocha Campos mandar ele fazer um curso comico. Agora, não vai ser um curso dos meus alunos. É um sujeito que tem necessidades explicitas e muito peculiares a ele. Então, vou dar leitu ra, seminário e conversar com ele, até eu ver: "Bom, essa lacuna está preenchida. Vai-te na paz de Deus".

E assim que se faz. Porque formação de pesquisador não pode ser massificada. Houve una tentativa en Harvard Quan do Curnell... O Cosmell que foi coordenador al bemba ató sica, James Curnell. Ele foi professor de Harvard no tempo en que eu era aluno. Ele criou un negócio chemado genchal education. Tirba, por exemplo, curso de Evolução para todo nundo cue não é biolocista. Poi un fracesso! Os professores não gostavam de dar, os alunos não gostavam do curso. Poi um desgraça. Apora, quando eu estava por 1ã ou quando eu vou 1ã, o Williams aproveita. O Williams o o meu muigo, que é professor 1ã. É um dos Agassic Pan fessor, que é o título mais alto que tem em Biologia. É o sujeito que pode fazer o que quiser.

A.C. - Qual é o título?

P.V. - Agassir. Por causa do Louis Agassiz. Então ele poga ag sim. Trives, por essemplo, o melhor alumo que ele jamais teve. O sujeito que resolveu o problema de soloção sexual. Un gânio, o Trives. "voó procisa fazor taís e taís cod sas para o Vanzo. Se Vanzo vat ficar trãs mases aqui, vo cê vai fazor isso con ele". Então, dou una tutoria concestrada para esse cara, porque valt o neu tempo. Passo un ou dois meses conversando várias horas por dia com un su jeito excepccional, e que está procisando dapillo. Valo mais do que dar sula de rotina para una tuma de 20, sin plesumente porque a chripação é ser Interdisciplinar.

> A interdisciplinaridade gratuita 6 horroccea, porque ela não leva a noda. Ela leva a un vemniz dos mais ordinários. Agora vista aquela tutoria, vista aquela necessidade pos scal... O sujeito ten estas necessidades, estas falhas de

cultura, tom essa facilidade de aprender por aqui. É un sujoito mais intuitivo, é un sujoito mais matemático. En tão, posso pogar o sujeito e trabalhar ele. Aí, vale o meu tempo. Aí, é un pesquisa que tenho que fazer, mus serviço que estou fazendo, que depois passa para outro, que pussa para outro e...

- A.C. Mms, ao mésmo tempo, o senhor valoriza experiências na gradunção com turmas, ãs vezes, muito grandes.
- P.V. Na graduação sim, é lógico.
- A.C. Graduação seria cutra função.
- P.V. Una vez encontroi numa festa o Linus Feulling, que é un dos poucos sujeitus que teve dois Prêmio Nobel. E comecat a conversar com ele. Ele me disse: "Nou anigo, eu dou dois cursos. Un de põs-graduação, para os realmente bons. E un para os étaémen, para os calcuros. Una turma de 200 alunos".

Quanto mais primário o aluno, nelhor profesor ele precisa. En adoro ensinar 19 ano. E precisa ver a turna como é que vibra, porque vode está abrindo un caminho novo, vode não tem referência anterior nenhama.

A.C. - ' Tum que ter muita clareza.

- P.V. Você tem que ter seus conceitos paros. Você começa a pen sar na aula que você vai dar e diz: "Meu Deus do Céu, como é que o meu próprio conceito é turvo".
 - A.C. Exato, exato.
 - P.V. A gente entra num auto-exame desgraçado. Sou que nem o Pauling. Gesto de ensinar calcumo, lo ano. Ensinar as sinu "Esse trabalho foi eu que fiz; fiz assim e depois me estropei, porque dou errado; af fui para esse lado, e tal, e coisa". Ou então: "Esse trabalho açui foi feito pelo Williams. Williams fez assim, ele pegou..." Dar a anato mia do trabalho.
 - A.C. A coisa por dentro. O processo da criação.
 - p.v. É. O processo da criação. Não é dizer: "O DNA é assim e a fórmula é essa".

Entemente. O que que acordou esses problema na cabeça de le. Os grandes trabalhos de colonização... Williams come çou a trabalhar com tartaruges fósseis nas Ántilhas. Af, começou a se interessar por lagartos. E por que que os la gartos estão nesea ilha? Por que que os lagartos estão na quela ilha? Disso tudo nasceu toda una teoria nova da co lorização. Agora, se você não souber como 6 que ele fez; que tipo de alunos ele teve; e que al chegou o Borman e foz tal tipo de colea; e af chegou o Roland fez outro negó cio; que o Roland é um sujeito que queria ser físico e de pois fícou muluco, está no hospício... Quando você dá una cole que de assumb passa a ter outra vida na cole ça do estudante. E para o estudante novo, que chegou na faculdade todo iludido, e encomtra o professor que chusa professor Antônio, e ele não sabe o extremona, não sabe o que o sujeito faz na vida... O professor que chega e fa las "O formol, pó, pó, pó..." Para eles é una diferença muito grande.

- A.C. São esses dois opostos, não 6? Uma gradusção muito concen trada, muito personalizada, e o outro, ao contrário.
- P.V. Lógico. Turna de 200. Que seja tuma de 200, não tem problema. A gente dá aula para 200. É só pensar. O Gláucio Marques faz graça para 5.000, porque a gente não pode dar sula para 200?
- M.B. Como é que o senhor ve isso en relaçõe so problema de mas sificação do vestibular, hoje? O tipo de reclasação que se faz, de aluno na universidade que não gosta de ler, que não gosta de estudar, que não se ten condições de traba lhar?

p.v. - Acho que é culpa do professor, com_etamente. Nunca pedi nada para os muss alumos, que mus slumos me nogassem. Ao contrário, sempre estiverum na mirá frente. Isto é culpa de nocessor neceso.

> Eles chegas ruins, mas sebendo que riegaras ruins. Oblidos de vontade... Escutse una colles quin deu a prova do pagsar por un cursirho, não é nole. Liz que alumo é mole. Pense no que o alumo passa nua cursirho, com avaliação to do demingo e não sei lã o que que eles fazem. Una pessoa que tave o peito de passar un ano no cursirho faz qualquer coias que a gente pedir. Você fer cursirho? En não fiz, mas vi minha filha fazendo. Fui do começo, quando começou a ter cursirho. Era vergonha a gente fazer. Não se ada<u>d</u> tia a hipóteos do não passar no vestibular.

- A.C. Tinha que ser direto.
- P.V. 8. Atá ficar cum medo, era cisto. Puma, quam ia para o Macienzie, a fanfilia falava de cabeça baixa: "Ele está es tudando Engentaria..." Boje em dia a turma briga por una vaga no Madennie. Mas, noquele tempo, ou entrava na UEP ou era luto na família. Já se achava que o rapaz não dava para estudar, nelhor ir para o comércio.

- p.v. Diser qua é frouso un aluno que passa por un eno de cumi
 nho é una injustiça desgraçada, porque é una vida. Eu en
 nho una filha... Não é que ela seja tonta. Atá brinco
 dizendo que ela só ten três cilindros. Foi a única da fa
 mília que entrou no vestibular, porque a Almir entrou dire
 to. Nas o que eu via essa mentas se preparando para cusar
 e fazendo curatinho, eu pensei que ela ialgonía. Horas de
 horas de estudo por dia, mesmo.
- A.C. Não existe esse problema de pessoes que fazem curso e eo mezmo tempo trabalham? E que isso tira a disponibilidade pera...?
- P.V. Eu nontei o Miseu que montei com a turma do curso notumo.

 Forque quando su arranjava un empeguinho para eles, no Miseu, eles largavam o Banco en que estavam ou qualquor caj
 sa assim. Cusam quar, quer. Meu Deus do Céu! Fiz ginásio
 do estado, en São Faulo. Só tinha pobre. E co 20 primej
 ros lugares en cada faculdade eram da gente. Enbora eu se
 ja um pouco eliticia, porque acho que benço fas diferença.

 Quem entra numa carraira de pasquisa acostusado a var 11
 vao, acostumado con lingua estrangeira, leva vantagem so
 bre aquele que entra dislumbrado en tubo.
 - A.C. No scu caso, por exemplo, a influência do seu pai deve ter sido muito grande.

P.V. — Puderat Pois eu arranwa a biblioteca de meu pai, gaehava dinheiro para arranwa a biblioteca de meu pai. Una biblio taca de 5.000 volumes. Tinha filosofia, tinha o diako Com 11 aros eu lia inglés. Entrei com handícap a mou favor. Por isso que ou digo sempre para o Vick: "Vocês, jacu, atá aprenderen a usar sapato, comer de faca e garío, depois que vão aprender inglês... Ŝ un atruso de vida terrí vel". O Vick que eu falo é o Wanwick Kerr, que é muito meu arugo.

A.C. - Quem?

- P.V. É o Kerr. É o Warwick Kerr. Ele não se zanga de cu cha nar ele de Jacu. Aliãs, ele ostenta. É jacu e cotenta. Ele ainda leva a desvantagem de sor protestante, de tra zer uma carga enfa-intelectual de femília terrível. É un grande cientista.
 - M.B. 'Como é que foi a entrada do Museu para a USP? Porque ele inicialmente não éra da USP, não é?
- P.V. A história do Museu é assim quando fizeram o monumento
 da independência, fizeram um bonito prédio e disseram:
 "Que que vamos pôr dentro?" Ai resolveram botar um Museu.
 - M.B. Mas o Museu ja existia?

Não. Não existia museu nomium. "Vamos botar um museu.

Onto faz um museu?" Tinha um chamado museu em São Paulo,
um bric-ā-brac de um italiamo chamado Sartori, que 6 o
Major Sartori. E era assim: bonô de Solamo Lopes, passa
rinho empalhado, peças indígenas, uma mistura danada. E
contrataram o Herman War Hering, que morava no Rio Grande
do Sul, para ser diretor, e veio assim o Museu. No tempo
da guerra de 14 botaram o Won Hering na rua. É entrou o
Teunoy, que era historiador.

A.C. - Como é isso? Puseram ele na rua, por causa da Guerra?

P.V. - É. Por sentimento antigermênico. E ele tinha feito malan dragen memo. Exa un arroyante, um autocrata, nunca del zou brasileiro trabalhar no Nuseu. Ele era terrível. Mas fundou uma boa biblioteca e uma tradição de curatoria mui to boa.

Então, veio o Tauney, que era historiador, e o Museu foi tocando. En 1939 - que Deus o tenha em sua Santa Pazi -, o Dr. Anhenar de Barros estourou o Museu. Mundou a Botâni ca, fez um Departamento de Botânica e o de Zoologia na Agricultura. Acabou com a Geologia e a Mineralogia. Dej sou só História, Etnografía e Arqueologia no Museu Paulia ta. Daí, o Museu Pauliata peusou para a Universidado. Oz secçosos a lutar para passar. E havia duas facções, no

Museu: quem era a favor da Universidade, e quem era con tra. Aí, botei os nove que eram contra na rua e passei pa ra a Universidade.

- M.B. Quais erum os argumentos de quem era a favor e de quem éra contra?
- P.V. Os argumentos de quen era a favor é que um museu de pesqui sa pura... Primeiro, um museu de ciência pura não tem na da que ver com a Agricultura. Isso tem a parte prático, que nõs ató Eranos enteados dentro da Agricultura, que nõs não tinhamos função nenhuma dentro da Secretaria de Agricultura. Segundo, que se querfamos ter um museu, tinhamos que estar ligados com estudante. Se nõs queriamos perpetuar o Nuseu, tinhamos que estar ligados com o estudante a Chinhamos que estar ligados com o estudante. Tinhamos que estar ligados com o estudante. Tinhamos que estar ligados ao ensino, de qualquer muneira. Recrutar gonte para a universidade.

Osem abritu a Secretaria de Agricultura de São Paulo para
a Faculdade de Filosofía, Ciâncias e Letras fui eu, em
1959, quando trabalhei no Gebinete do José Honlácio Bo
queira, que era Secretário de Agricultura do Carvalho Pin
to. Botei, por esemplo, um Instituto de Botánica. os bo
tânicos que año chefes de seção hoje... Os agricomes
que nharam uma causa no Conselho Negional de Engenharia, para
que o botânico não posea ser chefe de seção no Instituto

de Betânica. Sabe disso? Estão depositando o ordenado deles em juízo, a chefía deles em juízo, porque é privati vo de engenheiro agronêmo. Sabiam desse caso?

M.B. - Sabia.

v. - Pois 6. Enquento eu tive força na Secretaria, tudo andou ben. O tumpo de Carvalho Pinto, etc. Depois, pau na tur na. O Admunar ainda defendeu un pouco, porque ele que ti nha criado. Mas nos sempre lutando. Não conseguiamos pea sar para a Universidade, porque era usa lei que não tinha interessoe político. Ninguím empurava. Era empuivada no fim do Governo. Até que no tempo do Sodrá, consegui uns deputados que empurarama a lei e passanos então para a Universidade. O Instituto de Botânico não passou. Se arre pendos, choras emargamento. Não passaram porque não quise rom. Sonhavam com una Secretaria de Recumos Naturais em que o director deles e eu nos alternariamos como Secretária. Era una beleza. Era un sonho de cachaça. Ou de mocumba. Boje eles torcom a oreiha, mas não pinga sanque.

Agora, a facção que era contra achava que famos ser explo rados; que, como tinhamos gente que não tinha diploma, famos ser olhados de cima para baixo; famos ter difficulda de; famos garhar memos, e tal. Algumas dessas coisas roal mente econteceram. A gente sabia que ia acontecer, mas ia lutar.

- A.C. Que não tinha diploma, como?
- P.V. S. Para ser biologista não precisava ter diploma. O dire tor que me antecedeu, que allás 6 um grande coólogo, lindol fo Guimarães, um homom aposentado que trabalha até hoje todo dia, Lindolfo Rocha Guimarães, era servente da Facul dade do Medicina. Aprendeu assim, na prática. Allás, tem um preparo teórico excelente. Aprendeu tudo socinho.
- A.C. Isso criou problemas, de fato? Esse problema do diploma, no momento em que houve esse...?
- P.V. Na USP? Não. Nenhum. Ao contrário. Lindolfo sempre foi muito prestigiado dentro da USP. Muito prestigiado.
- A.C. Quer dizer, a facção favorável à integração achava que se ria realmente importante a ligação de ensino e pesquisa, no sentido de recrutar o pessoal.
- P.V. Não creio que ninguém tenha pensado nisso, mas quase dobra mos de ordenado.
- M.B. E a facção que era contra?
- P.V. Botei tudo na rua.

- M.B. Que argumentos eles tinham?
- P.V. Eram estes. Que não interessava, que a Universidade nos ia desprezar, nos tratar mal. Aqui nõs mandamos, lã não vamos mandar.
- A.C. Isso foi a razão suficiente para botar na rua ou havia problemas?
- P.V. Não botei na rua, transferi para outras instituições cien tíficas.
- A.C. Era realmente uma discordância séria, que envolveria, tal vez, outros pontos em relação aos costumes da instituição, ou...?
- P.V. Gente que diverge nisso af, diverge en todo o resto. Al fica o negócio do ou ele ou eu. Se continuasse na Agricul ra, quem ia enbora daquela porcaria era eu. Agora, se fog se para passar, esse pessoal ficava. Então, botai us artigo na lei en que eu escolhia quem passava para a Universidade, e quem não passava. Alguns pediram para ficar. Tinha us, por exemplo, que era milto bem rapaz, mas milto proyulção. Esse sa aproveitou disso e disse: "Vou trang ferido para outro lugar que saja mais calino. Aqui voca ferido para outro lugar que saja mais calino. Aqui voca

força muito a gente, e não sei o quê, e tal". O outro não queria fazer tempo integral. Dois não queriam fazer tempo integral. Cientista com tempo parcial? "Ē, mas eu genho mais lá fora". "Então, vai, neu filho, mas não fica no Museu". Outros é porque eran ruins cientificamente. Tinha um que era a favor de passar para a Universidade, mas não tinha condição de carreira universitária. Mendei ele também para...

- A.C. No fundo esse grupo favorável à ligação com a Secretaria...

 Quer dizer, era um pouco desse clima burocrático, a que o senhor se referiu?
- P.V. Exatamente. Eles preferiam ficar na Secretaria, onde ninguém amolava a gente. Não davam dinheiro, mas não tirha que trabalhar também. Ficavam levando essa vidinha.
- M.B. Com isso, de una certa forma, o senhor acha que o lugar ideal para se fazer ciência seria a universidade ou seria, de alguma maneira, ter una ligoção forte com a universida de, e não se ficar numa instituição isolada.
- P.V. Ah, bom. O isolamento... Na Univermidade de São Paulo tem: um Instituto do Pré-história, um Museu de Arquiologia e uma seção de Arqueologia e Etrografia no Museu Paulista.

- M.B. Existe um número ideal de pesquisadores, por exemplo, para uma instituição na ârea de Zoologia?
- P.V. Acho que, do ponto de vista afministrativo, mais que 30 ou 40 seria muito difícil do administrar. Não creio que haja museu nenhum no mundo com 40 zoólogos.
- M.B. Por que? Seria difícil?
- P.V. Dispersa muito. Acaba aquele...
- A.C. ... espírito de equipe?
- P.V. ... aquele conhectmento natuo. Quer ver? Vamos pegar o naior que su conheço. Deve ser Nova York. Na Smithsonian tom problemas, porque tem gente da Agricultura. Vamos ver, Nova York. Tem três en namiferos, três on eves, são seis;

três em répteis, são nove; dois em peixes, são ll; cinco em... O Maseu de Nova York tom de 25 a 30. O Maseu Britânico, não creio que tenha 30. O Maseu de Medhington tom mais porque eles têm uma parte de identificação de insetos, que tem muita gente do Departamento do Agricultura. Não sei como é que gamham. Mas, vamos dizer, na Seção de Nég teis e Arifhica do Maseu de Naminagton tem quatro. Somos que tem o A ventagem que têm os museus lã é o pessocal de pós-graduação. Porque tem mais gente da pós-graduação. O possocal de pós-graduação contribui muito pouco para o Maseu. Não o deta, não tras uma contribuição material maior. Agora que cestá conegando, mas tudo tem que ter seu tempo.

- M.B. Otro se faz o controle dos pesquisadores no Museu, en ter nos de dedicação? Tem ponto? Não tem ponto? Ontrolo de conogramas de andamentos de pesquisan? Horârios de traba tho? Existe algum tipo de controle? . . .
- P.V. Existen dois. O prineiro é publicação. A gente vo o que o sujeito publica e a qualidade do que ele publica. O se gundo é o estado das coleções que estão sob suas ordens. Mas existe uma hierarquia no Museu. Existe um chefe de vertabrados e um chefe de invertebrados. E para cada um,

us chefe de seção. De modo que, se o negócio começa a an dar mal, a gente conversa com o sujeito: "Como 87 ° o que que está hovemdo por a1?" Se apertar mumo, bota o nego à disposição do Nestor.

- M.B. Mas não existe controle de ponto, por exemplo? De assinar ponto na entrada e na saída?
- P.V. Presença, não. Uma vez por dia. Tenes chrispação de tempo integral, que é de 40 horas por cemans. Mas o controle é completamente flexivel e voluntário. Geralmentà, é consi derado chilágação do chefe insellato.
- M.B. Qual a relação da Zoologia como as associações profissio nais, como a SEPC e a Sociedade de Zoologia?
- P.V. Não tem Sociedado de Zoologia. Sõ a SEPC. Tem uma Sociedade de Entranlogia. Aliás, tem daus de Entranlogia, que são entegenistas. Do pessoal do Maseu, uma estão mama, ou tros estão noutra. O pessoal mais chegado à Agronomia en tá numa, o pessoal mais de ciência pura está noutra. Eu, por exemplo, não gosto da SEPC. Sou muito amigo do presidente, vivo fazendo serviço para ele, mas não gosto. Acho grande demais.

A.C. - Grande demais?

p.v. - 2. Grando domais e muito fácil de levar pelos grupos. Vo cô, para se opôr aos grupos, acaba se ocupando demais. E acho que é ter un prestigio inamecido. Ten un prestigio desgruçado junto ao Governo, e não merece. Porque não ten realmente muita profundidade, é un negócio muito emocional. O trobalho que dú para o Oscar Sala dominar, controlar amenia asseptibila ceral! Nunca vou. Pui no passado.

A qualidade científica das reuniões do SEPC é abaixo de qualquer crítica. São trabalhos de circurstância. O indivíduo não tem a menor intenção de fazer nada com ele. É um trabalho feito para corparecor à SEPC. Vodê poga cuxticulum de gento e vê lás resumo en Ciência e Cultura. O sujeito tem 10 resumos de Ciência e Cultura. Depullo, elo publicou um, se é que publicou. É tudo coisa de circunstância, para arranjar 400 contos na PAVESP para ir 15 ou para a universidade dur liconça. Nas pega um dia qualquer cuxaí culum vitas, aqui ou no Conselho de Pesquisa, e veja. O sujeito tem aquele bruto sumário: rosumo en Ciência e Cultura, reunião da SEPC, resumo en Ciência e Cultura, vai var daquilo o que saiu de trabalho sério publica do. Não dá 51

A.C. - Não é representativo da...

P.V. - Não é sério, para começo de conversa.

M.B. - .E a Academia Brasileira de Ciências?

p.v. - A Academia foi un ôrgão que eu costurava não botar nos
nous efulos, porque tinha vargorha. Mas o atual presiden
te, Aristides Leão, está mudendo. Aliãs, multo ajudado
polo Pedúcio. A primeira vez que puéseos fazer mesmo o
negócio foi quando o Pedúcio resolver fazer una emperión
cia da FINEP apolar alguma pesquisa básica. Procurou o
Aristides e nús inventance este projeto do Nordeste,
vai indo multo bea. Devagar, como era de coperar,
bea.

O Aristides des outra feição à Academia. Acho que ainda falta más independência na Academia. Não é o que eu faria. A mirha idéia de Academia é a que a gente paga. Não recebe dinheiro do Governo, nas nete o pau no Coverno. Eva mina criticamento tudo o que o Governo está fazando em que ência. Porque stualmente sonos una Academia subvencionada pelo Governo para achar certo tudo o que Governo faz, ou para discordar nua nível muito assessoral, assim de migos: "Não, Dion, não é assim. Olha, Pelúcio, talvez fosses molhor..." Não exista un corpo que nos represente, una eg pácie de sindicato de cientista que vá brigar com o patrão, quo é o Governo.

M.B. - Deveria ser a Academia?

A.C. - 0 0 senhor acha que o cientista tem que ter autonomia sufici

P.V. - Devia ter um órgão de classe, porque vamos dizer...

M.B. - Que funcionasse como um grupo de pressão?

P.V. - 2. Mas não um grupo de pressão do ponto de vista profis sional da gente.

M.B. - Crītico?

P.V. - O CMPQ vai indo bem ou mão vai indo bem? Quer dizer, isso é mais ou menos o que faz a SIPC. Mas casión muito compromatida aesim... Essa sim, comprometida com grupos de pressão. Com a turma que vai lá fazer grituria, e tudo.

A.C. - Com o Governo? Talvez uma parte com o Governo e outra jug tamente de oposição, não é?

P.V. - Pois é, muito dividido. Seria bom negócio se Sa reumisse

una academia de 60, 80 membros: "Ren, cemo é que está esse negécio aí de PETECUNÍS? Está bom ou não está bom? Vamos pegar una seia ou cito geólogos boms. Vocês fazem un gru po, reúnem na casa de vocês, toman lá una curvoja e me aparecem com o relatório em cridan". A secretária da gente memo bate a ráquina. Agora, se a gente já começa com verba do Governo, a gente vai ter que dizer para o Governo: "Muito chrigado, e me de nais. No agno que ven espero que se la um pouco mais".

Essa de São Paulo já começou com primto Bollesse e un ni lhão de cruzetires do Governo. Que academia vai ser essa? Recebe subvenção do Governo para fasar estudo para o priporto Governo. En não quia ser menteo.

- A.C. O senhor falou nos salários dos pesquisadores, antes de iniciar a entrevista. O senhor adia que os cientistas...?
- P.V. Agora já acabaram de dar a maior gozação na Academia...
 - A.C. ... São muito bem pagos? O senhor acha isso realmente?
- P.V. Professor da USP... A maior parte é paga acina do que me rece, en termos do país e en termos intermacionais. Agora con essa queda do cruzeiro, non tanto. Mas da última vez

que fonce aumentados, ao dilar do dia, un professor da Usestava fazendo mais de 30 mil dilares por eno. Aposentado
ria com todos cos saláricos e rosjumta de ordenado igual ao
de funcionalismo, com o Hospital do Servidor, com licença
para tratmeento de sadás, com pensão para a mulhar. Aposen
tadoria de professor emericano é com meio ordenado, e de
europeu, ão vezes, nem com isso. Antes do cruzelro dar a
funcinada, forance a Universidade mais ben paga do mundo,
na minha opinião. Quando eu ganhava 25 mil dilares por
mo na Universidade de São Faulo, Harvard ae fez um ofen
ta de 17. Para fazer o mesmo serviço.

Somos excessivamente bem pagos, em termos das obrigações que temos. Principalmente o professor titular. O infeliz do auxiliar de ensino não, mas o professor titular, que obrigação ele tem na vida? Ondo é que está escrito ele tem que fazer alguma coisa? E quantos fazen? Agora, o salário, em relação ao salário mínimo do país, é bom. professor da USP está levando - homem da minha idade, é ló gico, não estou dizendo um principalmente. Mas um homem da minha idade, professor titular, está levando para casa seus 35 mil, descontado o imposto de renda. Acho que isso pão está ruim. Está ruim porque está ruim para todo do. Mas são quantos salários múnimos? Vamos pegar um pro fessor de Harvard. Un professor normal, com 25 mil res por ano. Divida o salário dele pelo salário do cara que varre o laboratório dele, que é, vamos dizer, seis, sete mil dólares por ano.

- A.C. Se formos comparar com quem está embaixo é realmente esma qador, não é?
- P.V. Pega o cara que varre a minha sala e ganha 1.00, enquanto eu ganho 29. O meu chefe ganhava 25, e o cara que varria a sala dele ganhava sete. Então, não vai dizer que estou mal pago en tammos de Brasil. Certo?
- A.C. Acho que esse problema de salários mais altos visa o merca
 do, não 6? A empresa privada, sobretudo em São Paulo, ten
 de a absorver as āreas que estão sendo mal pagas. Ou não?
- P.V. Uma fração minima de 11. Quem é que me paga 29 mil contos? Ganho 29 mil. Quem me paga 29 mil contos, fora do Maseu, fora da Universidade? Peque todos os professores da área biológica. Quem gunhava 20 mil contos aí fora? Fazendo o que?
- A.C. O senhor iria para Harvard?
- P.V. Para ganhar menos que aqui. Esse negócio do basin dasin é uma bela conversa. Só conheço um professor brasileiro

que realmente foi bem pago no estrangairo: foi o Pavan.
Durante um tempo, no Texas, gumhava mais de que equi. Mas
não se venha com corversa de beais-dasin. Não exista. No
contrârio, a vida lá está dura para burro. Lá é muito fá
cil para mádico ser plantonista de hompital, trabalhar em
puento-scorro. Porque o médico emericano, por um lado,
é mal formado. Un médico daqui é tão bom quanto o america
no, se não for malhor. Os médicos emericanos são poucos e
não querem fazer mais o serviço braçal da Medicina, principalmente plantão e pronto-scorro. Então, para o médico
bresileiro é facílimo ir para lá. Mus pense en engenheiro. Biologia, então:

M.B. - Biologia não teria una alternativa de mercado, fora da uni versidade, tão compensadora quanto?

P.V. - Você acha que tem?

M.B. - Não sei. Estou perguntando.

Pergunte, dos fisiologistas e famacologistas na universidado, quantos a Wellcome ou qualquer dessas contrataranta en dez, ou un en 20. Isso tudo é un...

A.C. - Mas a Wellcome pega os melhores, não é?

P.V. - Pega.

- A.C. Aí, para a universidade manter os melhores lá tem que p gar um salário que seja compensador.
- P.V. Não, porque os melhores que saem são poucos e são bons, quer dizer, ela não pega ou melhores, ela pega...

FINAL DA FITA 3 - A

- P.V. O que tem vocação universitária, ganhando para viver com certa decência, não vai sofrer com o patrão.
- M.S. O senhor falou de uma coisa e eu ia perguntar exatamente schre isso. Qual o papel que teria a vocação para a atividade científica, na decisão de ficar na universidade ou sair? O senhor acha que tes um pescoal...?
- P.V. O que se chama vocação são dava coisas. Falta de vocação para outra coisa; canodimo; e ser esculhido por um profeg sor que não quer sosbra, que quer um assistente acomodado, que não lhe ponha medo. Ten muita gente que está na umi versidade por falta de outra vocação, e não por vocação universitária. E tem aqueles com vocação universitária nesso. Voca pega, por exemplo, certas áreas de tecnologia nuito fina, camo aqueles físicos do grupo do Sala. São in divíduos que aí fora sim, elos poderiam... Estão na

universidade porque têm uma vocação universitária. Se bem que é a turma que sata reclama. Vive choramegando. Nas, na área biológica, não vojo nentum de nús que lá fora fog se pago como é pago aqui dentro. Se vocês conhecerem al que luyar bon, se avisen, porque sempre é tempo.

M.B. - O senhor deu aula na Faculdade de Medicina?

P.V. - Dei.

M.B. - Estatística? Era o quê, exatamente?

P.V. - Era una disciplina chamada Principios e Métodos de Investigação Científica e Estatística.

M.B. - E tinha a ver com a Zoologia, já nessa época?

P.V. - Não.

M.B. - Era Estatística, Estatística mesmo.

P.V. - Não tinha tempo integral na Faculdade de Medicina; e eu preciseava genhar a vida. No começo, meu pai me ajulava.

Depois, meu pai ficou doente, morrau, e fiquei muito endi vidado. Trabalhei dois mos na televisão, para pegar as dividas. Mas quando terminei a televisão, fui trabalhar

como orientador de pesquisa. Orientei mais de 200 traba lhos publicados na Faculdade de Medicina.

M.B. - Esse concurso que o senhor fez para a USP, era concurso
para que?

P.V. - Para cátedra.

M.B. - Aquele de que o senhor contou a história do macaco em lo ja de louça?

p.v. - É.

M.B. - Da para o senhor repetir?

e.V. - Não. Eu teria tido mais chance do que tive, se não fosse considerado macaco em loja de louça, e não tivessa, eu meg mo, afirmado que era macaco em loja de louça.

M.B. - Mas depois o senhor fez concurso, para livre-docente?

P.V. - Não. Pui aprovado na câtedra e me tornei livre-docente, aj
tomaticamente. Não tirei a câtedra, mas não fui reprova
do, fui considerado suficiente para a cátedra. Isso traz
automaticamente o título de livre-docente. A minha idéia
era virar a USP no neio, no avesso, e a USP não quaria.

- M.B. En termos de política científica, o serbor teria algua ti po, alguma forma ideal de alcoação de recursos na ârea de Zoologia? Como deveria sor o processo de decisão sobre âreas prioritárias e alcoação dos recursos dentro de cada uma dessas áreas?
- P.V. As áreas aparecem pela decisão dos pesquisadores. Tem uma ou outra decisão maior, a mivel de Governo. A decisão de Governo, na realidade, não é tanto sobre alocação de recur sos para pesquisa que existe, mas criação de unidades. Por exemplo, é un passo muito grande un Governo criar un Insti tuto Oceanográfico; criar un Instituto de Ecologia; criar um Instituto Florestal. Isto é política, a nível de Gover no. Depois, havendo uma FAFESP, um CNPq, dirigidos bom senso, o dinheiro se canaliza mais ou menos naturalmen te. A mivel de Governo, é criar as grandes unidades dar enfase à pesquisa nas universidades. Mas é muito diff cil, por causa da camada dominante, que geralmente é dos velhos professores de escolas profissionais, de escolas li berais: Direito, Medicina e Engenharia. Hoje em dia, far maceutico, dentista e veterinário também mandam um bocado. Antigamente, eram só os três. Agora tem livre-docente em Enfermagen! Democratizou completamente a universidade.

Na realidade, os grandes passos do Governo são assim: quan do se criou, na Universidade de São Paulo, o Instituto Oceanográfico, e se dotou esse Instituto de un navio moder no, então o Governo fee um coisa que mulou a cara da pen quisa oceanográfica, que mulou a cara da Universidade. Ago ra, o Instituto acha mua dimensão dentro da Universidade, suas vorbas dentro da Universidade. Cas seus grupos do pen quisa têm seus convênios, têm seus apolos, etc. Aí, mais ou renos, a coisa entra na estrutura, e se camaliza. A in tervenção do Governo é sempre no sentido de criar algo que não existia.

- A.C. O senhor, há pouco tempo, se queixava de uma excessiva de pendência das verbas do Coverno.
- p.v. Não das ventama do Governo. Das verbas de entidades de an paro. Acho que o importante é ter verba erçamentária. En tão, resolvo dentro do Maseu, com a minha gente, que o que não varsos fazer é isto. Agora, se tenho que ir ao Comes lho, tenho que ir naquilo que sei o que o Corselho quer dar; tenho que ir naquilo que a EMPESP quer dar; que a Rockefeller quer dar. É aquele negócio. Quando comecei a trabalhar, se eu não tivesse as verbas do Museu e algun dimbeiro do meu bolso, eu não tinha feito náda, porque a Rockefeller, que era ques dava dimbeiro, não queria me dar dimbeiro. Pronto, scabou. A FUED também não quis me dar dimbeiro, seu se utinha a verba do Museu, verba pocuena pas

que para o meu negócio era suficiente, porque já dimensio nei minha pesquisa nesse sentido. Eu digo é ir buscar di nheiro em fundacces, em CNTG ou em FINEP.

- M.B. Quando o senhor estava falando sobre o processo de passa gem do Museu de Zoología, dava a impressão de que existe una dependência muito grando da instituição, ou da ativi dade científica, de injunções políticas: o governador que gosta ou não gosta, que decide não dar isso ou aquilo; a necessidade de se recorrer a un deputado para fazer passar una determinada lei. Isso 6 una constante na...?
 - P.V. Não. Na rotina, não. Kas para qualquer coisa maior, é isso mesmo. É amizade pessoal e conjuntura política. Volta e neia alguém inventa que o Maseu Nacional vai passar para cá, vai passar para lá. Corre todo mundo. Por quê? É que quem tem essa időia é parente de um político importam te, invão de um general, sobrinho do ministro. Assim meg no. Paía suddesenvolvido é isso mesmo.
- M.B. Tum um cutra coisa. O senhor impressionou muito a gente com a precoupação com o cuidado artesenal, o cuidado com cada pessoa. Existiria algum conjunto de qualidades que o senhor consideraria importante passar para um bom cientia ta, ou para se formar um bom cientista?

P.V. - Não estou dizendo que ninguém tem, mas o ideal é o sujeito ser inteligente, honesto e trabalhador. Com essas coisas, tudo fica fácil. Pora de blaque, acho que, dado que o indivíduo, para ser chefe, já ten un certo preencheu certos requisitos, é ele se portar com gente, como gente. Não estou dizendo ser tolerante, ao contră rio. Malandro é botar na rua o quanto antes. Não começar a arranjar desculpa, porque é coitado, porque é inteligen te. Nada. É mau caráter, nau caráter vai para a rua quanto antes. O que digo é que talvez seja até una capé cie de guerra da imagem que o sujeito faça de si mesmo, co mo una pessoa integral. Então, queira que o zoôlogo, o ci entista, seja uma pessoa integral; queira dar isso para os cutros. Talvez seja uma vaidade assim. Sabe o que estou dizendo? Un narcisismo de achar que é un homem da cença, e que todo mundo deve ser un homem de Renascença. E se preocupar com formar a personalidade da pessoa, que a produção científica, simplesmente, é uma aspecto da figura geral humana.

M.B. - Tos un negúcio que esqueci de penguntar. O senhor falou que teve tras bolsas da Guggaírheim. Falou nuna delas de pois...

P.V. - Aquela era para fazer a mesma coisa.

M.B. - Continuação?

- P.V. Não. Depois pedi outra para ir aos Estados Unidos, para fazer trabalho, para me atualizar, e tal.
- M.B. E o problema da contribuição de fundações americanas para a criação da FAPESP? O senhor disse que...
- A.C. Não em termos financeiros, em termos de concepção. O se nhor procurou ver como é que essas fundações funcionavam?
- P.V. A coisa foi assim. Carvalho Pinto nomecu uma comissão de cinco ou seis secretários de estado para fager essa lei, mas na realidade quem fez a lei fui eu, com um assessor ju rídico, que é o Bremas Primo.
 - A.C. Como era o nome dele?
 - P.V. Brenas Primo. È un intermediário de Curvalho Pinto, que era o Nélio Bicudo, esse prumbtor do esquadrão da morte, que era subchefe da Casa Civil do Curvalho Pinto. À primeira coisa que fiz foi me trancar com o Coucairo, que era muito meu anigo. E disse a ele: "Me diz o que está errado aquí". Ele me falou todas as coisas que era difícies no Conselho. Depois, popuel o Nos, da Guygelnheim, e me tranquei... Não cui para lá pago pelo Coverno para fazer isso. Foi uma das viagens que fiz de estudo, e que aproveitei.

Trunquei-me com o Nov e falei: "Como é que é?" Ele falour "É assim. Você precisa de un tirano benévolo, mas muito bem fiscalizado". Era a idéia que eu tinha. A Rockefeller e a FURD me adiantaram muito pouco.

A.C. - Foi mais a Guggeinheim.

P.V. - Mais o Now, não é a Guggeinheim, porque o Now era um tipo fora de esquadro. Esse era, realmente. Noje o chefe da Guggeinheim é o Néxiles, que é muito bon sujeito, mas não chega no minditho do Now. O Now era um velho realmente og nial, e gestava muito de min. Tivenos uma conversa de umas cinco ou seis horas. "O que vocês querrer?", dizia ele para min. "Você já configurou ben o que você quar?" Isso foi uma coisa que me illuminou muito. Bu disser "Bon, o que eu quaro é radorçar o que existe. Eu não quero fa

Un dos modelos que a gente tinha era a Mex Planck. A Mex Planck opera as sues priprias instituições. Pizerem a log cura, na Alemanha — que agora está scabando — que foi sepa rar o ensino da pesquisa. O pessoal que fazia pesquisa na Mex Planck e o que fazia ensino na Universidade, não tinha nada que ver uma coisa con cutra. Bu dizia: "Não é isso". Enião, botaran na EMESS: "A FMESS não pode ter sues

próprias instituições de pesquisa". Embóm tinha o CER,
tinha o Centro de Pesquisas Físicas, o Instituto de Nataril
tica Pura a Aplicada, Nases Coeldi, etc. Tudo isso era
despesa chriquiturla do Cornelho. De modo que, no ano
ruin, as cutras atividades do Conselho... No ano es
o Governo liquidasse dívida ou o cruzeiro caísse... Essas
despesas chriquificas cobrem una parte muito grando. En
tão, a FWESF é proibida de tar seus próprios órquos. Ela
não pode assumir norhum escargo permanente. Ten que refor
que a estrutura do estado, que já existe.

Quando o Now perguntou o que vocês quaren... Ten o nodalo russo, que estão usando en Ciba agora, ca que a pesquisa é feita nas Academicas de Ciências. A pesquisa, en Cuba, aco lógica e botânica, pelo menos, era orientada pela Universi dade de Harvard, antigamente. Eurward mendava dinheiro para o Jardin Butânico, etc. o rusultado era pússimo. Ago re fizoram uma Academia Cubana de Ciência, modalo russo, só que não é orientada pelos russos. Pelos trabalhos que a genta vã, são os tohecos que orientam. Os tohecos são mil to bora zoólogos. É um zodelo completamente diferente do nosso. Toda a pesquisa está sendo feita na Academia Cuba na de Ciência por zoólogos tenecos. Se tivéssemos resolví do, em São Paulo, fizaer um ancielo desses, ou um modalo Max Planck, a NYSESP ia ser de um outro jeito. Aliás era

idéia do Carvalho Pinto. Quando vendoras a idéia da
FRFESP co Carvalho Pinto, nas ou nenos eles mentiras para
ele que ele não ia precisar dar verba para nenhuma instituição de pesquisa, porque a ENFESP faria tudo. Lógico que
o dinheiro da FAFESP não chega para isso, mas foi para em
brumar o Carvalho Pinto. Nas o modelo Max Planck é esse.
Vai todo o dinheiro para cá e a pesquisa é feita diretamen

Então, o Now me disse: "A primeira coisa que você tem que escolher e un modelo". Eu disse: "O modelo que me interes sa é o modelo de segurança de cobertura". Porque a coisa é assim. O Miseu Nacional está muito bem e o Museu de São Paulo está ruim. Amarhã o Museu Nacional baixa e aqui sobe. Sempre voçê tem um lugar que está melhor outro. Se você centraliza tudo - bota, como dizem os ame ricanos, todos os ovos no cesto - se un determinado campo vai para a cucuia... Foi o que aconteceu na Rissia. logia na Rússia é una porcaria que ninguém imagina. Na Po lônia, deu certíssimo. A Ecologia polonesa é brilhante. No Programa Biológico Internacional, os trabalhos de produ tividade secundária, feitos na Polônia, são muito melhores que os americanos. Agora foi um acidente que deu isso. Na Rússia, deu o pior resultado. Estive em reunião, na UNESCO om Paris, com os zoólogos russos. É de pensar: "Será que são esses homens que botaram o Sputnik lã em cima?" Não é possível que seja un nível tão...

- A.C. Isso ainda tem a ver com o Lisenko, ou não?
- Não tem a ver com o Lisenko, mas está aí o caso do Lisen P.V. ko. Qual é o caso Lisenko? O Lisenko era um bom pescuisa dor prático de Agricultura e Melhoramento. E com um mendo prestígio pessoal junto a toda infra-estrutura agrônomos da Rússia. Eles precisavam produzir trigo. tão, o Lisenko manda. Botaram o Varviloff, a turma dele, que eram os geniais... Sabe que o problema de homem inte ligente ser comunista é terrível, porque é um problema de époça. Eu, se fosse nascido uns 15 anos antes, se tivesse assistido à primeira saída dos cientistas russos depois da Revolução, todos com aquelas túnicas, aquele cientista es partano, que a gente está vendo que é um arregimentado, um que acredita, que se integra... Foram para o Congresso de Genética em Londres e derrubaram tudo aquilo. O Varviloff. Depois você vê o mesmo regime produzir Lisenko. Meu Deus do Céu! Graras a Deus eu era crianca naquele tempo e não entrei naquela. Era para ter entrado. Foi una beleza, a peimeira saida da turma do Varviloff depois da Revolução de 17. A primeira saída dos geneticistas russos, Rersovski, Varviloff. Origem das plantas cultivadas, drosofilas, diabo. Foi uma beleza. Depois, por um expediente políti co, mataram, cueimaram, deportaram, fizeram o diabo, e aca bou mesmo. Zoologia, na minha especialidade, tem um sujej to muito bom, o Dareviski. Sabe o que ele me disse,

UNICAMP ARQUIVO CLE São Paulo? "Tenho mita sorte, porque o meu sogro é un cientista muito importante na Academia. Neu sogro é o cmmurada Bibienko, o academico Bibienko".

Toda pesquisa é centrada na Academia, e quem é dentro da Academia, está bem. Acontece que o seu Ilva Dareviski é um bom. É o único. O resto... Recebo a bibliografia russa. Dá pena. Antigamente, eu traduzir. Hoje, não tenho mais esse trabalho. A centrali zacão na Academia matou. Agora, a Academia Polonesa, na parte ecológica, funcionou muito bem. Então, é um risco que você corre. Na Inglaterra, Estados Unidos, é assim: acui está pior, acui está melhor; una universidade cai, cu tra sobe. E no Brasil, com essa mobilidade nossa em que acaba uma geração, uma coisa assi, achei que o modelo que mais interessava para São Paulo seria que a FAPESP fosse uma sustentadora da estrutura oficial e extra-oficial - por que a FAPESP ajuda fora do Governo também. Mas não misse. Porque, na hora em que ela começasse a assumir, e ela tivesse um institutozinho de Zoologia de duas pessoas, para onde é que acabava indo todo o dinheiro dela? esse institutozinho. Então, para ela ter flexibilidade de poder atender onde o atendimento é mais tentável... isso foi o Moll que me perguntou; "Você jã pensou no mode lo? Porque tudo que você vai fazer, vai depender do você quer". Eu estava con aquela ideia brasileira de "va mos ajudar a pesquisa". "Isso não quer dizer nada. Defina exatamente o que que você quer".

> UNICAMP ARQUIVO CLE

the second second second second

- A.C. Uma vez fixada essa infra-estrutura, tudo bem. O resto vem sozinho, com os seus erros e acertos, por uma...
- P.V. noda medinica cai... Af fica un brincaccira. Ele conseçu a examinar comiço. A Max Planck que foi um... Foi do jei to que a Alemanha saiu da Guerra. Então, tem o Instituto Max Planck de Limoologia agui, e a thiversidade ali. For que a Universidade era uma coisa e o Instituto, trabalhan do pogudo, não tinha nada que ver com ela. Ao contractio, era proibido ao sujeito do Instituto dar aula na Universidade, ou colaborar com a Universidade de qualquer manaira. Tenho a impressão que des mu resultado. Nua Clências Maturais, deu mu resultado. No carpo da Zoologia de verte brados não tem naciva alemão que preste. Nacivum no primaj ro tima, ou no segundo tima forte. A França taxióm não tem nada. Na Inglaterra, é aquele sistema ultra individua lista, que ninguém vai poder copiar, nos entender.

A Inglaterra me derrota. Tum um repaz estudando primetas
lã em Manaus, e ele me disse que o professor dele chanava
fularo de tal. Sō vi que era um nome de hifen. Não me
lembrava. Fui ao Congresso de Primatologia e perquatei:
"Quem é o primatologista com nome hifenado? "Pin-ClitonBrock". Casão o "Tin-Cliton-Grock?" "Está maguela tuma
ali". Pui lã, voltei, e disso: "Não, não está". "Está".

Voltei lã, olhei: "Não, não estã". Chegou lã. "Ol, Tin". Era un ruças de cabelo até agui, virado para dentro assim, que non pagen; uma gravata borboleta deste tamarho; de bo nã. Quando que eu ia achar que aquale era o professor de Prinatelogia de Universidade de Cambridge? De modo que é bobagon querer entendar inglês. E eles também não estão muito bem. O inglês também têm divorcio entre universida de e instituição de posquisa. O Maseu Britânico também não extge diplora universitário, não exige carmeira universitária do pessoal e estã numa fase pessima, numa fase hor rocosa.

- A.C. Alifa, o emaino universitério não é muito difundido na Inglaterra. Percentualmente, muito pouces pessoas vão para universidades. Acho que o peso da universidade realmente 6...
- P.V. Bom, mas tambón tom o que chances de univermidade, lá. Por que os politácnicos ingleses, aqui seriam chamados de uni versitáricos. E são uma classe... Porque com inglês é tu do diferente mesmo. A NST não era podelo nesse tempo, mas a NST é um modelo péssimo, porque é um negócio de moda. O sujeito ven sendo sjudado numa linha de posquisa, recebendo 70, 80 mil délares por ero, uma coisa que já faz parte da vida dele, e, de repente, disem não, e acubou. Porque da vida dele, e, de repente, disem não, e acubou.

madou a turna, e passaram a achar que Ecologia não é isso, é aquilo. Quer dizer, ela não assume responsabilidade na rhuma. Vira como o vento. Nus naquele tempo eu não sabia disso. Os modelos que pequei foram Max Planck, foi o sig tema russo, pelo qual eu tinha extrema antipatia, como pe la Max Planck também. Você botar tudo num czar, é como diz o Daresski! "Neu sogro é o acadêmico Bibienko". Santo Deus! Se eu von fazer pesquisa porque neu sogro é o acadê mico Coutinho ou o acadêmico Coucsiro! É chato.

E um megócio que sou contra, botar executivo e economista diriginão conselhos, essas coises. Porque es, quando pen so num negócio de Conselho de Pesquisa, peneo na mirha car ne. Quando fiz PMPEEP, não fiz comã o Governo dando famo res, distribuindo gorjetas para todo mundo. Penesi no meu lado, recebendo: "Austria, deixo de ser Coverno, como é que laso cinega na minha mão?"

A.C. - Pensando nos fregueses, não é?

P.V. - 16gico. Quo garantia o freguês tem? A garantia que o freguês tem é a publicidade. Você pode fazer tudo por decisão pessoal, porque uma vez que tudo se saiba, qualquer coisa errada fica muito comentada, e é uma pressão de opinão. Isso tambés foi uma colsa que o Nov conversou muito.

comigo. Eu perguntei para ele: "Que que o senhor acha?"

Ele disse: "Acho indispensável que haja a máxima publicidade de detalhe. Cue se saiba tudo". Até ele me deu um conselho, que outro dia ainda usei para um negócio da Dos Chunical. Já duas vezes que eles me procuram. Querem que eu faça um determinado levantamento. Pagam para o Museu fazer, para o fundo de pesquisas do Maseu, etc. Eu digo: "mas os resultados não lho pertencem. Os resultados são publicados. Os resultados são propriedade do poio heasi leiro". Aí o pessoal já tira o corpo. O que garante a honestidade é publicidãos. Tudo que é feito escondido aca ba en malandragem. Se não scaba fatalmente en malandragem, tem um tendância.

A.C. - Altas transações.

- P.V. Tom certa periculosidade. Zoologia Sistemática e Morfologia são tum especialidade barata, não tem grande problema de compra de material, etc. Mas o dinheiro certo, na hora certa, para aquela coisa, tem que ter. Compem tudo. Não é peculiar à Zoologia.
- M.B. Agora, no caso da FAPESP, não số a publicidade, mas o con trole por cientistas, e não por economistas ou administra dores, também seria importante.

P.V. -Por lei... Isso tirei da lei do Museu, uma coisa que não sei quem pôs na nossa lei original, mas nos salvou várias vezes. O diretor do Museu, por lei, tem que ser pesquisa dor de reconhecida competência em plena atividade. vez que o Adhemar queria botar cupincha dele no Museu, nos aparecíamos com a lei na mão. "Não, vamos para o tribunal, porque a lei diz". O direto cinetifico da FAPESP tem que ser pesquisador de reconhecida competiência. Enquanto ele é diretor científico, não faz tempo integral na Faz um período na FAPESP, e um período no laboratório dele. É lógico que isso é um pouco utópico, porque ele não vai fazer naquela intensidade, mas ele é obrigado a não se afastar do seu laboratório, a não perder o contato.

A.C. - Não é uma atividade exclusiva, de maneira alguma.

P.V. - Não. Ele 6 chrigado a manter a atividade dele, a contimuar com o armoz e o feijão da sua profissão, com a mão
na massa. Eu vi como isso era importante no caso do Oscar
Sala. Trabalhei cinco anos como assistemte do Oscar Sala,
e o Sala é físico. És vezes, chogava un problema de un
fisiologista e ele tinha una sensibilidade desgraçada. Ele
não estava a par do detalhe técnico, mas para o problema
en geral, tinha una sensibilidade tremenda, porque 6 un ho
men da profissão. Una vez explicado o detalhe...

A.C. - Perfeito.

- P.V. Lembro meu pai. Cs problemas que eu tinha pera explicar
 minha perquisa para o neu pai, que era meu intimo e queri
 do amigo! Mau pai era não sõ economista, como era adminia
 trador de empresa. Era um dos diretores da Pignatari. Era
 um hom administrador de empresa. Nunca eu taria aceito
 ele como diretor de museu, nam ia trabalhar com ele es ati
 vidade científica menhuma, porque quam não sente na pele
 val por outros paradigmas. Não vejo como de carto.
- A.C. = E não importa que seja de outra área. O problema é a prio ridade científica, realmente.
- P.V. O problema 6 de ser profissional. Para problema tácnico, você tem assessoria, mas para os problemas éticos, os problemas de política geral, os problemas de relacionmento com estudentes, tudo isso... São problemas gerais. Se amo nhã chega uma aluna de un peiofologo, e se queima para o Oscar Sala de que a relação dela com o chefe é assim, ag sim, tal e coima, e não entá boa, o Sala chema un assessor de Psicologia e fala: "Pulano de tal, é bom?" O sujeito diz: "Yais ou mence". Então, ele já entendau todo o problema dessa moça, o pois julgar isso numa base humana e profissional muito bos, ponçue ele sabe qual é a relação de orientados com orientado. Ele tem os orientados dele; foi orientado tembros.

- A.C. O senhor acredita muito nessa vigilância da comunidade ci entífica. Não só na vigilância, nessa atuação decisiva.
- P.V. Nessa interação constante. É a única chance que temos de controlamics o nosso dinheiro da maneira mais efficiente, de não ficamos recebendo favores e gorjetas do Groumo, mas recebenmos o que é justo, para uma atividade que interessa ao Groemo e ao Fafs.

Pega o Couceiro, por exemplo, que foi un bom presidente do CSEQ. Cada vez que a gente recebia dinheiro do Couceiro era un favor de amigo. A gente se sentia endividado: "Ama nhã tenho que mundar uma flor para a mulhar dele, una cai xa de bombom, qualquer coisa". Porque ele dizia assim: "Olha, saiu aquela verbe, mau velho, não sei o quê". En vez daquela relação impessoal... Você entende o que quero dizer?

A.C. - Claro.

P.V. - Afinal de contas, estamos fazendo uma atividade lícita, que interessa ao Governo, e o Governo não está fazendo favor menhum para nõs. Essa dirheiro vum porque é um formento de serviço que o Governo precisa. Então, é uma coj sa sobre a qual nõs devenos ter o poder de fiscalizar, de organizar e de influtr.

- A.C. Essa fiscalização na FAPESP, ela é rotativa, ou como é?
- P.V. Como fiscalização rotativa?
- A.C. Enfim, esse compo de cientistas que controla mais ou ne nos...
- P.V. Não. Não existe isso. Existe na EAPESP a públicidade de tudo que ela faz. Quen controla é todo mando. Se sai to to ano un rolatório que diz assin: "Sr. Paulo Vanaolini re cabeu 25 mil contos para ir en tal lugar fazer tal coisa, ou para comprar arpele pare lho", todo mundo na minha profisão está subendo se estou publicando ou não; se sou compadre do Saad; o que sou, o que não sou. É isso. Agora, o corpo de musessores, que é quen fiscaliza o trabalho feito, são todos os cientistas de São Faulo. A EAPESP, há pouco tempo, unava 850 assessores, que, agora está usando mais de 1.000.
- A.C. Opinariam sobre as verbas que seriam alocadas?
- P.V. Sobre cada projeto.
- A.C. Exato. É por projetos.

Sabe por que? O certo seria auxiliar o laboratório. Isso também é um negócio que está na lei. A FAPESP não pode au xiliar um laboratório, nem que queira. Tem que auxiliar projetos. O certo é ajudar o laboratório, não tem dúvida nenhuma. Então, nenhum laboratório merece confiança. Caso . contrário, isso equivaleria a você pegar o dinheiro . da FAPESP e dividir por quantos professores catedráticos +1 vesse na Universidade. Tem professor catedrático da Uni versidade de São Paulo, que jã entrou com 20, 30 projetos na FAPESP, e não passou nenhum. Porque um sujeito recebe e diz: "Este projeto tem os seguintes defeitos: A, B, C, D". Então, o diretor científico da FAPESP diz: "Denago". Você chega lá: "Por que que está denegado?" Por causa de A, B, C e D". O sujeito não pode brigar, se ele errou em A, B, C, D. Se ele acertou, pode, e a coisa pode ser re considerada.

Isso me sconteceu milhares de vezes. Chega o professor de Anatomia. É negado un puro, un projeto dele: "Paulo, mas você qua foi meu aluno, você acha que un professor da Faculdade não tem competência para fazer projeto? Você acha que o meu laboratório não presta?" Eu digo: "Não é isso, professor, é o projeto em si. Ninguém está falando contra o senhor. Continuance a ter o maior agrego pelo se nhor. Seu laboratório, todo o mundo sebe que é étimo. Acon tace que sobre esse projeto, individualmente, a assessoria

achou isto. O sembor, naturalmento, tom toda a latitude para defender". Una coisa é o sujeito defender pontos eg pecíficos, outra coisa é você armar una briga em tormo de que se un laboratório presta ou não presta. Picaria muito difícil diser não a laboratório.

- A.C. Ao passo que o projeto é una coisa...
- P.V. O projeto é un negócio que se discute objetivamente. Twe
 um dia que un dos sujeitos mais podemoses na política do
 Estado de São Paulo spareceu cos us projeto de un milhão
 de cruzeiros. Un milhão de cruzeiros há sete encos, o ito
 anos atrãs, era mais do que hoje. Foi dodo para três bons
 assessores. O sujeito chegou e gritou: "Quero saber quem
 são os assessores". "Venhas cá, Dr. Fulano, Dr. Sicrano..."
 Três coleças deles. Bon, apora varce desurhar equi. "Isso
 está errado, isso está errado..." "Son, de fato, já que
 vode queros levar para esse lado. Devia ter un crédito
 de confisoroa, não sei o que, e tal". Fim de pepo.
- A.C. como são escolhidos os assessores que vão opinar sobre ca
- P.V. Isso é o diretor científico, que sabe quem trabelha nesse campo. Ele tem geralmente um assessor chefe. Vamos dizex

na área de Zoologia. O assessor chefe sou, mais ou menos,
eu. Então, o Saad pergunta para mim: "Paulo quen é que
entende de tal assunto?" Eu digo: "Ouem mais entende é fu
lano de tal, mas quen está pedindo é ele. Manda para ped
tranbo, que é bon tarbém.

- A.C. No caso de ser o Museu a pedir un financiamento, para un projeto específico, ele passa para outro assessor, não 11 gado ao Museu?
- P.V. 2. A gente sabl mais ou menos. Sai, por exemplo, que se eu pedir um negócio nisso em que trabalho, ele vai pedir para o Hise-Brown, para o Benson ou para un dos que traba lham na menem linha. Não em méptois, mas em problemas evo lutivos, etc. Ha Entomologia, a gente sabe quem são. Exig te um segredo simbólico de assessoria, de que o assessor pode abrir mão. Eu; por exemplo, frequentemente ehro mão. O orientador foi meu aluro, ó um sujeito inteligente, está mal crientado, mando ele bater um peopo comigo. O sujeito vem e pode abrir mão do segredo.
- A.C. Na área de teses, a coisa também se passa da mesma maneira,
 - P.V. Exatamente idêntico. Aliãs, na tese, a responsabilidade é

muito maior. Vamos dizer que eu de 500 mil contos para un projeto de pesquisa. E fracassa. Bom, fracassou un proje to de pesquisa e perdemos 500 mil contos. Se der gorgulho num silo de café, se der uma geada, vai muito mais que isto Agora, pega un jovem e bota ele na mão de um mau orienta dor, com um mau projeto... Nisso você mão pode medir o di mbeiro. É um outro tipo de dano.

A.C. - Dano a longo prazo.

P.V. - E depois dana una pessoa. Não é sõ dano material. Você eg
té estragando a vida de um sujeito. As vozes, a gento ne
ga una bolas porque o crientador é ruim. E o estudante [i
ca tarado. "Escute una coisa, botar você na mão de un su
jeito ruim, não posso. Acho que o seu orientador vui te
fazer mal, em vez de bom. É um sujeito desonesto, com
quem você vai aprender maus hábitos de pesquisa e tudo ig
so. Não posso".

A responsabilidade é quando entram pessoas. Quando entra disheiro - disheiro, sabe com é, sai de esgoto, sai de bordel, sai de qualquer lugar. Entra e sai em qualquer lu gar. Mas gente é... Então a colocação do estudante, a põe-graduação dele merces um cuidado damado.

Alias, o jeito que a FAPESP faz é muito bom, porque

coisas são mandadas por essessores especializados. Confor me os ansantos, o diretor científico reéne un grupo. de sesis a oito para julgar as bolsas, duas vezes por ano. En tão, eles fazes três pilhas: A, B e C. A é equela para quen non que não houvesse dinheiro, se dava; C é apula para quem, nem se sobrasses dinheiro, se dava; C é apula para quem, nem se sobrasses dinheiro, se dava; C é apula para quem, nem se sobrasses dinheiro, se dava; C é apula para quem, nem se sobrasses dinheiro, se dava; C é apula para quem, nem se sobrasses dinheiro, se dava; C é apula e a dava per e sobra para dinheiro, se dava; C é apula e a face dava per para dava per para dava e por três julgamentos, no mínino. S un escripcio denado, para ver certeza de...

- A.C. ... de que vale realmente a pena.
- P.V. A PAPESP gasta muito sais tempo e diribeiro para julgar un processo de bolas – que são 70, 80 mil cruzeiros por ano do que num processo de 500 ou un milhão de cruzeiros, por causa do problema...
- A.C. ... das implicações que essa decisão terá.
- P.V. Do dano potencial a una pessoa que está entrando nuna car reira, na inocência e boa vontade que a gente espera.
- M.B. Essa é a política geral da FMPESP, en todas as áreas?
- P.V. Isso é regra. É lei e regulamento. Não pode ser mudado.

Está escrito. Depende de Assembléia Legislativa para nu dar. O pavor que a gente ten! Quando vocô pensa que tive mos un governador como foi o Adhemar de Barros!

- M.B. Quais forces os danos exatos? Todo mundo fala tanto en Admenar de Barros, que parece que ele causou uma devasta ção na Ciência em São Paulo.
- P.V. Desliga isso af, que eu conto una coisa.

(INTERRUPÇÃO DA FITA)

- P.V. Mas para isso aqui?
- M.B. Por que não?
- P.V. Não é vergonha, não é vergonha.
- A.C. O Homem, antes de ser um cientista, é um ser humano.
- M.B. Como é que foi a entrada do senhor no sanba? Seu interes se pela mísica?
- P.V. Quando eu era estudante havia un negócio chamado Caravana Académica, un show da Faculdade de Nedicina. Eu tomava par to de todas essas coises. Pui entrando e, quando vi, esta va dentro.

- A.C. E é usa atividade que é sempre paralela ou às vezes ela cresce mais, aumenta, diminui?
- P.V. É lógico. Se estou num lugar cheio de mosquito, em que as cito horas da noite eu tenha que estar embaixo do mosquiteiro mão dá para ler, para acender luz, porque entram os bidiinhoe pequenos e não vem sono, o que que fico fa zendo? Fazendo música dentro da caboça. Cada vez que fa que un viagem comprida, faço dase músicas.
- A.C. Quer dizer que as expedições estimulam?
- P.V. Estimulam. Agora, se estou trabalhando, escrevendo quando

 chego de noite na cama, vou pensar em música? Com um tra

 balho bonito?
- A.C. Seu problema com trabalho é muito estético, não é? Com trabalho científico?
- P.V. Ah, é lógico. Trabalho tem que ser uma coisa bonita, se
 - A.C. Queria perguntar ao senhor como é que o senhor comesquiu
 aliar uma atividade tão intensa de trabalhos, artigo, 11
 vzos, etc., com uma função de organização, de direção de
 instituição, de acompanhamento de trabalhos? Isso me paro
 ce tão imenso?

Não. Não é não. A administração do Museu émuito simples. E eu delego muito. Terho un vice-diretor que faz toda a parte de dinheiro. Sujeito que é de minha absoluta con fimoça. Naturalmente, ele me traz ao par de tudo, etn. Mas cu, uma vez que delego, delego mesmo. Esse faz toda a par te administrativa.

O Fopal que toma conta de públicações, esse é absolutamen te autônomo. Haturalmente, ele me mantém a® par, conver samos, etc. Mes não re interno com o trabalho dele. É az sim. Quem é encarregado da estação experimental, é autôno mo. Eu faço a política do Museum as relações externas, as relações com o Reitor. Tenho um bom corpo de funciona limno, e delego. Eu acredito en delegar. Una vez que en entrego a actividade na não de um, está entregue.

Tenho dois substitutos legals, os dois malto bors, maito curpridores, que gostam do que fazem. Un até se prejudica na atividade científica dele, porque gosta mais de adminis tração do que de pesquisa. É o que é vice-diretor nosmo. É un sujeito que eu posso passar dois a três meses fora, numa viagem, no maio, que mão jem problema menhum. Quanto so resto, é o problema das horas que passo no Museu.

Trabalho muito com os estudantes fora de hora. Primeira

coisa, so converso com estudante depois de seis horas tarde. Tem telefone, amolação durante o dia... seis horas eles vem. As vezes, tomamos uma pinguinha, as vezes, não, dependendo do grau de intimidade, ou se é mo ça - tem unas que não gostam. Almoço muito com eles no sã bado, fazenos viagens juntos. O truque todo que vejo é fa zer a vida fluir assim, mas ou menos como um rio. As coi sas que têm que ser feitas, vão sendo feitas. Agora, que a minha produção científica não é o que podia ser, não é. Se eu não gostasse tanto desse trabalho de forma ção de gente, jã teria publicado muito mais do que : publi quei. Mas também não envergo cota; que eu tenho que publi car tantos trabalhos na vida ou ser Premio Nobel. Natural mente, todo mundo gosta que seu trabalho seja reconhecido. Tenho alguns trabalhos que são reconhecidos, para mim che qa.

A.C. - O senhor tem horas fixas de trabalho?

P.V. - Tenho. O carro ne pega as sete e meia da manhã, en casa.

E saio a hora que sair. O Diretor do Museu de Arqueologia

é muito neu anigo, e geralmente vamos jantar juntos. Bu
não almoço. Vamos tomar una ocrveja, jantar, e aí eu vou
donair. No outro dia, a mema coisa. Mas geralmente a
atividade de orientação é de poite, decois de seis horas.

A.C. - Amigavelmente?

P.V. - Se eu não gostar da pessoa, não aceito. Se não puder ser uma relação assim desimbida, franca, eu não pego. Não com persa. Lembre sempre disso: o contato de cientista com aluno é um contato de uma intimidade pevorosa. A gente em tra no mais profundo, a gente entra no defeito da pessoa. A gente tem que entender a pessoa. Por isso que dã tamo caso entre professor e aluno. Porque se for uma coisa feita para valor, é uma intimidade muito grande. Ãe vezos, a gente até sente que estaja forçando a personalidade da pensoa. Ãe vezos, tembo essa divida, que seria mais human ter uma atitude mais...

A.C. - Reservada?

P.V. - Nais impessoal. Por outro lado, se eu não entender a persoa, como é que voi dar a receita para ela? Não é todo aluno que quer isso, e não é todo aluno que apuenta isso. Assim como a gente tem que escolher o temperamento do origidador, é lógico que o orientado escolhe o temperamento do orientador. A gente tos tradição, todo mundo sabe, os me ninos saben a gente como é. O sujeito que não gosta desce estilo de vida não me procure. Para isso, groças a Deus, existe variedado de pessoas, não é?

FIM DA 2a. ENTREVISTA

3a. ENTREVISIA 04.05.77

PRESENTES: Tjerk Franken e Márcia Bandeira

- M.B. Durente a discussão que já tivense, o senhor nos relatou de uma forma excelente, muito importanto, toda a parte de processo de socialização. Mas e sobre o lugar onde desen volver pesquisa básica e perquisa aplicada? O que tem, inclusive, ua pouco a ver com uma colocação que o senhor fez sobre Manguinhos, de que Manguinhos teria trazido, na parte de Zoologia ligada à Saúde Pública, uma distorção à Zoologia no Brasil.
 - p.v. Não é propriamente que tenha trazido uma distorção, é que sobreviveu a si messus. Um exemplo bem nais didático é o do Batantã. Na década de 30, aqui en São Faulo, sparecou Tifo Evantenático. Então, o laboratório de Parasitologia do Butantã, do professor Flávio da Fonsoca, um sujeito multo bom bom especialista e muito boa pessoa -, começou a procurar qual era o vetor. Gomo Tifo Evantemático é uma docaça ima de Febre Maculosa Spotted Fever, constituidas Montanhas Rochosas dos Estados Unidos sabin-se que era um carrapato. Começou a bater carrapato e outros acarianos parasitas. Um problema como Tifo Evantemático, um problema de Saúdo Pública, o molástia dentro da cidade de São Paulo. O Butantã é um Instituto de muito prestigio, de muito disheiro, e nontou, rapidamente, uma biblioteca e

uma coleção fabulcaa. Depois, verificou-se que a espécie era um carrapato, só um carrapato, comum e fácil de se identificar.

Então desapareceu, para a Saúde Pública, a razão de Flávio da Fonseca continuar fazendo zoologia de acariano. diante daquele investimento danado dele, da sua vida, dele passar a trabalhar e montar uma estrutura toda, um Instituto, não cabia tirá-lo de lá. Se ele tivesse disposição, para ir para gutro lugar, podiam mandá-lo para uma Univer sidade, qualquer coisa assim. Você sabe que no Brasil não hã flexibilidade para essas coisas. Então, o remédio foi o Flávio continuar trabalhando em acariano, até morrer, como de fato aconteceu. No dia 18 de maio de 63 o Flávio morreu. Ele não tinha nenhum discípulo fazendo Acarioloqia. Não há razão nenhuma para o Butantã fazer Acariologia. A coleção ficou lá largada, até que se arrumou uma pessoa para tomar conta. É um patrimônio do Butantã. Eles não vão mandar aquilo para fora, não vão desentranhar livros da biblioteca. Ficou, então, um quisto dentro Butantã, que é uma valiosa coleção de Acariologia, com que não se tem o que fazer.

En Manquintos foi assim, O INTE, por exemplo, comoçou a estudar por causa da Exquistossomoco. Queria saber onde cotava a larva do esquistossoma e, então, começou a estudar girino. Mas não cabla quais eram as espécies de supo. Começou a fazer taxionomia de sapo. Depois, continuou a Berta, filha dele, a vida inteira a fazer taxionomia de sapo em Mengüinhos, sem nenhuma razão de ser.

Aconteceu una coisa mito engraçada: o pessoal de Omitolo gia coneçou a fazer Contiologia pura, divorciada de Saúde Pública, verme de inseto, verme de diplopteros, verme de peixe, o diabo. Al aconteceu o que coorre con pesquisador que não tem visão intelectual, quando o Zoologo coneça a conhecer o grupo dele bes denais e ter coleção muito gran de, perde a aventura. Não ten mais aquelo negôcio de você procurar una espácie rara, se emocionar con una espácie nova, organizar un grupo que está nal conhecido; fica muito rotina. Então, en vez de o sujeito elevar o seu traba lho un degrau A partir para un trabalho de síntese, para un trabalho de síntese, para un trabalho hais toórico, mais sofisticado, ele pode para fazer trabalho de rotina num outro grupo.

O velho Travassos passou a trabalhar em borboleta e montou uma enorme coleção de borboletas em Munguinhos que não tinha qualquer razão de ser. O Buyo Souza Lopes começou a trabalhar num grupo de difereros-sarcofagideos, em que ó alta autoridade mundial, que não tem nada a ver. O Buyo saiu de Munguinhos, foi aposentado à força e a coleção ficou 1ã.

Todo mundo treme pelo futuro da coleção. O trabalho dele não sofreu tanto porque ele tem muito apoio, muito prestí gio. Mas para Manguinhos, não há diferença nenhuma. O que ele fez foi para o prestígio geral do Instituto, mas não para a função de Manguinhos. Há uma necessidade momenth nea, por serem as moléstias tropicais muito ligadas à Zoo logia, e depois tem uma certa inércia, é impossível voltar atrás. Isto é, você não desliga um Flávio da Fonseca, de pois de dez anos de trabalhar em Acariologia, dizendo as sim: "Você estă garhando para trabalhar aqui no Butantă . Agora você vai fazer kmbriga, ou vai fazer bezouro". Exis te essa inércia, mas quando essas coisas começam a se mul tiplicar, começam a se deformar... Chegou uma hora em que, na minha opinião, Zoologia em Manguinhos deformava o Instituto, porque tinha Zoologia demais. O Flávio nunca che gou a deformer o Butantã, porque era sozinho, não tinha discípulos. Era um homem, um laboratório. Mas em Mangui nhos, cheio de discípulos, cheio de gente trabalhando, che gou uma hora em que a Zoologia era uma das partes grandas de Manguinhos.

M.B. - O senhor diz deformado no sentido en que a predominância seria pesquisa básica, enquanto que o objetivo era ...?

P.V. - Não . Não é pesquisa hásica. É pesquisa desligada da fun ção de Saúde Pública em Madicina. É muito o problema da personalidade do diretor. O Rocha Lima,por excuplo, mentou um Instituto Biológico espetacular. Boje, o Instituto é uma sombra do que foi, mas no tempo do Rocha Lima,
tinha gente fazendo pesquisa básica. O Mauricio Rocha e
Silva descobriu a bradicinina no Biológico. Mas era dentro do cumpo de trabalho de Biológico. O Mauricio estava
em Farmacologia. O Bier trabalhou muito em cumplemento.
Ele mão estava fazendo vacina, não estava fazendo nada.
Mas estava trabalhando en Imurologia, que era uma coisa den
tro do Biológico.

Agora, se un sujeito começasse a farer sistemática de bor boleta, o Rocha Lima botava as coisas no lugar, mandava o sujeito para cutro lugar, ou diminufa os recursos, etc.Rle não era un brutalizador, era un sujeito genial, mas manti pha uma média. Natumalmente, não era un negócio rigoroso, que você poda os quatro lados com guilhotina. O indivíduo compõe o Instituto, a direção compõe o Instituto, di força, admite gente, etc, de acordo com uma idéia da missão do Instituto. Quando começa a ficar cada laboratório para o riado, começa a se encher de gente, com Toologia divorciada da qualquer coisa, então, aí, você vê que se perde.

- T.F. Isso significa que o senhor pensa que um bom Instituto de Pesquisa precisa ter uma vocação própria?
- P.V. Uma missão e uma personalidade, sem dúvida nemhuma. Bu,
 por examplo, nunca sonhei em ser diretor de Museu. A

minha ideia, quando fui fazer doutoramento, era outra. En gostava mesmo é de mato e a minha intenção era fazer. como estou fazendo - uma Zoologia da America do Sul intei ra. Meu pai era professor universitário, tinha bom apoio em casa, facilidade em línguas, tudo isso. A minha idéia era fazer um bom doutoramento, como eu fiz, nos Unidos. Meu pai me deu um conselho: "Pegue o melhor strates and fessor na melhor Universidade". Pui estudar com o Romer. que era o "santo" naquele tempo. Com esse prestígio, peqava três anos como professor na Venezuela, - quase fui ser professor em Cáli, na Colômbia -, esgotava mais ou me nos aquelas possibilidades, ia para o Peru, ou para outro lugar. De repente, ia passar dois anos na Inglaterra ou nos Estados Unidos, digerindo material. Mas, quando cheguei nos Estados Unidos, que fiz o doutoramento en um 7Micubilition o seu - porque a parte de Biologia de Organismos em Harvard é no museu - é que verifiquei que aqui, no Brasil, não se cias a tinha uma idéia do que é um museu universitário. Não 5 que não tivéssemos um museu universitário, não tinhamos sequer idéia do que era um museu universitário. Então, en tendi que precisávamos de uma instituição desse jeito, e quem estava com a faca e o queijo na mão era eu, inclusivo odestinad e porque, por pura questão de tempo, eu seria fatalmente di retor disto aqui. Havia quase 20 anos de diferença idade entre eu e o mais novo, acima de mim. Portanto, apo sentado ou morrendo, acabava mesmo na minha mão. E este Museu tem uma idéia do que devas ser um museu universitário.

- M.B. O que caracteriza esse museu universitário?
- P.V. O maseu universitário curacteriza-se, primeiro, por ser un museu. O que caracteriza un museu, seja en que campo, for em Arqueologia, História, é o acervo. Não un acervo casua lizado, mas un acervo estruturado, visando cumpos do combe cimento, visando cubortura geográfica, histórica, etc.

Esse acervo ten uma curadoría que é uma parte mito importante. Está aí na sua não. Sou eu que estou cutalogando a coleção. Está vendo esses papéis aí à sua esquarda? Eu é que catalogo as coleções. É um acervo que você mentéas, aumenta, dentro de uma filosofía, de uma orientação, que você cura, e usa para pesquisa. A pesquisa do Museu é fun dementalmente baseada no acervo e na problemática que o acervo dá. Isto fornece ao pesquisador de museu, quando ele é moderno e não simplemente um guardador de mínia, qua do 6 um pesquisador de lastro teórico, uma capacitação que não existe dentro da universidade e em cutros lugares. En tão, ele pode dar uma contribuição muito grande ao ensino.

Por outro lado, com o contato com o estudanto, ele pode trazer para o nuscu gente de nível alto, e não ficar só com narginais e tipos frustrados, tímidos. O cientista de nuscu, ensimado na universidade, traz o nuscu para dentro da corrente geral intelectual de universidade. O pulo que deu este fiuseu quando conocci a ensimar foi uma colas lou ca. Actigemente egui não havia nenhum zoólogo. Eram todos autodidatas. Quando eu comecei a dar aula optativa e
o pessoal do curso noturno começou a vir para as minhas
aulas, é que nõs começamos a formar a equipe atual do Museu. Isso é uma coisa de que não existia nema a idéia no
leasil. O Museu Nacional foi, no século passado, começo
desse século, um bom Museu, mus um Museu de século XIX, e
não evoluiu. Poi ficando com cientistas cada vez plores,
mais rotineiros e, embora seja um Museu da Universidade, não
tem função nemhuma dentro dela, porque não tem ninguêm lá
dentro que temba espírito universitário, de formação umi
versitária.

- M.B. E essa relação do Museu de Zoologia com a USP? É um neg<u>ó</u> cio que não ficou muito claro para a gente.
- p.v. O Museu é da USP.
- M.B. Mas como é a estruturação, a relação dos cursos de pós-gra duação que vocês dão aqui para o pessoal da USP?
- P.V. Sumon cracleuciados la Departamento de Zoologia da USP.
- M.B. Isso significa que vocês fornecem alguns créditos ou gran de parte do curso?
- P.V. 80% dos cursos de põe-graduação são dados aqui. En grande parte, eles são muito scorecarregados con graduação e eles não deixam a gente entrar na graduação. Eles tên un clúne danado. Por outro lado, o pessoal de lá é muito rotineiro.

e o curso de livre docência está numa fase muito ruim, mui
to sea gente, além de una sobrecarga didática de gradu
ção terrivel.

- 7.P. O sembor falou que uma boa instituição de posquisa naquele tempo tinha que ter uma função, uma missão, uma personalidade. A gente falou muito sobre a missão. E a personalidade? Em que consiste a personalidade de que o sembor falou?
- p.v. Vou dar un exemplo. Este Maseu aqui, qual é a personalida de dele? Sendo a maior parte do pessoal neus ex-alumos, ou alumos dos neus ex-alumos este Maseu é una ampliação da minte lirha de trabalho. É un Museu que trabalha principalmente con zoologia como evolução. Poderia ser un Museu de grande enfase surfológica. Digenos que tivesse tido um grande morfologiata orientando o Museu. A gente poderia ter aqui uma escola de Anatomia Comparada, que não temos. En me formed en Anatomia Comparada. Meu doutoramento é em Anatomia Comparada. Temo uma escelente anatomista aqui, formada com doutoramento en Roris, mas a perso nalidade do Museu nemo são as grandes revisões zoológicas de curbo evolutivo. Esca é a personalidade do casa.
 - T.F. Uma outra opção significaria dispersão?
 - P.V. Não. Temos que ter uma personalidade geral, porque aí as

UNICAMP ARQUIVO CLE pessoas se fartilizam mutumente. Primeiro, você não pode acubar com a liberdade do sujetto. Você não pode impor a ninguêm. Essa linha de pesquisa corum que a gente tam, é una coisa, por lado, consentida e, por outro, convergente, porque vem trabalhar comigo quem gosta de neu estilo. Quem gosta de Anatemia vai para um anateminta.

Além disso, a gente mesmo tem que forentar como primeira
coisa a interdisciplinaridado. Botai equi un mutemático.
Pel o primeiro naturalidado a Botai equi un mutemático.
Pel o primeiro naturalidado na USP. Sabe que não
existia a carreira de natemático na USP. A USP tirha o
Instituto de Natemática, e não tinha o emprego de matemá
tico. Pel uma briga de suis messe com a seção de pessoul.
Só gamhei a parada porque una advoyada lá se exceden, e
oficadeu os professores da Universidade. Então elas se no
teras em brica, e doran us basta na noça. Mas senão, elos
tinham levado o negócio es água moma, e o burocrata
ga
nhawa. A noça se excedeu, dei uma ripoda dura nela, e o
engócio foi parar no Conselho Universitário. Nouve uma
umanimidade ausia.

Mas botei agora um negócio aqui que me dá uma dor de cabe ça danada, que é uma moça trabalhando em morfologia fina de insetos. Precisa alguém em morfologia fina de histof<u>i</u> siologia.

E a terceira coisa são as apólices de seguro. Isto é,você



deve tur uma porção de remos que um dia passam se desenvolver. Se o ramo mestre pifa, você tem que ter, dentro da
cara, jã ou canais abertos. Um sujeito que seja um chefe
para agregar gente en outros campos. Não pode botar todos
ca ovos numa canta a5. Você tem que se preparar. Porque
a primeira coisa que você sabe como chefe, como diretor e
orientador de pesquica, é que o aproveitamento é poqueno
e que, principalmente aqui, es promessas, en grando parte,
secum logo. Tem uma rapaziada entusiasmada, mus homens de
35, entusiasmados bão muito memos. De 40, memos ainda. É
o país da menopansa precoco-

- M.B. O serbor está falando sobre a parte mais acadênica do Misseu. No que se refere à parte mais administrativa, o se nhor falou que una das rexões para o Museu funcionar bem era que o sembor delgava muito. Mas mão ficou elaro para nõs o que que é exatamente cesa delegação. O que que o sembor delega, a quem, e por que notivos?
- P.V. É o seguinte. Tembo dois vice-diretores, meus substitutos legais. Un deles for toda a ligação com a reltoria. Ele é que vé o dinheiro. Inclusive os adisnatementos são no nome dele. Da pergunto para ele: "Tem dirheiro para com prar papel, vidro, fâlcool?" Una vez que é ele que faz ig so, eu não ne meto, porque ele viaja peuco. É una person que não viaja como eu, porque estou no mato três, quatro neses por ano. Una vez que está delegado a cle, é delo.

Naturalmente, ele não faz nada sem me porguntar, sem a gente conversar. Mas não estou sabendo cano é que ele en tá gustando o dinheiro. Sei que ele gasta o dinheiro de material de consumo.

O segundo substituto é assessor dele, trabalha junto con ele, porque é un rapaz mais novo. É o que tapa o buraco na falta dele. De modo que para fazer essa cúpula de eda<u>i</u> nistração, nós sonos três. E tes una coisa: não delegamos nada para funcionário elministrativo.

M.B. - Todas as decisões, os professores ...?

p.V. - Decisões e tarefas tambán. Mas tambén não nos chamanos professores. Nenhum de nós, aqui em cira, é professor ou doutor. Nõs nos chamanos simplemente. Somos contra esse negócio.

> Mas vamos dar outro exemplo: as revistas. A conissão de redação das revistas é chefiada por mim, e tem dois biologistas. Eles recebem os trabalhos e distribuem para os as sessores, para ver se o trabalho é bom. Sou mantido a par do que está havendo, mas eu delego. Está delegado. É deles.

> Outra coisa. Temos uma estação experimental em Boracêia. Essa monina que está aqui, que passou aqui, a Chica, é a

encarregada de Doraccia. Não ganha nada. Minguám ganha
nada por essas funções. É argunjo intermo. A Chica, una
vez por mãe, vai lã, vê quo as picadas estão limpas, que
a casa está em ordem, que não ten lâmpada queimoda, que
não tem ninguém tixando palmito. É ela que dá autorização para entrar. O pessoal da Faculdade de Filosofia quer
ir lá dar aula, é ela que autoriza. Tudo deligado para ela.
É dela. Naturalmente, eu estou sabendo, porque, afinal de
contas, o responsável sou eu.

Varnes dizer, por exemplo, campra de vidroe, álcool e fornol. Vocá sabe que não há almozarife no Brasil. Os almo
xarifes são simplemente uns escriturários cu
serventes
muito ruins. Ten esse problema da qualidade do vidro.
Qual é a seção que mais gasta álcool, vidro e formol equil'

£ a seção de peixes. Então, é a seção de peixes que com
pra vidro, álcool, formol e camburão de plástico. O chefe
de poixes é que é o responsável por isso. Ele chega e
diz: "Chefe, vai precisar de tanto". Vanos ver se tem, se
não tem. É o que eu digo para vocês: a administração
do Masseu é feita pelos biologistas, pelos zoólogos do Museu.

M.B.-

I no foi montado pence a penco?

Foi.O mes antecessor, que alião 6 um dos neus selbrore sui gos, foi um dos malores centralizadores que houve. Inclusi vo, ele faria todas as contas de orçamento do Museu à mão. Ele metou a caveira dele cuando foi diretor do Museu. Não pegou no microscópio dele, porque não aereditava nem que a contebilidade scubemes fazer as contas. Fazia tudo à mão. Ficava horas e horas lã. A finica pessoa em ques ele confiava era en min, que era o vice-director. Ele delegou para min a parte científica do Nuseu. Botar gente nova, os cursos, tudo isso. Mas a edministração era toda dele. Ele sabia todas os tossões de cor.

O que aconteceu é que ele se esterilizou daquele jeito.

Agora ele está aposentado, trabalha para burro. Mas enquanto ele era diretor, não fez nada, porque ficava o tem
po todo de lápis lá na diretoria somando verba, vendo se
o chofer foi husour, se o correlo checou, etc.

Correio quem faz é a biblioteca. Como a biblioteca é que faz a expedição de rovistam, então, já trata da expedição de todo o resto. A bibliotecária não tem nada que ver com o correio, mas correio é uma função da biblioteca. De mo do que, na realidade, temos aqui duas seções administrativas: uma é de finanças e a outra não é. Porque a de finanças, por lei, você tem que ter. E é afiançado, tudo isso.

- M.B. E os funcionários administrativos, fazem o quê?
- P.V. Toiam a administração, tocam a sotima.
- M.B. Una outra coisa que tembém mão ficou muito clara para nos.

 O senhor falou muito das relações do Museu com una comuni

dade científica internacional, en termos de troca de cole ções.

p.V. - Então, vamos desligar isso ai.

[INTERRUPÇÃO DA FITH]

- P.V. Bu vi o trabalho do Henderson. Vou mostrar para vocês.
 - T.F. Mas eles mandaram uma coleção de Guatemala por quê?
- p.v. De Honduras.
- T.F. Mas eles têm base em Honduras?
- P.V. Eles mandares uma coleção de Belize. Vou mostrar para vo côs fisicamente como eras as coisas lã. Está aqui o trabalho do Henderson. Estão vendo? Recebi esse trabalho, é le mandou para mim. Nós parmutamos trabalhos. Isso é a gente com quem eu paramuto trabalhos: 2 7 0.
- M.B. O senhor tem um fichariozinho.
- T.F. Quando o senhor disse: "Bu estou interessado em construir a América Central", o que quiz dizer com isso?
- P.V. Ter coleções da América Central. "Vocês estão em condições

de permutar?" Ele falce: "Més não tenos muito, mas interessa, porque precisamos de zoologia brantleira". Então, ele no mundou tantas espécies raras. E eu, agora, mandei mais ou menos o memo número de espécies. O mesmo número de exemplares. Com Harvard, faço um sistema diferente: é aberto. Eles no randam o que tâm, o que acham que deven mandar ou o que eu peço. Depois mando o que quero tambés. Quer dizer, com Harvard, com American Masseu, cua Smithsonian é uma coisa completamente aberta.

Outra coisa . Eu queria Costa Rica e não tinha querendo trocar Costa Rica, ninguém querendo mexer em coleções. Aconteceu um negócio muito gozado. Eu vi nuna separata, nuna revista, un anúncio de un sujeito dizendo: "Estou interessado en vender bichos da Costa Rica, en colecionar para quen mandar". Escrevi para ele. Quando a carta tã tinha ido, descobrí que a revista era de dez anos atrás. O sujeito respondeu: "Fabuloso, em dez anos o se nhor é o primeiro que responde". Du escrevi para as auto ridades de conservação da Costa Rica, dizendo que era um material de pesquisa, etc. Então, de vez em quando, mando com dolares para ele por baixo do papo, e ele me manda... Aqui está minha correspondência com ele. E assim vai. En tendeu como é que é, o mecanismo como é que funciona? A gora, o fundamental é a propria separata, porque aí é onde a cente se mantém atualizado, é onde a gente faz o muterial de trabalho dentro da secão, en vez de estar buscando em revista na biliíoteca. Wool trabalha com o seu acervo, com a sum biblióteca. Quer diser, agut você tem o mundo inteiro na mão. Se vocês clharem o laboratório, vocês po dem ter um idiám mais física das coissas.

T.F. - E claro, Muito melhor.

- P.V. Outra coisa é a coleção organizada. O Butantã, por essem plo, ten una coleção que é una bogunça. Agora teve un holandês aqui que veio ver os bichos. A coleção, en primeiro lugar, é toda fichada. Qualquer bicho que nõs tenos nun determinado grupo, o sujeito escreve: "O que vocô ten dease bicho?" Ertão, eu sercoo e mando para ele. Alí "Me esquresta isso, me esquresta aquillo; troca isso, troca aqui lo". Então, ten a informeção sobre a coleção, e isso vai para o computador.
- T.F. O senhor empresta, o senhor manda, was por quanto tempo fi
- p.v. A rotina é seis meses. Para os sécios, a gente cobra o tempo todo. Para os amigos, a gente deixa. Mas ven ver a coloção.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

- T.F. Hã muitos pedidos de fora para cã? Isso tem variado no tempo? Como é isso?
- p.v. É constante. A parte de Entomologia então é brutal. O mou aqui, essa seção de répteis, é uma média de um a dois empréstimos por mês. Às vezes, são empréstimos grandes.
- M.B. O seminor falou que o Museu tem duas revistas. Por que duas?
- P.V. Una de artigos pequenos e outra de artigos grandes. É un problema físico.
- M.B. Nas duas as publicações são em inglês?
 - N. In qualquer língua, sas fundamentalmente en inglês e português. Forque é o seguinto. Bu recebo um éted hacé importante para o meu trabalho. Se o seu trabalho não for ana lisado do posto de vista de idéias ... Se eu descrever uma espécie nova, uma cobra, dizendo assim: a cabeça é chata, a crelha é redonda, o bigode é prêto qualquer um entende. Nas se eu começar a discutir idéias em português... Não posso exigir que ninguês vá entender uma diguessão sutil de idéias teóricas em português. Britão, se eu não escrever em inglês, simplesmente não rocebo aque le éced back. E outras coisse tembés, quem não sosber in quês não tem nível intelectual para entender um trabalho

de teoria. Porque, onĉe ê que o sujeito fez toda a base dele? En livros escritos em português, em Portugal, ou no Fundo de Cultura lá do Núxico?

- M.B. Esse tipo de relação de qual o senhor está falando, que é muito forte muna comunidade no exterior, como é que é isso equi no Brasil? Como é a relação do Museu com outras ing tituições, agul no Brasil? .
- P.V. Fraterna, excelente.
- M.B. Mas com troca de coleções, com troca de?
- p.v. Claro, com tudo. E nem troca, dá-se tudo. A relação in tecnostitucional no Brasail é muito boa. Com o INPA, com Maseu Goeldi, com o Museu Nacional. Não vivemos fazendo excursões juntos. Você vai lá e pega o que precisa. Quer dizer, existem problemas pessoais. Lógico. Tem gente que não gosta de aim, tem gente de quem eu não gosto. £ Walandro, safado, eu não gosto dele. Mas institucionalmen te, é fecilizo.
 - M.B. Com que instituições o Museu teria relações mais intensas?
- P.V. Depende das pessoas. Eu, por exemplo, tenho com Eurvard, em primeiro lugar, que é orde estribel e onde o sujeito que tem a minha posição lá, que trabalha no meu campo, foi neu

professor e é un dos meus melhores amigos. Tenos un monte de trabalhos publicados juntos. A minha ligação forto é con Harvard memo. Inclusive sou associado de pesquisa da Univermidade. Voto quando se mada de diretor, dou pulpite, sou consultado para contratar gente nova. A minha ó con Harvard.

> A Chica é com o Hawaí, porque o pés-doutorado dela foi fei to con o Carson, que é un geneticista do Hawaí. Aliás,ele foi embora ontem. É un sujeito marawilhoso. Hamanamente também muito bom. Então, todo o relacionemento da Chica é com o Hawaí. Ela junta dinheiro e vai passar un tempo 15.

Ten un enturologista cuja ligação é claifórnia. Berkeley, porque ten un sujeito lá en Berkeley que trabalha no nemo grupo que ele. Então, ficaram com muita amizada en Tenho muita ligação no Naseu Entânico. A pessoa lá do Británico, nesse carpo, é muito minha miga pessoal. Nos charamos de você, nos beljamos, etc. Esse pessoal todo me charamos de Vanzo. Tun un bicho que é charado Vanzóia.

T.F. - Isso é elogio, não é?

M.B. - Una coisa que queriamos saber se o senhor tem mais dados

para dar, seria o papel da Purdeção Rockefeller. O senhor

falou rapidamente sobre o papel que a Purdeção Rockefeller

- T.F. E por que Ciências Médicas?
- P.V. Medicina, porque eles tinham en geral un negócio de luta contra a faue, luta contra a doença. Era un negócio assim salvacionista, paternalista-salvacionista. Não se exqueça que ispo fol na dôcada de 20.
- M.B. E por que Genética?
- P.V. Acho que foi mais un encanto do breyfus. Agora, sobre a

 Rockefeller, não sou muito bon para falar, porque não sou

 nem geneticista. E para a parte nádica, sou muito novo,

 tonider alguán que esteja una geração atrãs da minha, que

 esteja com 65 anos hoje. A parte Genática, não conheço as

 intimidades. Quem conhece 6 o Pavan.
 - A.B. Existem outras instituições estrangeiras que deram apoio à pesquisas, en ciências biológicas?
- P.V. Num certo tempo, foi muito importante a Guggoinheim. Ela dava un direktro muito livre para a gente usar, e escolhia muito ben. Nas a Guggeinheim era o Now. Na hora en que o Now se aposentou, ficou un sujeito muito ben, chamado Matias, mas muito do medicorezinho. Entido, a bolsa da Guggeinheim realmente perdeu o caráter. Entenda, não estou dizendo que un bon sujeito não consiga uma Guggeinheim. Nas é quo tanto medicore consegue que, pura o país,

significância de una Guggelnhelm, que era una bolsa elitig ta, era un negócio de que se falava "sou fellow da Guggelnhelm" cun prazer, hoje en día nen ten nais no meu curriculo.

- M.B. Estabelecia também una diferença na comunidade quem era,
 quem não era?
- p.v. Não. Mas era assim uma distinção.
- M.B. the outra coisa que nos está courrendo. O senhor falou de
 uma série de crises pelas quais o Museu passou. Dava para
 o senhor recapitular un pouco para a gente? Basicamento,
 eran crises sujeitas à alguma mudança?
- P.V. Certo. Por exemplo, o Nuscu foi fundado en 1894. Poi con
 prada a coleção de un italiano chumado Sartori. Era un
 biéc-a-biac. É o chamado major Sartório, mas o nome dele
 era Sertori. É pogaran o Naman Von Thering que era un
 excelente cientista, para ser diretor do Museu. Era un excolente cientista, para ser diretor do Museu. Era un excolente cientista, para era aquele tipo de alemão egolata
 e racista. Ele nunca deixou un brasileiro trabalhar no
 Nuseu. Só como empregado. Mesmo os alemãos, o le trusia
 debaixo do calcanhar. Chupeva o trabalho de todo mundo,
 de forma que o Nuseu era o Therina.

Aconteceram duas coisas desagradáveis. Primeiro é que o

Thering parece que andos fazendo unas trapanagens de dinheiro. Depois de velho ele casou con una joves nobre ale mã. Isso é folelórico, coisas que a gente escuta falar no Nameu. Não sei de ciência certa. E parece que ele se neteu en trepanagen de dinheiro. Mandou fazer míveis para casa dele como se fosse para o Maseu; vendes una coleção de conchas dizendo que era pemuta. É o que disen. Nas isso foi en 1916, quando o sentimento anti-alenão no Brasil era fogo.

Tacaram o Ihering na rua e botaram o Immay, que era professor de física da Foliticanica. Queriam ve-lo longe da
Politicanica. E ele virou historiador. Então fol una cri
se danada. O Tannay botou una dois ou três zoôlogos,inclu
sive un que foi diretor aqui. Nas gente sea preparo. Quer
dizer, médico, farmaceutico, essas coisas assim. Então, o
Museu veio naquela batidirha. Quando essa Olivério Pinto,
que foi diretor quando eu entrei, se aposentou, foi una
crime danada, porque o Jémio guaria botar aqui un anigo
dele. Graças a Deus que na lei que criou essa Museu, que
naquele tempo era Departamento de Zoologia da Secretaria
de Agricultura, está encrito que o diretor deve ser un zo
logo de reconhecida competenciaje en plena atividade.

Então, nos brecamos o candidato do Jânio, e acabou sendo nomeado um sujeito que era maito bum zoólogo, o falecido Clemente Pereira, que era mito instituto Biológico, mas que

não tinha o menor espírito de museu. Ele morreu logo, de un câncer, mas não passamos um tempo de cão aqui com ele, porque ele, por exemplo, achava que não devia ficar junto das coleções. Botava as coleções no porão; mandava o ser vente buscar ... Ele não tinha o menor senso de museu nem amor por museu. São tinha esse amor por curadoria, por acervo, que a gente tem. Ele era um sujeito muito bon, muito direito. Simplesmente não era homem de museu,

AÍ, para o lugar dele, veio o Lindolfo Guinarões. Era un excelente diretor. Mas quando o Bonifâcio perdeu as eleg ções, o Lindolfo jã tinha tempo para se aposentar, e ficu apavorado que o Adenar forçasse a mão para ele se aposentar e botasse un dele - Adenar - aqui. Então, ele se aposentou para eu ficar diretor. Aí o Carvalho Pinto ne nomeou.

Começou a luta para passar para a Universidade, para sair da Secretaria de Agricultura. E havia un grupo que não queria ir para Universidade. Era o grupo, graças a Deus, dos ignorantes, dos retrogrados. Quando esse Museu passou para a Universidade, botes nove na rua.

M.B. - Quando foi essa passagem?

P.V. - En 69. Dia de Santo Antônio de 69. Nunca se fez isso numa instituição científica no Brasil - botar nove para fora, de un lance só. Só passou para a Universidade quen queria ir para a Universidade, quen tinha un compranisso de fazer doutoramento. Botei para fora os que não querian tem po integral. Dei una lima.

- T.F. Isso deve ter criado um movimento de resistância muito grande.
- P.V. Está brincando! Santo Deus! Em, acabou ajudando. Você sabe que eu levoi tanta denúncia de comunista dessa tuma que hoje eu podía ser calnamente comunista, se eu quisesse, que a polícia não ia ligar para mais nertuma denúncia.
- M.B. Agora, essa passagem anterior, o Museu era Museu e depois
 virou Departamento de Biologia ou simplesmente foi anexa
- P.V. Esqueci de falar nessa crize. Pulei. Vinha vindo na não do Jussy. O Ademar de Barros resolves dar um golpe contra o Instituto Biológico, que ele detestava. Então, tiron a Zoologia e a Botânica do Museu Paulista e pameou para a Secretaria de Agricultura, para fasec oposição ao Stológico destro da Secretaria de Agricultura. Os infelizes da Botânica, na hora em que não passanos para a Universidade, não quiescam passar. Enje torcem as crelhas mas não pinga sangue. Mas simplemente jogou a gente na Agricultura. O primeiro director do Museu Foi o Piza, professor de Piza-

caba, que soube que estava demitido pelo Diário Oficial.

O Ademur fez esse predio aqui incdiatamente. Na hora en que ele tirou o Museu Administrativo, começou a fazer esse predio. O pice predio do mundo. O a rachou três vezas. Mas fez rapidamente. Botou um padre de São Bento, que depois saiu. Era egente nazista, um tipo complicado, um tal de D. José Kretz, que mundava e desmandava, gritava com todo mundo. O nome dele no convento era D. Volker, mas de pois que ele deu baixa no Convento passou para José Kretz. Isso cra um trapalhão! Sumiram todos es livros da coleção de Aépteis, es livros dos registros antigos. Comecei a procurar, a ver se D. José ñão tinha levado para casa.Deg cobrī que ele tinha quatro casas diferentes, quatro domiej lios. Acabel descobrindo es livros.

T.F. - Que loucura!

P.V. - Teve passagens maravilhosas. Desliga isso ai.

- T.F. Eu, possoalmente, estava interessado em algumas coisas so hre o Biológico e o Butantã.
- P.V. Contego razorvalmente bem.
- O scrihor falou que o Biológico hoje não é nem scribra do que era.

P.V. - Não, Não é.

T.F. - O senhor podia especificar isso?

P.V. - O Biológico teve diversas coisas muito ruins. A primeira foi wa burocratização muito grande. O Biológico teve un diretor que era un dos individuos que mais conhecia legia lação do funcionalismo público, mas muito sediocre na par te de penguisa.

T.F. - Isso quando?

F.V. - Concou na época do Jindo. O Paulo Nóbrega morres. Outra coisa é que na Socretaria de Agricultura existe o chamado privativo de engenheiro agrinoso ou de veterinário. E essa é a pior desgraça no Brasil. Você imagina que no Institu to de Botânica da Secretaria de Agricultura, botânico não pode ser chefe de seção. Todos eles estão depositando a gratificação de chefia en julio. Perque o Conselho Regio nal de Engenharia, o CREA, determinou que eles não tinhos Botânica. Não pode ter chefe de Botânica numa repartição da Secretaria de Agricultura, porque é privativo do engenheiro agrânomo. Porque se chem engenheiro agrânomo, tam bán não sei, nas eles fazos sucesão.

Então, o agrônomo e o veterinário ajudam a matar o Biolóçico. Quen foram os grandes nomes do Biológico? Bier era mádico, Rocha e Silva, mádico. Tinha, por exemplo, o Fenha que, se não me engumo, era veterinário. Mas o sujeito lá valia pelo que fazia, e não era carreira privativa de nin cufe.

Então, havia uma tremenda burocratização. Depois, a fluência de certos idolos, de pseudo-idolos. Um sujeito que fez muito mal foi o José Reis. Ele era um pseudocientista. Era um sufeito extremamente bem organizado, um fichador e arquivista de primeira. Tinha a seção de molés tia de aves lá muito bem organizada. Ele e Paulo Nóbrega escreveram um livro de moléstia de aves que foi traduzido em 14 línguas. Mas isso era organização. Não era criati vidade. Ficou esse grande sucesso e o Rocha Lina mandou o Reis para os Estados Unidos, para trabalhar no laboratorio do Reavers. Quando voltasse, começaria a grande seção de virus no Biológico. Ele minca foi capaz de começar a fa zer nada em virus. Então, ele entrou para administração, foi criar Faculdade de Administração e Economia e esse necocio com o DASP estadual. Mas ele e o grupo dele, de gente muito organizada, muito arquivista, - mus ma cientista - tiveram una influencia deleteria sobre o Bio lógico. Sobrou gente la assim como o Penha, que é um sujeito competente, muito bom, mas é uma personalidade...

- p.v. O caso do Butantã é mito diferente. O Butantã nanca prostou e manca vai prestar. O Butantã nasceu com ceveira de
 burro, nasceu com outro pseudocientista; que era o Vital
 Erasil; tave um desastre científico e moral chamado Afrânio do Amaral; teve uma série de briga/Politica; foi um
 lugar dominado pelos técnicos de laboratório. É um negócio:
- T.F. Exatamente. O senhor falou em Vital Brasil. Mas ele exception de conceituado como um grande cientista.
- P.V. E a versão brasileira. Ele era um bom organizador de labo ratório. E nunca se esqueça que isso é cos initadoces de Osvaldo Cruz. É uma pena que Osvaldo Cruz tenha a persona lidade diluída polo dourado da pílula, porque ela era um sujeito, sob certos portos de vista, horroroso. Queinava perfunes e ... Você conhece Manguinhos. Mandar fazer um palácio mourisco, alguna coisa na cabeça do sujeito não está certa.

Mas ele era um grande prugsatista. Era um homem que en xergava um problema de pasquisa como uma colsa a ser resol vida. E qualquer angulokque precisasee cutrar, entrava sen medo, com naturalidade. O negóció do Chugas é maravi lhoso como História da Ciencia. Esse sin, esse era um gé nio sem Colo Chugas teve um filho maravilhoso. Não cese Carlinhos, que não é um mal rapaz, mas é um bobo alo gre, mas o outro, o Exersico. T.F. - O senhor conheceu o Evandro?

p.v. — No dia en que o Diandro morreu, fecharan a zona en Belén.
Ele jogara póquer con o dirheiro de pegar os funcionários.
E o Antenor Carvalho ficava atrás dele roconio unha, porque
era secretário dele. Quando funda o Sege era un negócio
assim, una dessas coisas, dessas loucuras de us homen só,
coisa de artista. Ele era o Sege. Então, recebia o dinhei
ro, hotava no bolas e sa para a zona jogar póguer. Depois
pedia emprestado para pagar. Ele era un tipo fabiloso. Bu
era muito meniro, tive pouco contato con ele.

T.F. - Meu sogro trabalhava con ele.

P.V. - Quem é seu sogro?

T.F. - Jansen.

P.V. - Então, essas coisas de Manguinhos que estou falando, você sabe nelhor que eu.

T.F. - Mas então Vital Brasil não era ...

P.V. - Não. São certas coisas que essa tuma não percebe. Como
é que se chamava o Instituto Osvaldo Cruz no começo? Ing
tituto de Mangainhos. Como é que chamava o Butantã no eo
meço? Instituto de Butantã. Quer dizer, o Butantã era
uma cúpia de Manguinhos. Uma coisa que o pessoal esquece
turbóm são duas pessoas que interegizas muito com o

Osvaldo Cruz, principalmente Emilio Ribas, que era um gran de sanitarista. Eles fizeras um tipo de Instituto, un posso como o Instituto Fasteur, essas coisas assima. O Vital Brasil era um bom diretor para essa coisa, mas ele mão tem trabalho de criatividade, nom o possoul dele fez alguma coisa demais. O que eles fizeram produção, rotina e adaptação de métodos.

- T.F. A saída dele parece que foi conflitiva. Ou foi por aposen tadoria?
- P.V. Não. Ele voltou depois. Foi briga política. Tem uma bi blioteca desse tamarho. O último livro que escreveram cha ma-se A Hidha de Lenna, dessa grossura.
- T.F. Quem escreveu?
- P.V. Eduardo Vaz, que foi diretor l\u00e1 no tempo do Ademar. O Ademar botou ele l\u00e1. Mas \u00e3 engraçadissimo. Tem carta do Afr\u00e1nio do Amaral ...

TRECHO ININTELIGIVEL

P.V. - O primeiro fisiologista do Butantã foi João Florêncio Gomes. Ele morreu na gripe de 19. Era um sujeito muito bom, com parasitología, com elefantiamo, essas coisas assim. A família deu os epentamentos do João Florêncio para o Afrã nio publicar. Afranio publicou um pouco com o nome do João Florêncio, e publicou também com o nome dele. Rasurou o livro ... O Butantá com porcaria da mais socidad, desde o começo. E hoje é um desastre. Fui do Conselho Superior do Extantã. Pedi dentissão porque não tinha o que fazer pelo Instituto.

- T.F. Não tem salvação.
- P.V. Bom, ten, não é? Mas quem você vni botar lá? É muito di fícil.
- T.F. Consta que o Afrânio do Amaral teria dado ao Butantâ un novo impulso, no período en que ele foi diretor.
- P.V. Não. O que o Afrânio fez foi trazer um bom químico.
- T.F. Quem foi?
- P.V. O Slotta, que era un bon químico de homônico; mas que fa zia mais homônicos de éguas grávidas para a CIBA, que para o Estantã mesmo. Foi un período assim de uma ciência eg trangeira mal enwertada. El conhect esse possoal que fazer Cenética de cavalo para una raça de cavalo de alta

produtividade do soro e nunca fez. O Klebusitzky também era para fazer melheria de soro e nunca fez. O Slotta sim, era bom. Teve un multo bom, mas não filcou muito tempo, um desses alemães semibalcânicos da Europa Central. Eu me es quect o nome dele.

Quan teve bon 1á fol o grupo de brakorinologia, o Thales... Deixou 1á depois o Juquita que logo foi posto para fora também. Compravam cavalo de roça como se fosse cavalo \underline{p} ra Soro. Eva ura coisa entrietecedora.

- T.F. Una pergunta puramente partindo da curiosidade: por que no seu ex-libris, o galo e a cobra?
- P.V. A eterna vigilância.
- T.F. A cobra também?
- P.V. A cobra é o ganha pão. É que naquele tempo eu trabalhava mais com a cobra. Conscei no Butantã, conscei no Biológi co em 38.
 - T.F. Quem estava na direção?
- F.V. Rea o Rocha Lina. Mas eu comecat com o Ciencete Percira.

 Era o laboratório dele. Es estava no quinto ano ginasial
 e, em 43, ful para o Butantã. Mas dal fui chanado para
 o exército.

- T.F. O senhor trabalhou pouco tempo?
- P.V. Um ano e pouco.
- T.F. Com quem?
- p.v. Sozinho. Fui dessa escola do Travassof que era uma encola muito vaidosa - se achava a melhor do mundo - mas que, na realidade, era dessatrosa. Chegoai nos Estados Unidos, ti ve um choque cultural que quase fui parar no hospício.
- T.F. Mas a que se devia esse choque cultural?
- p.v. É que eu tinha una idéia de que era zoólogo do mundo; que o Travassos era fabuloso; que o Clasente era impecável. E chegueí nos Estados Unidos, vi a realidade e desmontei . Toda a minha estrutura foi por água abaixo. Tive que op moçar tudo de novo.
- T.F. Como é que foi a sua adaptação? Havia diferença no tipo de ciência que se fazia?
- p.v. Yudo. Desde a fillosofia geral do que é culturay do que é ciência, do que é posquisa. Du

 """

 """

 """

 """

 """

 ""

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 ""

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 ""

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 ""

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 ""

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 ""

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 ""

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 ""

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 ""

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 ""

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 """

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 "

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

 ""

UNICAMP ARQUIVO CLE Eu figuei tão descentrolado, tão perturbado, que resolvi ler dois livros de una vez, para poder tirar o atraso. Ou se fui parar no hospíció. Daí me scertei. O pessoal lá era muito bon para min. Mes foi terrível a sáspinação.

- T.F. Essa idéia do Travasso/de colecionar fatos, de onde veio essa tradição?
- P.V. Acho que era da pura incompetência mental dele, pura inca pacidade de entender teoria.
 - T.F. Não está ligado a nenhuma influência?
- P.V. Falta de baso, falta de ginânio. Ele mão sabia escrever
 português, de munca tar lido un livro de literatura na vi
 do, de nunca ter sido capaz de covir una núsica, de nunca
 ter olhado nun quadro. Não sabia o nome de três pintores
 brasileiros. Desprezuva tudo isso. Eles coneçavam pelo
 desprezo à cultura geral.
 - T.F. O sembor acha que esse era o ambiente predominante da cultura brasileira daquela época?
- P.V. Não de cultura brasileira. Era o ambiente de Moologia em
 que eu me vi envolvido, por causa do grupo do Travassos.

 Ennto que tinha gente como Bier, como o Maurício Rocha e
 Silva, que não era gente que eu admire moralmente estou



T.F. - E isso. Acho que por enquanto chegamos ao fim, con o nossos auradecimentos.

